

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA -  
NÍVEL DE MESTRADO**

**PRISCILA ALVES DE BRITO**

**PRESENÇA E TRABALHO DE MULHERES NA FEIRA  
EMPODERAÍ NO MUNICÍPIO DE PARANAÍ – PR (2019-2023)**

**CAMPO MOURÃO  
2024**

**PRISCILA ALVES DE BRITO**

**PRESENÇA E TRABALHO DE MULHERES NA FEIRA EMPODERAÍ NO  
MUNICÍPIO DE PARANAVAÍ – PR (2019-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**Área de Concentração:** História Pública  
**Linha de Pesquisa:** Saberes e Linguagens  
**Orientadora:** Dra. Claudia Priori

**CAMPO MOURÃO  
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALVES DE BRITO, PRISCILA

Presença e Trabalho de Mulheres na Feira Empoderaí no Município de Paranavaí-PR (2019-2023) / PRISCILA ALVES DE BRITO. -- Campo Mourão-PR, 2024.  
174 f.: il.

Orientador: CLAUDIA PRIORI.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado em História Pública) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Mulheres feirantes. 2. História Pública. 3. Trabalho. 4. Podcast. I - PRIORI, CLAUDIA (orient). II - Título.

PRISCILA ALVES DE BRITO

**PRESENÇA E TRABALHO DE MULHERES NA FEIRA  
EMPODERAÍ NO MUNICÍPIO DE PARANAÍ – PR (2019-2023)**

**BANCA EXAMINADORA**

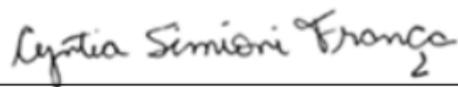
Documento assinado digitalmente  
 **CLAUDIA PRIORI**  
Data: 06/05/2024 19:35:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Dra. Claudia Priori – Unespar**

Presidente da Banca e Orientadora

CPF: 026.103.729-30



---

**Profa. Dra. Cyntia Simioni França – Unespar**

Examinadora Interna

CPF: 018.928.449-82

Documento assinado digitalmente  
 **FLAVIO RODRIGUES DE OLIVEIRA**  
Data: 01/05/2024 07:24:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Flávio Rodrigues de Oliveira – UEM**

Examinador Externo

CPF: 044.202.719-22

Data de Aprovação

26/04/2024

Campo Mourão – PR

## AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento em primeiro lugar vai a minha orientadora que após muitas pedras e tropeços no percurso da minha caminhada, me acolheu, orientou, compreendeu, respeitou minhas limitações, se preocupou e nunca desistiu de mim, sendo uma mulher que exerceu toda empatia e sororidade possível para com outra mulher, não sendo apenas uma profissional incrível, mas é uma das melhores pessoas que conheci na vida. Minha gratidão eterna à Dra. Cláudia Priori, serei eternamente grata por tudo e mais que isso, terei orgulho pelo resto da vida de tê-la para sempre como minha orientadora de mestrado em História Pública.

Agradeço também todos (as) demais professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em História Pública, pois sem eles (as), eu não teria aprendido e concluído essa jornada. Agradeço ainda à secretaria, à coordenação e aos/às colegas de curso de mestrado, em especial à Tatyane Larisa Moyano e Weverton José dos Santos Lima, que muito me apoiaram e deixaram a caminhada mais leve.

Deixo um registro especial de agradecimento para minha banca de qualificação à professora Dra. Cyntia Simoni França (UNESPAR) e ao professor Dr. Flávio Rodrigues de Oliveira (UEM), momento em que fizeram indicações pertinentes e que tanto contribuíram para o desenvolvimento final dessa pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu esposo Anderson Novaes Martinhão que não mediu esforços em me apoiar nessa empreitada, pegando estrada e ajustando sua jornada de trabalho para me levar às aulas do mestrado em Campo Mourão/PR e agradeço ainda a todas as mulheres da Feira Empoderaí, em especial Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva que sempre apoiaram e contribuíram na entrevista para a realização deste trabalho.

*“O segredo da felicidade e o cúmulo da arte é viver como todo mundo e ser como ninguém”*

Simone de Beauvoir

BRITO, Priscila Alves. **Presença e Trabalho de Mulheres na Feira Empoderaí no Município de Paranavaí-PR (2019-2023)**. 174f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP – Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar a presença, a atuação e o trabalho das mulheres na Feira Empoderaí que ocorre na cidade de Paranavaí/PR desde o ano de 2019, quando foi lançada sua primeira edição, permanecendo ativa a feira até o presente ano, contudo, com sua última edição em 2023. A feira foi idealizada e formada por um grupo de mulheres, as quais convidam a população a participar, desde que a feirante e produtora dos objetos expostos seja uma mulher. Assim, busca-se visibilizar o protagonismo das mulheres que atuam na feira, a partir da abordagem da História Pública, percebendo a construção de suas trajetórias e experiências no espaço público, mediante a metodologia da história oral para análise dos usos da memória, além do conhecimento acerca da história das mulheres e das relações de gênero. A discussão sobre questões de gênero e empoderamento feminino contribuem para a construção de uma história mais igualitária e sensível às diferentes experiências das mulheres na sociedade, e nessa relação com a História Pública nos pautamos nos estudos de Meg Foster, Gabriela Correia da Silva, Margareth Rago, Michelle Perrot, Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Ana Maria Mauad. A pesquisa apoia-se na abordagem democrática da História Pública, que valoriza a participação ativa das comunidades na construção da história, e ao trazer à tona as narrativas orais das mulheres feirantes, reconhece e valoriza suas contribuições para a comunidade, fortalecendo seu protagonismo e a importância de seus saberes e habilidades. Nesse sentido, a pesquisa também contribui para o conhecimento histórico da região, enriquecendo o acervo local e promovendo uma maior interação entre a academia e a sociedade, e dialogamos com Robert Kelley, Rebecca Conard, Thomas Cauvin, Wesley Johnson e Nicolas Theodoridis. A metodologia adotada na pesquisa é a da história oral em relação com a memória social, e nisso buscamos respaldo nos estudos de Alessandro Portelli, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu, que nos permite analisar as entrevistas e memórias das mulheres feirantes, possibilitando uma visão mais rica e diversificada sobre suas vivências e experiências. Acreditamos que uma história mais inclusiva é aquela que considera os diferentes pontos de vista e perspectivas das sujeitas, que muitas vezes foram marginalizadas ou ignoradas pelos registros históricos tradicionais. E por meio da criação do *podcast* PodEmpoderaí e de sua divulgação em plataformas digitais como *Spotify*, disponibilizamos para os públicos as entrevistas realizadas com Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva, com o propósito de que as audiências conheçam quem são as mulheres idealizadoras da Feira Empoderaí na cidade de Paranavaí/PR, a inspiração para o surgimento, a organização e o funcionamento da feira, bem como as experiências e trajetórias das mulheres feirantes e do trabalho de coletivos femininos no município.

**Palavras-chave:** Mulheres feirantes; História Pública; trabalho; *Podcast*.

## ABSTRACT

The research aims to analyze the presence, performance and work of women at the Empoderaí Fair that has been taking place in the city of Paranavaí/PR since 2019, when its first edition was launched, with the fair remaining active until this year, however, with its last edition in 2023. The fair was created and formed by a group of women, who invite the population to participate, as long as the marketer and producer of the objects on display is a woman. Thus, we seek to make visible the protagonism of women who work at the fair, from the Public History approach, perceiving the construction of their trajectories and experiences in public space, through an oral history methodology to analyze the uses of memory, in addition to knowledge about the history of women and gender relations. The discussion on gender issues and female empowerment contribute to the construction of a more egalitarian history that is sensitive to the different experiences of women in society, and in this relationship with Public History we are guided by the studies of Meg Foster, Gabriela Correia da Silva, Margareth Rago, Michelle Perrot, Juniele Rabêlo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai and Ana Maria Mauad. The research is based on the democratic approach of Public History, which values the active participation of communities in the construction of history, and by bringing to light the oral narratives of women market traders, it recognizes and values their contributions to the community, strengthening their protagonism and the importance of their knowledge and skills. In this sense, the research also contributes to the historical knowledge of the region, enriching the local collection and promoting greater interaction between academia and society, and we dialogued with Robert Kelley, Rebecca Conard, Thomas Cauvin, Wesley Johnson and Nicolas Theodoridis. The methodology adopted in the research is that of oral history in relation to social memory, and in this we seek support in the studies of Alessandro Portelli, Michel de Certeau and Pierre Bourdieu, which allows us to analyze the interviews and memories of women stallholders, enabling a more comprehensive view. rich and diverse about their lives and experiences. We believe that a more inclusive history is one that considers the different points of view and perspectives of the subjects, who have often been marginalized or ignored by traditional historical records. And through the creation of the PodEmpoderaí podcast and its dissemination on digital platforms such as Spotify, we made interviews carried out with Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos and Suzelaine Costa da Silva available to the public, with the purpose of get to know who the women creators of the Empoderaí Fair in the city of Paranavaí/PR are, the inspiration for the emergence, organization and operation of the fair, as well as the experiences and trajectories of the women marketers and the work of female collectives in the municipality.

**Keywords:** Market women; Public History; work; *Podcast*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> <i>Qr code</i> ao Podcast PodEmpoderaí.....	85
<b>Figura 02:</b> Giovanna Godoy Campos de Paula, ao fundo, tela intitulada Medusa, de autoria da pintora Priscila Brito.....	92
<b>Figura 03:</b> Kemmy Fukita Batista dos Santos.....	94
<b>Figura 04:</b> Suzy Costa da Silva, declamando poesia na VII edição da Feira Empoderaí.....	96
<b>Figura 05:</b> Praça dos Pioneiros no Centro de Paranavaí, vista de cima.....	101
<b>Figura 06:</b> Foto de uma das artes produzidas pela artista visual Kemmy Fukita.....	119
<b>Figura 07:</b> <i>Folder</i> da primeira edição da Feira Empoderaí.....	123
<b>Figura 08:</b> <i>Folder</i> com a lista de participantes da primeira edição da Feira Empoderaí .....	123
<b>Figura 09:</b> Foto das participantes da primeira edição da Feira Empoderaí .....	124
<b>Figura 10:</b> <i>Folder</i> da segunda edição da Feira Empoderaí .....	125
<b>Figura 11:</b> Foto do evento na segunda edição da Feira Empoderaí.....	126
<b>Figura 12:</b> <i>Folder</i> da terceira edição da Feira Empoderaí .....	127
<b>Figura 13:</b> Foto da expositora Priscila Alves de Brito na segunda edição da Feira Empoderaí.....	127
<b>Figura 14:</b> Foto da Feira Empoderaí .....	129
<b>Figura 15:</b> <i>Folder</i> da quarta edição da Feira Empoderaí .....	131
<b>Figura 16:</b> Tela doada para sorteio na Feira Empoderaí .....	132
<b>Figura 17:</b> Foto da Feira Empoderaí, expositora Priscila Brito.....	133
<b>Figura 18:</b> <i>Folder</i> da quinta edição da Feira Empoderaí .....	134
<b>Figura 19:</b> Foto da Feira Empoderaí.....	135
<b>Figura 20:</b> <i>Folder</i> da <i>Live</i> .....	137
<b>Figura 21:</b> <i>Print</i> da <i>Live</i> no <i>instagram</i> da feira .....	137
<b>Figura 22:</b> <i>Print</i> da <i>Live</i> no <i>instagram</i> da feira.....	138
<b>Figura 23:</b> <i>Folder</i> sobre a <i>Live</i> dentro dos 21 dias de ativismo .....	138
<b>Figura 24:</b> <i>Folder</i> da sexta edição da Feira Empoderaí.....	141
<b>Figura 25:</b> <i>Folder</i> da sétima edição.....	142
<b>Figura 26:</b> Tabela de preferência de conteúdo dos/as ouvintes brasileiros/as de <i>podcast</i> .....	144
<b>Figura 27:</b> Capa criada para o <i>podcast</i> PodEmpoderaí.....	150
<b>Figura 28:</b> Localização do Município de Paranavaí-PR.....	150

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 HISTÓRIA PÚBLICA E FEIRAS LIVRES ATRELADAS AO DISCURSO DE GÊNERO</b> .....	<b>24</b>
1.1 História Pública no Brasil.....	24
1.2 Surgimento das feiras no país.....	33
1.3 Memórias, história oral e autoridade compartilhada na História Pública.....	37
1.4 Feminismo, empoderamento feminino e gênero.....	41
<b>2 TRABALHO E PROTAGONISMO FEMININO</b> .....	<b>54</b>
2.1 A uberização dos processos de trabalho e a figura da mulher uma lógica neoliberalista.....	69
2.1.1 Panorama do trabalho feminino.....	76
2.2 Feiras no Brasil com protagonismo das mulheres.....	80
<b>3 A ENTREVISTA NO PODCAST PODEMPODERÁ DA FEIRA EMPODERAÍ</b> .....	<b>85</b>
3.1 Sobre a Feira Empoderaí e das feiras realizadas.....	109
3.1.1 Frida Khalo, a homenageada da primeira edição.....	121
3.1.2 <i>Elis Regina, a homenageada da segunda edição</i> .....	124
3.1.3 <i>Marielle Franco, a homenageada da terceira edição</i> .....	126
3.1.4 Edição Especial: 21 Dias de ativismo sobre a não violência contra a mulher - quarta edição.....	129
3.1.5 <i>Magó, a homenageada da quinta edição</i> .....	133
3.1.6 <i>Das Lives sobre violência doméstica contra as mulheres</i> .....	135
3.1.7 <i>Homenageada da sexta edição, Elza Soares</i> .....	140
3.1.8 <i>Da sétima edição, homenageada Gal Costa</i> .....	141
3.2 Da criação do <i>podcast</i> PodEmpoderaí.....	143
3.3 História Pública e Tecnologia <i>Podcast</i> : Uma Análise de Sua Sinergia e Impacto.....	151
3.4 Documentação e Preservação de Memórias através de <i>Podcasts</i> : Um Olhar para as Mulheres Feirantes.....	154
3.5 Interseção de Gênero, Cultura e História nos <i>Podcasts</i> .....	156
3.6 Metodologias e Abordagens na Criação de <i>Podcasts</i> Históricos.....	158
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>162</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>170</b>

## INTRODUÇÃO

A exclusão das mulheres dos espaços públicos tem sido um dos indicadores mais evidentes da discriminação que elas sofrem em diferentes sociedades. Mas o aumento da participação relativa das mulheres em espaços públicos significaria necessariamente um maior equilíbrio da relação entre os sexos? (Marie-France Garcia)

Pensar em História Pública a partir da trajetória como mulher que participa e acompanha, há algumas edições, uma feira local, a Feira Empoderaí, feita por mulheres e para mulheres no município de Paranavaí/PR, me fez começar a perceber que o conhecimento obtido naquele evento deve ser dividido, compartilhado e registrado, por meio da escuta daquelas a quem a gente chama de “outra”<sup>1</sup>. O termo “outra” usado nesse contexto se refere àquelas pessoas que estão fora do círculo social dominante ou da norma estabelecida. No contexto específico da Feira Empoderaí, no qual mulheres estão à frente da organização e participação, o “outra” se refere a mulheres que são frequentemente marginalizadas ou subestimadas na sociedade devido a questões de gênero.

A presente pesquisa se fundamenta no conceito de História Pública como um processo de produção, participação e comunicação com os públicos e para os públicos. A Feira Empoderaí<sup>2</sup>, por ser um espaço social hierarquizado, representa um exemplo significativo da interação entre universidade e sociedade, possibilitando o compartilhamento de saberes e experiências, e superando a tradicional dicotomia entre os que produzem conhecimento e os que o recebem. O objetivo é construir um conhecimento compartilhado, valorizando as narrativas das mulheres feirantes e da comunidade, reconhecendo sua importância na história local e permitindo que suas histórias sejam ouvidas e conhecidas pela sociedade em geral. A pesquisa busca promover uma história mais inclusiva, plural, colaborativa e diversa, unindo diferentes perspectivas e experiências para superar a tradicional divisão entre produtores e receptores de conhecimento.

No intuito de uma história mais democrática e do compartilhamento de saberes, a

---

<sup>1</sup> Nas sociedades patriarcais, as mulheres muitas vezes são consideradas outras em relação ao grupo dominante, que geralmente é composto por homens. Essa condição de outra pode resultar em uma experiência de vida diferenciada e em desafios específicos enfrentados pelas mulheres, incluindo a desigualdade de oportunidades e a luta por reconhecimento e empoderamento (CUNHA, 2014).

<sup>2</sup> Instagram da Feira Empoderaí, aponte para o QRCode com a câmera do celular.



realização desse trabalho está pautada na escuta das narrativas de três mulheres entrevistadas, Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva, partindo de uma história oral, partilhando de memórias e construção de autoridade compartilhada.

A história da iniciativa dessas três mulheres num município do noroeste do Paraná quais sejam Kemmy Fukita Batista dos Santos, 27 (vinte e sete) anos de idade, formada em design de moda, com pós-graduação em educação especial e graduanda de educação artística, trabalha atualmente como artista visual e professora de desenho nas escolas municipais da cidade de Paranaíba/PR; Giovanna Godoy Campo de Paula, 23 (vinte e três) anos, graduanda em psicologia e trabalha atualmente como crediária em uma loja de sapatos na cidade de Paranaíba/PR e Suzelaine Costa da Silva, 35 (trinta e cinco) anos, conhecida como Suzy S. Costa, designer de sobancelhas, artista, com graduação incompleta no curso de letras. Vale lembrar que ainda não há estudos sobre a Feira Empoderaí e sua prática – sendo este o primeiro – o que pode servir de inspiração para que mais mulheres passem a ter práticas colaborativas que venham a contribuir na economia própria ou mesmo na geração de renda na sua comunidade.

Diferente de divisões empresariais formais, esse ambiente das feiras proporciona um novo estilo de vida, no qual as mulheres feirantes têm a oportunidade de obter renda, demonstrando sua capacidade de gerir um pequeno empreendimento. Essa experiência promove um sentimento de autorrealização e autoestima elevada, uma vez que conquistam seu sustento por meio de seu próprio trabalho e estão alinhadas com os processos de globalização e transformações sociais, econômicas e urbanas (MAGALHÃES et al., 2020). Além disso, representam espaço de sociabilidade, troca de experiências, redes de apoio, também espaço para intrigas e conflitos entre mulheres (ROCHA; VARGAS, 2021).

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a presença, a atuação e o trabalho das mulheres na Feira Empoderaí, no município de Paranaíba/PR, entre os anos de 2019 e 2023. Partimos da escuta dessas mulheres, por meio de suas narrativas orais, que se desdobraram na criação do *podcast* PodEmpoderaí<sup>3</sup>, em que as entrevistadas partilham suas experiências, protagonismos e articulações na arte de vender e sobreviver do que produzem. Sendo assim, pensar nas ações dessas mulheres, levando em conta sua realidade de sujeitas plurais e protagonistas de suas histórias e da região onde vivem, é pensar também em ações de autonomia e desenvolvimento econômico na luta pela sobrevivência e emancipação, sem perder de vista os adicionais desafios impostos pelas desigualdades de gênero, criação dos(as)

---

<sup>3</sup> Disponível na plataforma Spotify: <https://open.spotify.com/episode/1gcpjZSZHCn2pYR2Nzg12G>

filhos(as), enfrentamento de situações de preconceito, discriminação e dominação masculina, que perpassam o papel social de mulheres que desenvolvem estratégias e táticas de poder.

O desenvolvimento das estratégias e táticas de poder encontram respaldo na obra de Michel de Certeau (2014) "*A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*", na qual o historiador aborda a noção de práticas cotidianas e as estratégias adotadas pelos indivíduos para lidar com as limitações e estruturas sociais impostas. De Certeau destaca que, na vida cotidiana, as pessoas são frequentemente submetidas a sistemas de poder, mas também encontram maneiras criativas de resistir e se adaptar a essas condições. O conceito central em "*As Artes de Fazer*" é a noção de "táticas", que se refere às estratégias de ação e manobra usadas pelos indivíduos em seu cotidiano. Enquanto as estratégias são planejadas e executadas por quem detêm o poder. As táticas são as ações sutis e muitas vezes invisíveis adotadas por indivíduos que buscam contornar ou se adaptar às estruturas opressivas. Por sua vez, De Certeau (2014) enfatiza a importância do "espaço cotidiano" e como as práticas e táticas dos indivíduos se desenrolam nesse espaço, explorando como as pessoas utilizam lugares e contextos específicos para exercer sua liberdade, resistência e criatividade em meio a estruturas sociais estabelecidas.

Dentro da definição proposta, busca-se compreender as maneiras pelas quais as mulheres feirantes possivelmente empregam suas "artes de fazer" para lidar com os desafios do mercado, talvez formando suas identidades comerciais e se posicionando em um ambiente que pode ser tanto economicamente quanto simbolicamente hierarquizado. Ao participarem da feira, essas mulheres podem usar táticas para se fortalecer, possivelmente resistindo a potenciais pressões de gênero e aspirando à autonomia econômica. As narrativas orais dessas mulheres fornecem um vislumbre de suas práticas diárias, suas possíveis táticas de sobrevivência e como moldam suas ações dependendo do contexto em que atuam. Assim, este estudo tem o potencial de enriquecer a análise da História Pública ao considerar as perspectivas e experiências dessas mulheres.

Ademais, trazer essas sujeitas para o cerne da pesquisa configura-se como uma ampliação e como uma possibilidade de promover uma maior reflexão sobre a temática que envolve o trabalho feminino, assim como conceitos relacionados ao espaço público, ao ponto de comércio, ao local de entretenimento, de arte, de histórias e de vivências. Além de tudo isso, a Feira Empoderaí atua como um espaço de emancipação feminina. Nesse sentido, o recorte temporal desta pesquisa remete ao ano de 2019, ano da primeira edição da feira, até a última edição realizada em 2023. Firma-se, portanto, o objetivo de trabalhar com as mulheres envolvidas no processo da feira, pois a mesma se constitui como um espaço plural, um lugar

para o comércio, para a arte, para os encontros, para as conversas e, principalmente, como um lugar democrático, palco de muitas histórias e vivências de sujeitas que contribuem para instigar mais mulheres a desenvolverem seus negócios, de modo a colaborar também com o desenvolvimento da economia local, o sustento familiar e a independência financeira.

No que tange ao aporte teórico-metodológico da pesquisa, como já mencionado, a pesquisa está baseada na história oral, com seu caráter interdisciplinar e com possibilidades interpretativas das narrativas femininas, que privilegiará, em seu percurso, a subjetividade e a memória das protagonistas, potencializando as experiências de trabalho das mulheres e de grupos sociais, que estão historicamente à margem da sociedade. E além do presente trabalho produzir, metodologicamente, conhecimento com as mulheres entrevistadas por meio da escuta e coleta de suas narrativas, também se envereda para o público com a história digital, ou seja, com a criação do *podcast* PodEmpoderá.

A escolha por evidenciar as narrativas das mulheres que atuam tanto na organização da feira quanto as feirantes, se alinha com o propósito de diversas pesquisadoras feministas que buscaram redefinir e alargar as “(...) noções tradicionais daquilo que é historicamente importante (...)” (SCOTT, 1995, p. 73). Scott (1995) explica que, desde a década de 1970, feministas, como Natalie Davis, Ann D. Gordon, Mari Jo Buhle e Nancy Shrom Dye, buscavam reescrever uma nova história, na qual a experiência pessoal e política das mulheres importava. Aqui, não temos a pretensão de reescrever a história, e sim de contar histórias que foram relegadas ao silenciamento, a partir do ponto de vista de mulheres envolvidas com a Feira Empoderaí entre os anos de 2019 e 2023.

A História Pública e a Feira Empoderaí possuem em comum a aproximação com os públicos e a inserção desses nos processos de construção, seja do conhecimento histórico, seja da narrativa de empoderamento feminino, além do envolvimento do público. Compreendo que a feira possui um potencial para a divulgação dos conhecimentos históricos, em que a mensagem passada por mulheres presentes no evento atinge as mais diversas camadas sociais.

Dessa maneira, é de extrema relevância observar de modo mais amplo o aumento da participação das mulheres na renda familiar, assim como o crescimento da porcentagem das mulheres que abrem seu próprio negócio, que já ultrapassa a participação masculina, no que diz respeito a micro e pequenas empresas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Um estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) revelou que o empreendedorismo feminino no Brasil apresentou sinais de recuperação no último trimestre de 2021, após sofrer uma retração nos primeiros meses da pandemia de covid-19. O número de mulheres à frente de negócios no país aumentou de 8,6 milhões no segundo trimestre de 2020 para 10,1 milhões no último trimestre de 2021, igualando o resultado registrado antes da pandemia, no mesmo período de 2019. Apesar dessa evolução, a participação das

As mulheres tornaram-se protagonistas de sua história por meio do trabalho, que inclusive remonta aos primórdios da humanidade e possui uma vasta história de acordo com as diferentes culturas, períodos históricos e contextos sociais<sup>5</sup>. Historicamente, as atividades desempenhadas pelas mulheres estavam fortemente associadas às suas funções reprodutivas e ao cuidado do lar e da família, nesse sentido, nota-se que, “a não consideração dos afazeres domésticos como trabalho silenciou e tornou invisível, por muito tempo, relações assimétricas e de poder entre os sexos (...)” (SOUZA, 2021, p. 124). No entanto, ao longo do tempo, a participação feminina no mundo do trabalho evoluiu e se transformou significativamente, dessa maneira, o trabalho feminino surgiu para atender a essa demanda por protagonismo e necessidade financeira, ainda que contrariando as expectativas da sociedade patriarcal.

Durante o século XX, as lutas dos movimentos feministas e das trabalhadoras contribuíram para conquistas importantes na área do trabalho. Durante as guerras mundiais, as mulheres assumiram funções antes restritas aos homens, mostrando sua capacidade e competência em diversas profissões. Esse período também viu um aumento da participação feminina no mercado de trabalho formal e informal.

O mercado informal sempre foi uma importante esfera de atuação para as mulheres ao longo do tempo. Essas atividades informais têm desempenhado um papel fundamental na geração de renda e no sustento das famílias, especialmente em comunidades aonde as oportunidades formais de emprego podem ser limitadas ou inacessíveis para as mulheres. As vendedoras ambulantes de roupas, artesãs e consultoras de venda por catálogo são exemplos clássicos de mulheres que atuam no mercado informal. Essas atividades permitem que elas trabalhem por conta própria, sejam suas próprias chefes e tenham uma maior flexibilidade em suas jornadas de trabalho, o que muitas vezes é necessário para conciliar com as responsabilidades domésticas e familiares.

---

mulheres empreendedoras no universo de donos de negócio no Brasil ainda está abaixo da melhor marca histórica, representando 34% do total. A pesquisa também mostrou que a proporção de mulheres que são chefes de domicílio aumentou, mas a participação das mulheres negras à frente dos negócios diminuiu. A escolaridade das mulheres empreendedoras também aumentou, com 68% delas tendo pelo menos o ensino médio. Além disso, houve crescimento da participação feminina nos setores de informação/comunicação e educação/saúde (BERALDO, 2022).

<sup>5</sup> Em sociedades antigas, as mulheres eram frequentemente responsáveis pela produção de alimentos, como a agricultura e a colheita de cultivos. Além disso, elas exerciam atividades relacionadas ao artesanato, têxteis, cerâmica e outras formas de manufatura. Nas civilizações egípcia, grega e romana, mulheres também participavam do comércio, vendendo seus produtos em mercados e feiras. Durante a Idade Média, o trabalho das mulheres geralmente estava concentrado em atividades domésticas e agrícolas, com uma ênfase na produção têxtil. Nesse período, muitas mulheres trabalhavam como tecelãs e costureiras, contribuindo para a economia de suas comunidades. A Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, trouxe mudanças significativas para o trabalho feminino. Com a migração da população rural para as cidades em busca de emprego nas fábricas, as mulheres também ingressaram na força de trabalho industrial. Muitas trabalhavam longas horas em condições precárias, especialmente nas indústrias têxteis e de vestuário.

Nas últimas décadas, as mulheres têm progredido em diversas áreas profissionais, incluindo ciência, tecnologia, política e liderança empresarial. No entanto, ainda enfrentam desigualdades salariais e desafios para equilibrar responsabilidades profissionais e familiares. Neste contexto, a dominação-exploração, embora seja um fenômeno único, pode ser percebida como possuindo duas dimensões distintas. A primeira face é a base econômica do patriarcado, que se manifesta em várias formas de discriminação. Isso inclui a intensa discriminação salarial contra mulheres, segregação ocupacional, e a marginalização das mulheres de importantes papéis econômicos e políticos deliberativos. A segunda face da dominação-exploração é de natureza sociocultural e se refere ao controle da sexualidade feminina e da capacidade reprodutiva. Este aspecto do patriarcado implica em restringir a autonomia das mulheres em relação a seus corpos e vidas reprodutivas, contribuindo para a perpetuação de estruturas de poder patriarcais (SAFFIOTI, 2015). Portanto, a dominação e a exploração das mulheres existem tanto em níveis econômicos como sociais, com o patriarcado exercendo controle e limitando a autonomia das mulheres em ambas as esferas.

Podemos começar por refletir sobre como a atribuição de inferioridade ao feminino e as desigualdades nas relações de poder entre homens e mulheres emergem do conceito de gênero. Este conceito envolve a construção social do masculino e do feminino, estabelecendo uma diferenciação entre os papéis de homens e mulheres. Este processo, contudo, é um produto de construções sociais e também pode dar origem a relações igualitárias. Em contraponto, quando examinamos o sistema patriarcal, as relações são sempre hierarquizadas e socialmente desiguais. O patriarcado perpetua uma estrutura de poder na qual o masculino é frequentemente privilegiado em detrimento do feminino, resultando em uma disparidade contínua nas relações de poder entre os gêneros (HIRATA, 2014).

Contemporaneamente, o trabalho das mulheres abrange praticamente todos os setores da economia, desde a indústria e comércio até a educação, saúde, ciência, arte e tecnologia. Com a criação do Microempreendedor Individual (MEI) em 2008, até mesmo espaços antes marcados pela informalidade se tornaram acessíveis. Apesar dos avanços, é importante continuar a lutar pela igualdade de oportunidades, reconhecimento e valorização do trabalho feminino em todas as suas formas, garantindo que as conquistas do passado sejam alicerces para um futuro mais justo e inclusivo. Contudo, o patriarcado ainda continua a guiar as relações sociais na nossa sociedade. Esse sistema é sustentado pelo modo de produção capitalista e se manifesta nas diversas esferas públicas, na divisão social e sexual do trabalho entre homens e mulheres, na hierarquização da concepção de família, nas desigualdades e na opressão econômica. Este sistema é histórico e perpetua um funcionamento social que atinge

a todos e todas (JONATHAN, 2011). O programa MEI, criado em 2008, permite que trabalhadores informais se formalizem como pequenos empresários. Os inscritos no MEI pagam uma taxa mensal reduzida, que garante direitos como aposentadoria por idade, licença maternidade, e auxílio-doença, mas com algumas limitações. A formalização também permite o acesso a linhas de crédito e benefícios empresariais, como a emissão de notas fiscais. No entanto, o programa tem restrições, como um faturamento anual máximo e a impossibilidade de ter mais de um(a) empregado(a).

Portanto, há de se pensar que este é um regime que só exclui as mulheres do status de sujeita político, e como aponta Saffioti (2015) é imprescindível um reforço permanente sobre a dimensão histórica da dominação masculina para que se compreenda e se dimensione adequadamente o patriarcado. Nesse ínterim, destacamos a importância da luta antirracista na incorporação na luta feminista, pois somente a partir disso é que será possível abarcar a liberdade da maioria das mulheres, pensando em um feminismo como instrumento de libertação de todas as mulheres.

As desigualdades sociais, notadamente aquelas baseadas em gênero e raça, encontram sustentação na divisão do trabalho. Em uma sociedade patriarcal, há uma relação de poder e dominação exercida pelos homens sobre as mulheres. Este é um padrão normativo dessa sociedade e desse sistema de produção, sendo frequentemente tratado como uma naturalidade no comportamento social. Nesse contexto, homens brancos heterossexuais são frequentemente posicionados como dominantes. Isto implica que qualquer pessoa que não se encaixe neste estereótipo racial e de gênero pode ser relegada a um grau inferior de privilégio. Nesta hierarquia, as mulheres negras, em particular, vivenciam o ônus mais pesado, com suas vozes frequentemente minimizadas ou tornadas invisíveis (BELTRAMINI; CEPellos; PEREIRA, 2022). Essa divisão desigual de poder e privilégio pode ser vista em muitos aspectos da vida social e econômica, influenciando oportunidades de emprego, remuneração, educação, e acesso a recursos. A luta pela igualdade, então, envolve a desconstrução desses estereótipos normativos e a luta contra as práticas que os reforçam.

Por sua vez, a temática do empreendedorismo surge na década de 1990. Nesse sentido, é válido mencionar que, precisamente em 1998, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) realizou o primeiro seminário de mulheres empreendedoras no Brasil. Nele, foi discutido a importância das mulheres no empreendedorismo local, nos pequenos negócios. As mulheres representavam, pelo menos, metade da população mundial, ou seja, quase em equilíbrio com os homens. Outro dado que foi observado consistiu na sua inclinação em atender sua necessidade e de outras pessoas na

criação de negócios. O evento ainda discutiu a relevância das mulheres na direção de seus negócios e a consequência disso na sociedade, em forma de desenvolvimento econômico, inovação e postos de trabalho. Por fim, o evento pontuou três destaques, sendo eles em relação à economia, à sociedade e à política, conforme salientados a seguir: a) economia: geração de renda, autoemprego e também de outras pessoas; b) sociedade: horários flexíveis, que possibilitam maior equilíbrio entre família e trabalho; e c) política: liberdade e independência na tomada de decisões.

No entanto, apesar de todos os avanços citados, a informalidade ainda é presente na nossa sociedade, assim como, com o progresso dos trabalhos por aplicativos, mais mulheres passaram a atuar sem direitos trabalhistas, com renda instável. Para enfrentar essas questões, é essencial implementar políticas públicas e programas que promovam a inclusão econômica das mulheres, oferecendo oportunidades de trabalho formal, acesso à educação e capacitação profissional, além de proteções trabalhistas adequadas para aquelas que atuam no mercado informal. Valorizar e apoiar o trabalho das mulheres é fundamental para alcançar a igualdade de gênero e o desenvolvimento sustentável em todas as esferas da sociedade.

Ressalto, portanto, que a presente pesquisa busca analisar narrativas orais de mulheres feirantes e seus protagonismos sob a ótica da História Pública. Nesse sentido, importa ressaltar que História Pública não se trata somente de ensinar e divulgar determinado conhecimento. Ao invés disso, ela pressupõe pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É, assim, um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, mas não apenas pensando na preservação da cultura material, e sim em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. “Enfim, como tornar o passado útil para o presente” (ALMEIDA; ROVAI, 2013, p.3).

As narrativas das mulheres entrevistadas são analisadas através da lente da história oral e da memória social, permitindo uma exploração de suas experiências e perspectivas individuais. O material coletado durante as entrevistas serviu não apenas como base para a análise das vivências e experiências das mulheres, mas também como uma fonte rica para a criação do *podcast* PodEmpoderá, e o episódio "*Entrevista com Giovanna Godoy, Kemmy Fukita e Suzy Costa*". O *podcast* supracitado é uma iniciativa voltada à disseminação de História Pública por meio de um formato digital e interativo, alinhando-se ao movimento de história digital que tem se destacado nos últimos anos. A proposta de criação do *podcast* PodEmpoderá é, portanto, uma retomada da história, uma forma de reconhecer e valorizar as narrativas que muitas vezes são deixadas à margem. Ele não só retrata as histórias de vida das

mulheres feirantes, mas também é concebido como uma plataforma para divulgação contínua dos temas que serão abordados nas próximas edições da feira, servindo como um instrumento para difundir conhecimento e provocar discussões acerca dos assuntos pertinentes à feira Empoderaí. Tudo isso é realizado em uma ação colaborativa entre a pesquisadora –também expositora de arte na feira – e a participação ativa das mulheres entrevistadas na produção e na disseminação do *podcast*, garantindo que suas vozes e histórias sejam ouvidas e valorizadas por amplos públicos e/ou audiências.

A fim de finalizar a presente introdução, esquematizo os componentes dessa dissertação, explicando como estão estruturados os capítulos. No capítulo 1: “História Pública e feiras livres atreladas ao discurso de gênero”, discutimos a relação entre a História Pública e o conceito de feiras livres e as narrativas de gênero. No capítulo 2: Trabalho e protagonismo feminino, encontra-se o diálogo sobre feiras e trabalho, dentro de um debate contemporâneo. O estudo busca entender como as mulheres estão se destacando no cenário profissional das feiras, analisando suas trajetórias, desafios e conquistas nesse espaço público específico. A discussão se concentra em evidenciar o papel das feiras como espaços de empoderamento e autonomia para as mulheres, onde elas podem expor e vender seus produtos e serviços. No capítulo 3: Feira Empoderaí no município de Paranavaí/PR, é apresentado o cenário que envolve a feira e suas características, desde o seu surgimento até a sua última edição.

Espera-se que a pesquisa a ser desenvolvida possa contribuir para os estudos de História Pública e das relações de gênero, principalmente, para que o valor do coletivo feminino nas feiras locais seja entendido, assim como as contribuições que as mulheres entrevistadas podem trazer para os estudos históricos das mais diversas áreas. Nessa direção, almeja-se que esta dissertação colabore para a abertura de novos movimentos que visem aos coletivos femininos e também para expor o trabalho de outras mulheres, assim como aconteceu com o meu.

## **1 HISTÓRIA PÚBLICA E FEIRAS LIVRES ATRELADAS AO DISCURSO DE GÊNERO**

No presente capítulo discutimos a temática da História Pública e sua conexão com as feiras livres, com especial atenção ao discurso de gênero. As feiras livres têm desempenhado um papel relevante nas sociedades ao longo do tempo, sendo espaços de interação social, trocas comerciais e expressão cultural. Ao analisarmos as feiras sob a perspectiva da História Pública, torna-se possível desvendar a dinâmica desses eventos como elementos essenciais da memória coletiva e da identidade cultural de comunidades locais.

Nesse contexto, a dimensão de gênero se torna fundamental, uma vez que as feiras livres frequentemente refletem e reproduzem relações de poder, normas sociais e estereótipos de gênero. A presença e participação de mulheres nesses espaços públicos e ambientes comerciais têm sido influenciadas por fatores históricos, culturais e econômicos, bem como por lutas por igualdade e visibilidade feminina.

Buscamos também, neste capítulo, refletir sobre as interações de gênero, levando em consideração a atuação e os papéis desempenhados pelas mulheres feirantes e clientes, nos atentando para as táticas e ações de empoderamento feminino presentes nesses espaços, bem como a valorização e resistência de práticas culturais e saberes tradicionalmente femininos.

A abordagem da História Pública permite compreender como as feiras livres se tornam arenas para a construção e reconstrução de narrativas coletivas, destacando as experiências das mulheres envolvidas e suas contribuições para a preservação de tradições e memórias. Além disso, essa análise possibilita revelar como os discursos de gênero se manifestam nas feiras, influenciando as relações de poder e a visibilidade das mulheres nesses contextos.

Ao explorar a intersecção entre História Pública, feiras livres e discurso de gênero, pretendemos lançar luz sobre a importância desses espaços públicos e comerciais enquanto patrimônio cultural e social, destacando a relevância da inclusão de diferentes perspectivas e vozes femininas na construção da história coletiva. Por meio dessa análise, podemos vislumbrar como as feiras livres se tornam palcos de resistência e de empoderamento feminino, contribuindo para a compreensão mais ampla dos desafios e conquistas das mulheres nas sociedades contemporâneas.

### **1.1 História Pública no Brasil**

A História Pública pode ser entendida como uma forma de produzir, difundir e

discutir o conhecimento histórico, em diálogo com diferentes públicos e demandas sociais, nesse sentido, ela se posiciona entre as políticas públicas e os públicos da história. Robert Kelley (1978) afirma que a História Pública foi criada, principalmente, em oposição ao que se percebia como uma história acadêmica tradicional, que ignorava o público. Em um princípio, foi definida simplesmente como o tipo de história que era feita fora da sala de aula.

Assim, de um lado, a História Pública se relaciona com as políticas públicas de preservação e divulgação do patrimônio cultural, bem como com as políticas de acesso à informação e à memória. De outro lado, a História Pública também se relaciona com os públicos da história, isto é, com as pessoas que são objeto e sujeito do conhecimento histórico. Esses públicos são heterogêneos e têm diferentes interesses e expectativas em relação à história. A História Pública desenvolve estratégias de comunicação e diálogo que valorizem as perspectivas dos públicos e estimulem sua participação na produção e divulgação do conhecimento histórico.

Considerando que a presente pesquisa busca analisar a atuação e o trabalho realizado por mulheres nas edições da Feira Empoderaí no município de Paranavaí/PR, e essa se pauta no campo da História Pública, faz-se necessário estabelecer alguns aspectos importantes que identificam a área de estudo ao tema abordado.

(...) Será que todos os que debruçam sobre o passado com participação do público (sejam eles visitantes de museus, telespectadores ou grupos de estudantes) é um “historiador público”? A “História Pública” é um guarda-chuva tão acolhedor a ponto de oferecer abrigo a todas as formas de história “popular” – seja ela a história oral ou a “história dos povos”, a “história aplicada” ou os “estudos do patrimônio”? A resposta provavelmente é um generoso “sim” (...). (ALMEIDA e ROVAI, 2011, p.32).

A História Pública surgiu como um campo acadêmico nos Estados Unidos na década de 1970, como uma resposta à demanda crescente por historiadores(as) que pudessem se envolver na prática de divulgação da história para um público mais amplo (CAUVIN, 2019). Nos anos seguintes, vários museus e instituições culturais começaram a adotar abordagens para contar histórias para as pessoas visitantes, o que levou a um interesse crescente pelo campo da História Pública. No entanto, a História Pública também tem raízes em outros países e culturas.

Na Europa, por exemplo, o movimento de educação popular do século XIX foi uma forma de História Pública, na medida em que buscava divulgar a história para as classes trabalhadoras. Além disso, muitas culturas indígenas de todo o mundo têm uma tradição rica de História Pública, que conta as histórias de suas comunidades e preserva a memória coletiva.

Com o tempo, a História Pública se tornou um campo interdisciplinar, que envolve profissionais de diversas áreas trabalhando na divulgação e interpretação da história para o público em geral. Isso inclui historiadores(as), antropólogos(as), educadores(as), curadores(as) de museus e muitos outros(as) especialistas comprometidos(as) com essa tarefa. Com o surgimento do campo da História Pública, observa-se o trabalho de Kelley (1978), que ficou conhecido por defender a abordagem democrática da História Pública, que enfatiza a importância de compartilhar a história com o público em geral, estimular o debate e a participação cidadã.

Já a historiadora americana Rebecca Conard (2015), em sua obra "*The pragmatic roots of public history*", é uma das principais pesquisadoras e defensoras da História Pública nos Estados Unidos, e sua pesquisa tem sido influente no desenvolvimento da disciplina. A autora enfatiza a importância de tornar a história mais pragmática, ou seja, aplicável e útil para a sociedade como um todo. Ela defende que a história não deve se limitar apenas ao ambiente acadêmico, mas deve ser compartilhada com o público de forma significativa e envolvente. Isso implica em explorar diferentes formas de comunicar a história, utilizando métodos e linguagens que se conectem com o público de maneira acessível e envolvente.

Na sua introdução ao primeiro volume de "*The Public Historian*", Wesley Johnson (1978) enumerou oito setores nos quais os historiadores públicos trabalham geralmente. Em que pese a inclusão por Johnson de instituições vinculadas à história, como museus e arquivos, o autor evidentemente ressaltou como campos principais a administração pública e as corporações (JOHNSON, 1978). Tal foco nas políticas públicas e no mundo corporativo refletiu o perfil de Kelley e Johnson, os quais, paralelamente aos seus postos acadêmicos, tinham trabalhado como consultores, mais do que com gestão de patrimônio (CAUVIN, 2019).

Em seu livro "*Public History and Historians in the Digital Age*", Meg Foster (2014) explora a relação entre História Pública e as novas tecnologias de informação e comunicação, argumentando que o surgimento da internet e das redes sociais criou possibilidades para a democratização do acesso à informação histórica e para a ampliação do diálogo entre historiadores(as) e o público em geral. No mais, tal fato é importante ressaltar, pois, além dos encontros presenciais da Feira Empoderaí, também houve encontros online durante o período da pandemia, que aconteceram por meio de *Lives* informativas para questões importantes relacionadas às mulheres.

Segundo Foster (2014), as tecnologias digitais têm permitido a criação de novos espaços públicos de memória e a participação mais efetiva da sociedade na produção e na

construção da história. Ela destaca, por exemplo, a importância das plataformas digitais para a realização de projetos colaborativos de coleta de informações e de relatos, bem como para a criação de espaços de debate e discussão sobre temas históricos relevantes. A obra de Meg Foster (2014) é uma importante reflexão sobre o papel da História Pública na era digital e sobre as novas possibilidades de utilização das tecnologias em prol da democratização do conhecimento histórico e da construção de uma história mais plural, democrática e representativa.

A autora acredita que historiadores(as) devem trabalhar para construir pontes entre os aspectos acadêmicos da história e o interesse público, tornando-a mais relevante para a sociedade como um todo. Defende ainda o uso de tecnologias de informação e comunicação para tornar a história mais acessível e envolvente, permitindo que seja contada e comentada por um público mais amplo. A pesquisa de Meg Foster (2014, 2016, 2018) contribui significativamente para o desenvolvimento da História Pública como um campo de estudo e prática, mostrando como a história pode ser usada para fortalecer a democracia e construir pontes de compreensão e diálogo entre diferentes grupos e comunidades.

Saindo do aspecto introdutório sobre o surgimento da História Pública no mundo, passemos à análise sobre a História Pública no Brasil. Nicolas Theodoridis (2021) trouxe, em artigo apresentado no 31º Simpósio Nacional de História no Rio de Janeiro, em 2021, o primeiro curso de Introdução à História Pública. Ele teve como resultado o primeiro livro sobre o assunto, homônimo ao curso, que Santhiago (2016, p. 27) descreveu da seguinte forma: “uma espécie de marco do início de uma movimentação organizada; foi fundamental ao explicitar a centralidade da circulação popular da história e da memória como um tema de estudos”.

Após a realização do evento, foi criada, em 2012, a RBHP, que é a sigla para a Rede Brasileira de História Pública. Essa rede é pautada em uma articulação intelectual, sem a pretensão de se estabelecer como sociedade científica formal e burocratizada. Ela reúne professores(as), pesquisadores(as) e profissionais de diversas áreas e proveniências geográficas que têm a História e seus públicos em seu horizonte de preocupações (THEODORIDIS, 2019).

Atualmente desenvolvida em diversos campos, a História Pública no Brasil se ramificou em áreas como a educação, a cultura, o patrimônio, a memória e a política. Essa nova abordagem da história também enfatizou a necessidade de se contar histórias para além dos grandes eventos e personagens históricos, destacando histórias de pessoas comuns e minorias negligenciadas.

Santhiago (2016) acredita que a história não deve ser entendida como algo pronto e acabado, mas sim como um campo dinâmico de construção do conhecimento, que deve ser compartilhado por todas as pessoas. Além disso, o autor tem sido um defensor da utilização de tecnologias digitais para a produção e para a disseminação do conhecimento histórico, por meio de iniciativas, como a criação de conteúdos em vídeo, o uso de redes sociais para divulgação de informações históricas, entre outras. O seu trabalho tem sido fundamental para promover a democratização da história, tornando o conhecimento histórico acessível e relevante para públicos ampliados.

O livro "*Introdução à História Pública*" (ALMEIDA et al., 2011), de Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Juliene Rabêlo de Almeida, é uma obra que apresenta os princípios fundamentais e as práticas envolvidas na produção e divulgação da História Pública. Com base em reflexões teóricas e em experiências, o livro apresenta a História Pública como uma área de conhecimento em expansão, que busca ampliar a circulação e o acesso à história para além dos espaços acadêmicos e de um público especializado.

"*A Ascensão da História Pública: Uma Perspectiva Internacional*" (CAUVIN, 2019) é um artigo escrito por Thomas Cauvin e publicado em 2019. O texto discute o desenvolvimento e expansão da História Pública como um campo de estudo internacionalmente reconhecido. O autor argumenta que a História Pública surgiu como um movimento para democratizar o acesso e o entendimento da história, tornando-a mais acessível e relevante aos públicos mais amplos, que não estão diretamente envolvidos com a academia. No geral, fornece uma perspectiva global sobre o desenvolvimento e a importância do campo da História Pública como um meio para oferecer um olhar mais crítico, diverso e acessível sobre a história.

No cenário brasileiro, as autoras que se dedicam ao estudo de gênero e História Pública desempenham um papel essencial ao enriquecer o campo dos estudos históricos. Suas pesquisas e contribuições têm ampliado nossa compreensão da história, trazendo à tona questões muitas vezes negligenciadas ou subestimadas em análises tradicionais.

Nesse contexto, o trabalho de Gabriela Correia da Silva (2016), historiadora brasileira que destaca a importância da inclusão das mulheres na História Pública na internet e do papel da História Digital na promoção da diversidade e da inclusão na narrativa histórica (SILVA, 2016). A pesquisadora reconhece a importância de incluir a perspectiva das mulheres na História Pública na internet. Historicamente, as mulheres foram frequentemente marginalizadas e tiveram sub-representação na narrativa histórica oficial, e isso se refletia em diversos campos da sociedade, incluindo a academia. Ao trazer a história das mulheres para o

centro das discussões na História Pública digital, a autora contribui para a visibilidade de experiências e contribuições das mulheres ao longo do tempo, ampliando nossa compreensão da história de forma mais inclusiva e representativa.

Outra importante contribuição é dada por Margareth Rago (1997, 1998a, 1998b, 2000, 2011), por abordar questões cruciais como gênero, trabalho, memória e história oral, com pesquisas que fornecem uma perspectiva valiosa sobre a história das mulheres e a dinâmica de gênero na sociedade brasileira. Em seus artigos publicados nos "Cadernos Pagu", ela tem explorado temas como a luta anarquista na América do Sul através do caso de Luce Fabbri (RAGO, 1997), o elogio do sexo da mulher como forma de afirmar a sexualidade feminina (RAGO, 2000), o tráfico de mulheres e as violências sofridas por elas (RAGO, 2011), e as relações de gênero em São Paulo nas primeiras décadas do século XX (RAGO, 1998b). Suas pesquisas têm sido altamente influentes no campo dos estudos de gênero, fornecendo uma base teórica e uma perspectiva histórica que tem impactado tanto a academia quanto a sociedade em geral.

Michelle Perrot, embora seja de origem francesa, teve um impacto significativo no Brasil ao contribuir para os estudos de gênero e da história das mulheres, sendo considerada “grande mestra da História das Mulheres” (PEDRO, 2003, p. 509). Suas ideias influenciaram e enriqueceram o campo acadêmico brasileiro, permitindo que temas relevantes e complexos fossem mais profundamente explorados.

Juniele Rabêlo de Almeida é uma historiadora brasileira que se destaca na área de estudos de gênero e História Pública e possui publicações com outras historiadoras como Sonia Meneses (ALMEIDA; MENESES, 2018) e Marta Gouveia de Oliveira Rovai (ALMEIDA; ROVAI, 2011). Marta Gouveia de Oliveira Rovai (ROVAI, 2017) é a organizadora do livro "História oral e história das mulheres: rompendo silenciamentos", publicado em 2017 pela editora Letra e Voz, em São Paulo. A autora aborda a interseção entre a história oral e a história das mulheres, destacando a importância de ouvir e registrar as vozes das mulheres na construção da história. Historicamente, as mulheres têm sido frequentemente negligenciadas e silenciadas nas narrativas históricas oficiais, o que resulta em uma representação incompleta e distorcida do passado. A reunião de textos de diversos autores e autoras, trazem contribuições para o não silenciamento das experiências, vivências e contribuições das mulheres ao longo da história. Através da metodologia da história oral, que valoriza os relatos pessoais e as memórias individuais, Rovai (2017) oferece uma perspectiva mais inclusiva e diversificada da história das mulheres.

Outra grande contribuição são os escritos de Ana Maria Mauad, historiadora brasileira conhecida por suas pesquisas e contribuições no campo da história cultural, história oral e história das mulheres. Seu trabalho abrange várias áreas de interesse, incluindo a história das representações visuais, as práticas culturais cotidianas, a história das mulheres e gênero, a história da fotografia e a história oral. Uma de suas contribuições mais notáveis é o trabalho sobre história oral e memória (MAUAD; ALMEIDA; SANTHIAGO, 2016) realizada junto de Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago em “História Pública do Brasil” publicado em 2016.

O livro *"História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários"*, organizado por Ana Maria Mauad (2016), reúne uma série de artigos que discutem a prática da História Pública no Brasil, suas múltiplas formas e desafios. Os autores e autoras abordam diferentes aspectos da História Pública, como a sua relação com a academia, com os museus e com a sociedade em geral. Também são discutidos temas como a memória, o patrimônio e a historiografia, e a importância da História Pública para o fortalecimento da cidadania e da democracia.

Um dos principais pontos destacados na obra mencionada é a necessidade de se repensar a prática da História, buscando novas formas de diálogo com a sociedade e de disseminação do conhecimento histórico. A questão da pluralidade de vozes na História Pública, assim como a inclusão de diferentes perspectivas e memórias nas narrativas históricas têm sido demandas sociais contemporâneas, e isso implica em reconhecer a importância das fontes orais e das experiências individuais como parte do registro histórico, ampliando a compreensão da complexidade da sociedade brasileira.

Camila Onofre (2021) aborda, em sua dissertação, que, mais recentemente, no ano de 2019, na corrente das discussões acerca das práticas de História Pública no Brasil, foi aberto o primeiro programa de pós-graduação em História Pública do país, na Universidade Estadual do Paraná. Enquanto área de concentração, o programa define a História Pública como uma forma de ampliação de debates acerca dos processos históricos nos mais variados objetos, levando em conta as amplas audiências, a circularidade do conhecimento cientificamente produzido e os processos de divulgação dos saberes acadêmicos para a sociedade, seja através das práticas de ensino de História, seja pela disseminação das pesquisas científicas<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> O programa conta com duas linhas de pesquisa, sendo elas: Saberes e Linguagens, que “objetiva analisar como determinados saberes constituídos historicamente são expressos em linguagens específicas no cenário público, bem como propor, com e para audiências variadas, novos entendimentos sobre a história”; e Memórias e Espaços de Formação cujo objetivo é “analisar as relações entre história e memória em espaços de formação. A memória é, aqui, compreendida em relação à alteridade, uma vez que se circunscreve ao sujeito, estende-se a grupos e tem seu ápice nas tentativas de imposição de uma memória coletiva”.

A História Pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia, pode democratizar a história, sem perder a seriedade ou o poder de análise. Nesse sentido, a História Pública pode ser definida como um ato de “abrir portas e não de construir muros” (ALMEIDA e ROVAI, 2011, p.7).

Como se percebe, várias autoras e autores têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento da História Pública no Brasil aliada aos estudos de gênero e, portanto, em diálogo com nossa pesquisa. Os esforços para trazer ao debate público as questões relacionadas ao gênero e às experiências das mulheres têm contribuído para uma compreensão mais abrangente e inclusiva da história do país. Nesse sentido, a história brasileira tem sido enriquecida com novas perspectivas, análises críticas e reflexões fundamentais sobre o papel e a importância das mulheres na construção do nosso passado e presente.

A partir da leitura desse conjunto de produções acadêmicas e principalmente de autoras que abordam as questões de gênero, a História Pública pode ser compreendida como uma área multidisciplinar que busca promover a circulação do conhecimento histórico, tornando-o acessível e relevante para o público em geral. Essa perspectiva mais plural e democrática acontece em contraposição a uma tradição acadêmica que, muitas vezes, é vista como elitista e distante das preocupações da sociedade (FAGUNDES, 2019).

Ainda no contexto brasileiro, é importante destacar as pesquisas produzidas no âmbito do primeiro programa de pós-graduação em História Pública do país, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), sediado no Campus de Campo Mourão. Para isso, destaco principalmente algumas produções que debatem a história das mulheres e as relações de gênero em diálogo com a História Pública, cenário no qual se insere nossa pesquisa.

Deste modo, saliento o texto de Cyntia Simioni França e Elison Antonio Paim “Lugares de viver, ensinar, aprender e fazer história pública: entre o colonial que deshumaniza e o decolonial preche de possibilidades”, que compõe o livro História Pública, entre conceitos, lugares e experiências, organizado por Márcio José Pereira.

Nesse sentido, os grupos sociais questionam e lutam por seus direitos identitários e sociais bem como a reescrita de histórias e memórias outras, narradas por eles e não mais por outras pessoas. Nesse sentido, a história pública amplia os espaços de conversas (para além dos muros universitários) com diferentes públicos e busca construir conhecimentos históricos de modo colaborativo. Como um movimento de reflexão e ação, a história pública se coloca no diálogo interdisciplinar, construindo pontes entre diferentes saberes e convida ao rompimento com a hierarquização dos saberes (FRANÇA; PAIM, 2023, p. 107).

Destaco também, o livro “*Os Estudos de Gênero e Seus Percursos: intersecções possíveis com a História Pública*”, organizado por Claudia Priori e Márcio José Pereira (2020), composto por diversos capítulos de autoras e autores que se debruçam, de um modo ou de outro, numa perspectiva interdisciplinar, sobre os estudos de gênero e suas inter-relações com as práticas e abordagens de história pública, evidenciando a importância dos debates públicos pertinentes às relações de gênero e suas interseccionalidades e a busca por maior ação colaborativa com os públicos e para os públicos. Nesse sentido, Priori e Pereira (2020), salientam que:

é importante destacarmos que não há uma única definição do que seja História Pública, e sim que é um espaço amplo de debate histórico, cujo grande esforço é defender uma história que não se reduza aos meandros acadêmicos, mas que seja feita para e com o público, tenha como foco a ampliação das audiências, e entenda que os saberes e práticas produzidos fora do ambiente universitário são passíveis de investigação sem prejudicar a credibilidade científica e a responsabilidade da produção e circulação dos saberes históricos (PRIORI; PEREIRA, 2020, p.7).

Assim, podemos concluir que a História Pública é fundamental para uma sociedade informada, participativa e engajada, explorando maneiras pelas quais a história pode ser disseminada, por meio de diferentes meios, incluindo o envolvimento de atores públicos e privados.

No âmbito da História Pública e da representação, as autoras mencionadas têm se dedicado a explorar como as mulheres são retratadas e percebidas pela sociedade e pela mídia. Suas perspectivas podem contribuir para entender a relevância e o impacto da feira independente – Feira Empoderaí - no contexto da comunidade local, ou seja, no município de Paranavaí-PR. Por sua vez, as metodologias de pesquisa também são relevantes, considerando a natureza do estudo da feira independente e a importância de ouvir as vozes, as experiências e perspectivas das mulheres envolvidas na feira. Nesse aspecto, a história oral e outras abordagens metodológicas utilizadas em diálogo com a historiográfica são importantes para análise das memórias, experiências e vivências das mulheres na feira.

Em relação ao empoderamento feminino, as autoras com as quais dialogamos em nossa pesquisa, também têm abordado questões pertinentes de gênero, nos fornecendo conceitos e teorias fundamentais para compreendermos a presença, atuação e o trabalho de mulheres na feira independente, em Paranavaí-PR. Assim, o estudo da história das mulheres também é relevante, pois contextualiza a participação e o papel das mulheres em atividades econômicas, como o desenvolvido nas feiras, bem como permite uma análise mais ampla sobre o contexto histórico e social que influenciou a criação e o desenvolvimento da feira específica, a Feira Empoderaí, ao longo das várias edições realizadas.

## 1.2 Surgimento das feiras no país

Considerando que o objeto de estudo da pesquisa se relaciona à presença de mulheres e suas experiências no espaço público de uma feira, buscamos desenvolver uma abordagem histórica sobre as feiras livres no Brasil, que têm uma longa história remontando ao período colonial. Naquele contexto, as feiras eram uma forma muito importante de comércio, já que as cidades não tinham locais fixos para comercializar.

No final do século XIX, as feiras urbanas, conhecidas como Feiras de Mercado, eram comumente instaladas nas ruas, fornecendo os produtos básicos essenciais para a alimentação das pessoas que habitavam nas cidades. Estudos sobre essas feiras revelam a proximidade entre as cidades e esse tipo de comércio, atendendo à necessidade primordial da vida humana: a alimentação. No entanto, com o passar do tempo, as feiras foram adquirindo novas formas e utilidades, assim como se adaptando às novas demandas apresentadas pelas populações, acompanhando as mudanças sociais, econômicas e culturais (TREVISAN, 2008). Transformam-se também em locais de lazer ou de interação e integração social. A existência das feiras enquanto um evento reconhecidamente histórico figura entre os objetos ocultos da historiografia, ou seja, que não são utilizados como forte registro do passado. Representam parte da história de uma sociedade, mas, ao mesmo tempo, não são encaradas como transmissoras de informações sobre períodos dessa sociedade.

As feiras livres têm desempenhado um papel de destaque na cultura brasileira, pois tornaram pontos de venda para diversos produtos e uma fonte significativa de renda para muitas trabalhadoras e trabalhadores. Esses eventos ocorrem em várias localidades, como praças públicas, ruas, calçadas, escolas e outros espaços, proporcionando uma ampla variedade de produtos, como frutas, legumes, carnes, peixes, queijos, doces, artesanato, roupas e utensílios domésticos.

Luiz Mott (1975) realizou uma abrangente revisão histórica das feiras, evidenciando sua existência em países de todos os continentes. Vistas sob a perspectiva cultural, as feiras atraem o interesse de estudiosos(as) de diversas áreas, como economia, arquitetura, geografia, agronomia, antropologia e sociologia, além de artistas e fotógrafos(as). Essa diversidade, de interesses, segundo Sato (2006), reflete a riqueza e a complexidade desses eventos, que permitem explorar os costumes de um povo e de uma época, remontando às antigas relações comerciais baseadas no escambo.

Na Idade Média, o que se denominava de feiras eram as grandes reuniões de comerciantes de várias regiões da Europa, que comercializavam os mais diversos produtos. Havia, também, o uso das portas e janelas das casas para realização do pequeno comércio, e cada rua ou viela se transformava, em alguns dias da semana,

em feira ou mercado. Famoso na Paris medieval, o Mercado *Les Halles* concentrava pessoas de vários ofícios e atendia somente às quartas e sextas feiras e aos sábados (AUTRAND, 2004, p. 35, apud CALADO, 2010, p.23).

Calado (2010) demonstra que no Brasil, as feiras chegaram com a colonização portuguesa, baseadas nas feiras europeias. Os povos nativos estavam acostumados à troca, e esse comércio, então, constitui uma inovação. A necessidade de colonização dos espaços conquistados pelos portugueses deu origem às feiras, e os colonizadores buscaram formas de trazer alimentos e utensílios para a população. Conforme salienta Emerson Trevisan, o movimento comercial das feiras só se consolidou a partir do século XVII:

A primeira referência das feiras no Brasil data de 1548, quando o Rei D. João III, na tentativa de evitar que os colonos se dirigissem às aldeias, ordenou que se fizesse um dia de feira para que os gentios viessem à cidade comerciar seus produtos e comprar o que necessitassem. Partindo do princípio de que os mesmos já estavam acostumados a reunir seus artigos de troca na praia para a posterior negociação, essas feiras acabaram por não se realizar. Por esse motivo, não se realizaram feiras na colônia durante os séculos XVI e XVII, não sendo registrada qualquer ocorrência delas nos documentos oficiais ou relatos de viajantes. [...] A partir do século XVII, surgem com mais intensidade as feiras de gado, que abasteciam as cidades com seus produtos. O gado era trazido da zona rural, onde era engordado para a futura comercialização nas cidades, destacando-se que: no Brasil, havia, por esta época, dois tipos de feiras. A Feira de Mercado, realizada aos sábados para o abastecimento alimentar da população da cidade e das redondezas, e a Feira Franca, realizada anual ou bi-anualmente, destinada à comercialização de bens regionais, como o gado, e, por isso, atraíam grande número de compradores e vendedores das mais distantes regiões. (TREVISAN, 2008, p. 46 apud CALADO, 2010, p.24).

Muito do que se sabe sobre feiras está ligado a uma análise econômica de um período, ou é uma observação quantitativa sobre um dado momento. Além disso, as feiras têm um grande impacto socioeconômico, promovendo o comércio local e a geração de empregos, e seguem como um importante pilar do comércio e da cultura brasileiros, representando um dos principais espaços de encontro, troca e convivência das comunidades locais.

As mulheres que trabalham em feiras desempenham um papel significativo e multifacetado nesse ambiente econômico e social. Elas ocupam diversas funções, desde vendedoras e comerciantes de produtos variados até artesãs, agricultoras e prestadoras de serviços. A presença dessas mulheres nas feiras pode ser observada em diversas regiões, tanto em feiras tradicionais de alimentos e produtos locais, como em feiras temáticas e independentes (FERREIRA; LIMA, 2020; FONSECA, 2013).

Garcia (1992) ao tratar do protagonismo e da participação de mulheres nordestinas nas feiras livres, constatou que as mulheres estão ausentes daqueles setores que mais contribuem para dar ao campesinato uma imagem de sua riqueza e prosperidade, isto é, da venda dos produtos agrícolas por atacado e da venda do gado. Evidencia-se, dessa forma, a ausência de

mulheres em todas as posições nas quais são necessárias a arte de convencer e em todas àquelas em que a palavra do vendedor se dirige a um público mais amplo e indefinido, como é o caso de camelôs, cantores de cordel e autores de desafio. Dito de outra forma, as mulheres estão ausentes de todas as situações em que seriam levadas a se manifestar publicamente de maneira mais audaciosa.

Expondo, ainda, as razões que me levaram a desenvolver essa pesquisa, é necessário falar da importância das feiras livres para o meio acadêmico, sendo que levantamos 434 estudos brasileiros catalogados sobre o tema. A divulgação ocorre em canais variados: periódicos científicos abrigaram 155 trabalhos; artigos apresentados em eventos científicos totalizaram 97 trabalhos, e resumos, 67; dissertações de mestrado representaram 59 trabalhos; ainda foram produzidos 14 livros, 24 monografias, 9 teses e 8 relatórios. Percebe-se que foram feitos mais estudos sobre feiras do Nordeste (44,47%), seguidos por Sudeste (18,89%), Norte (13,37%), Sul (12,90%) e, por fim, Centro-Oeste, com 10,37% do quantitativo analisado.

Percebe-se, também, que os trabalhos abordaram, principalmente, espaços, relações e características das feiras (42% deles), e alimentos e grupos de produtos (40%), mas também analisaram feirantes (33% dos trabalhos) e consumidores das feiras (23%). Usaram, de forma notável, metodologias qualitativas (78% dos estudos); apenas 13% fizeram estudos quantitativos, e 9% combinaram métodos qualitativos e quantitativos. Nas “grandes áreas” da Capes, os estudos se concentraram nas Ciências Sociais Aplicadas (41%) (ARAÚJO; RIBEIRO, 2018).

Essas mulheres feirantes enfrentam uma série de desafios e oportunidades em seu cotidiano de trabalho. Por um lado, as feiras podem ser uma fonte importante de renda para elas e suas famílias, permitindo o desenvolvimento de atividades econômicas autônomas e a inserção no mercado de trabalho. Além disso, a atuação em feiras pode proporcionar uma sensação de empoderamento e autonomia, ao se tornarem protagonistas de seus próprios negócios e carreiras (OLIVEIRA, 2016).

No entanto, por outro lado, também existem desafios enfrentados por essas mulheres. As barreiras de gênero podem se manifestar em formas de discriminação, desvalorização do trabalho feminino e dificuldades no acesso a recursos e financiamentos. A conciliação entre o trabalho nas feiras e as responsabilidades familiares pode representar um desafio adicional, uma vez que muitas delas precisam equilibrar suas atividades profissionais com os cuidados domésticos e familiares.

As mulheres que trabalham nas feiras, geralmente enfrentam desafios e superam obstáculos em suas jornadas no mundo dos negócios (TEIXEIRA; BOMFIM, 2016). A história dessas mulheres é marcada por lutas por direitos trabalhistas e condições dignas de trabalho (BELTRAMINI; CEPellos; PEREIRA, 2022; CARNEIRO, 2020). Como se sabe, em alguns contextos, ocorre situações de exploração e precariedade, tornando-se importantes alvos de políticas públicas e de movimentos de valorização do trabalho feminino. Além das demandas de seus próprios empreendimentos, elas podem se deparar com a falta de infraestrutura, a concorrência e a necessidade de se adaptar a diferentes contextos e clientes (JONATHAN, 2011).

Todavia, é relevante considerar a influência das feiras no fortalecimento da identidade e do protagonismo dessas mulheres em suas comunidades. A participação em feiras pode contribuir para o fortalecimento de laços sociais, o compartilhamento de saberes e a preservação de culturas locais. A feira pode ser vista como um espaço coletivo, aonde a colaboração e a valorização do trabalho umas das outras são estimuladas, criando um ambiente propício para o crescimento conjunto (ANACLETO; COELHO; CURVELO, 2016).

No tocante à Feira Empoderaí ocorrida no município de Paranavaí-PR, entendemos que ela pode funcionar como um espaço de empoderamento e visibilidade para as mulheres que têm a oportunidade de mostrar ao público suas produções, habilidades e criatividade, conquistando reconhecimento e valorização por suas contribuições para a economia local e a cultura da região. A participação de mulheres na feira pode representar uma forma de resistência e de reivindicação de seu lugar no mundo do trabalho e na sociedade, rompendo com estereótipos de gênero e reafirmando sua autonomia econômica e social.

Diante disso, nosso objetivo é analisar as narrativas de mulheres feirantes envolvidas no contexto da Feira Empoderaí, em Paranavaí-PR, a partir de suas memórias, desafios e conquistas de forma aprofundada e sensível, e para isso nos utilizamos da metodologia da história oral. Entender o papel e a importância dessas mulheres nas feiras é fundamental para uma análise sobre o empoderamento feminino e os impactos que a feira independente pode ter em suas vidas e na comunidade como um todo.

As mulheres que participam da Feira Empoderaí são trabalhadoras engajadas e protagonistas desse evento independente no município de Paranavaí-PR, e representam uma diversidade de trajetórias, talentos e produtos, contribuindo para a riqueza e a pluralidade da feira. A Feira Empoderaí simboliza uma oportunidade para elas estabelecerem redes de apoio e solidariedade entre si. Nesse espaço, elas trocam experiências, compartilham conhecimentos e se fortalecem como grupo. Portanto, as mulheres que atuam na Feira Empoderaí são peças-

chave para o sucesso e a relevância desse evento independente. Elas protagonizam suas histórias e contribuem para a construção de um espaço diversificado, inclusivo e de empoderamento em Paranavaí, promovendo a valorização e fortalecimento do trabalho feminino na região.

### 1.3 Memórias, história oral e autoridade compartilhada na História Pública

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foi realizada uma entrevista, a qual está disponibilizada no formato público via *podcast* intitulado PodEmpoderá, pela plataforma *Spotify*. Foram entrevistadas 03 (três) mulheres: Giovanna Godoy que relatou trabalhar sempre na organização do evento nas edições da feira, entretanto, na última edição apresentou suas pinturas com mandalas ao público. Kemmy Fukita<sup>7</sup> mencionou que atua na organização, na parte artística de material de divulgação do evento, faz fotografias da feira e também já expôs sua arte na feira, pois produz artes em filtro de papel de café usados, usando borra de café. E no relato de Suzy Costa quanto a sua participação nas feiras, ressaltou que já atuou na declamação de poesias e expôs seu trabalho como designer de sobrancelhas.

Na entrevista Giovanna e Kemmy salientam que compuseram a idealização do evento em conjunto com demais mulheres, o que evidencia o trabalho colaborativo, desenvolvido em coletividade. Nesse sentido, é importante abordar, no presente capítulo, os usos da memória e da história oral, assim como conceituar autoridade compartilhada no âmbito da História Pública.

A Feira Empoderaí é um evento independente formado por mulheres, desde o ano de 2019, no município de Paranavaí, no estado do Paraná, e vem acontecendo de modo contínuo de lá para cá, sendo que em alguns anos ocorreram mais de uma edição, e em outros, apenas uma edição por ano. Trata-se de um espaço de comércio e exposição de produtos e serviços, aonde as mulheres têm a oportunidade de apresentar seus trabalhos, promover seus negócios e interagir com o público. O nome "Empoderaí" sugere uma conexão com o conceito de empoderamento feminino, indicando que a feira é um espaço aonde as mulheres têm a oportunidade de se fortalecer, ganhar autonomia e visibilidade<sup>8</sup>.

Vale destacar que, quando aceitamos a memória com objeto da história, é importante estabelecermos alguns princípios operacionais entre memória individual e memória social: a memória individual é a memória "codivida", e está cada vez mais se tornando objeto da

---

<sup>7</sup> Rede social da entrevistada Kemmy Fukita: <https://www.instagram.com/no.filtro/?hl=pt>

<sup>8</sup> Informações extraídas das redes sociais do projeto. Disponível em <https://www.instagram.com/feiraempoderaí/> Acesso em 22 de jul. de 2023.

história, na medida em que o papel do indivíduo se redefine nos processos sociais. Almeida e Rovai (2011) lembram que, por outro lado, trabalhamos com uma memória social, que, longe de ser o somatório das memórias individuais, está ligada ao sentido de comunidade, à construção das identidades sociais e aos processos sociais como um todo. A noção de memória social é importante, pois ela valoriza as disputas em torno do passado, as condições de rememoração e os processos nos quais o passado é chamado a ocupar um papel fundamental. Assim, a noção de memória social fornece complexidade à noção de coletivo, na medida em que objetiva a dimensão de lugar aonde essa memória é gerada.

Num dos capítulos que compõe o livro *História Pública: entre conceitos, lugares e experiências*, Cyntia Simoni França (2023) afirma que compreender esses embates ao tratar de minorias, nos fornecem subsídios para a luta e esperanças de mudanças no presente, em prol do empoderamento de grupos sociais subalternizados numa perspectiva intercultural crítica. Essa concepção de memória que vai contra a corrente, que desliza por outros territórios e outras concepções de poder, talvez nos ofereça chaves de compreensão e atuação na busca de conquistas sociais mais democráticas, na possibilidade real de maior justiça social, política, cognitiva e econômica.

Uma das discussões mais antigas sobre o uso das fontes orais diz respeito à credibilidade e à definição de uma fonte influenciada pela própria pesquisadora ou pesquisador e sujeita aos efeitos de sua construção para o objeto de estudo. A metodologia da história oral envolve uma série de etapas essenciais, que incluem a coleta/gravação, transcrição e análise dos dados. Estamos nos referindo aqui às entrevistas realizadas como parte desta metodologia. As críticas feitas a esse tipo de fonte primária, muitas vezes destacam a possibilidade de a documentação criada atender às necessidades pré-definidas do pesquisador, sendo influenciada por sua discricionariedade. Adicionalmente, ao contrário dos arquivos tradicionais que estão sujeitos à análise crítica e que podem ser consultados por historiadores(as), as entrevistas de história oral nem sempre são gravadas ou acessíveis em espaços públicos destinados à preservação do passado. Dessa forma, essas preocupações exigem que pesquisadores(as) conduzam seus trabalhos com um cuidado ainda maior, em um esforço para garantir a confiabilidade e a acessibilidade dessas fontes. Assim:

O primeiro é simples, porquanto inteiramente material: basta confiar o material gravado a instituições públicas habilitadas a recebê-lo. O segundo consiste em definir, da forma mais precisa possível, as características e os usos das fontes orais. (AMANDO e FERREIRA, 2006, p. 37).

A presente pesquisa é pautada na participação de um público específico na feira, que possui em comum com suas idealizadoras e organizadoras o gênero feminino, ou seja, todas

são mulheres. Nessa perspectiva, considerando que a sociedade muitas vezes classifica as mulheres como "minorias", essa condição por si só pode torná-las vulneráveis, levando-as, às vezes, a se verem como não protagonistas da história, cuja relevância passa a ser valorizada apenas pelo fato de serem solicitadas e entrevistadas pela historiadora.

Nesse sentido, Amado (2006) coloca que a informante se pergunta o que sua vida poderia ter de interessante para uma pesquisadora, enquanto essa última faz elucubrações fascinantes, a partir dos depoimentos sobre simples gestos do cotidiano ou sobre ações de pouco brilho na história nacional.

Continuando a reflexão sobre os estudos sobre história oral, deve-se ressaltar o historiador Alessandro Portelli, que é conhecido por suas pesquisas no assunto. O autor ressalta que essa é uma abordagem da história que se concentra na coleta e interpretação de depoimentos de pessoas comuns sobre eventos passados, além de ser um defensor da História Pública, que tem como objetivo tornar a história acessível e relevante para um público mais amplo, que vai além do mundo acadêmico. Ele argumenta que a história não é apenas sobre fatos e eventos passados, mas também sobre as histórias das pessoas comuns e suas experiências cotidianas.

*A medida que aprendí la historia oral, haciéndola, me di cuenta de que la mayoría de las veces esto es lo que hacemos. Hacemos el trabajo del historiador, tratando de reconstruir, de la manera más confiable posible, los hechos del pasado; hacemos el trabajo del antropólogo o del psicólogo, tratando de reconstruir las construcciones culturales y mentales de las personas; y, finalmente, hacemos el propio trabajo del historiador oral, navegando en la tierra de nadie entre los hechos y la subjetividad, intentando comprender de qué manera estos hechos generan esas construcciones culturales o cómo las culturas y las ideas le confieren sentido y relevancia a la materialidad indistinta de los hechos (FLIER e PORTELLI, 2018, p.11).*

Em seu livro "*Historias detrás de las memorias: Un ejercicio colectivo de historia oral*", Portelli (2016) destaca a importância de ouvir as histórias pessoais e experiências das pessoas comuns, especialmente daquelas que foram marginalizadas ou ignoradas pelos registros históricos tradicionais. Ele argumenta que a história oral pode oferecer uma visão mais completa e multifacetada da história e pode contribuir a desafiar os mitos e as narrativas dominantes. Portelli, em uma série de estudos de caso apresentados em sua obra "*Histórias atrás das memórias*", um trabalho coletivo de história oral, explora a importância da história para a sociedade. O historiador defende que a história não deve ser de interesse exclusivo de acadêmicos e especialistas, mas sim um tema de relevância geral e objeto de discussão pública. Assim, a História Pública se configura, envolvendo a participação não só de indivíduos fora do meio acadêmico, mas também de organizações civis e governamentais no debate e na interpretação de questões históricas.

No Brasil, temos o Museu da Pessoa<sup>9</sup>, que é uma organização sem fins lucrativos, que tem como objetivo preservar e compartilhar a história de pessoas comuns de todo o mundo. O museu trabalha com uma abordagem de história oral, em que cada história é coletada por meio de entrevistas e registradas em áudio e vídeo. A organização também realiza projetos de coleta de histórias em comunidades carentes e em risco social. Dessa forma, as histórias coletadas pelo Museu da Pessoa incluem temas como migração, trabalho, cultura, identidade, entre outros. As histórias são disponibilizadas no site do museu para o público em geral. Além disso, a organização também realiza exposições físicas em diversos locais do mundo, tornando as histórias acessíveis para um público ainda maior.

O Museu da Pessoa é uma importante iniciativa de História Pública e um exemplo de como a história oral pode ser usada para preservar e compartilhar as experiências de pessoas comuns em todo o mundo. Um exemplo é a exposição “Mulheres empreendedoras na Zona Norte de São Paulo”, projeto no qual foi registrado a história de trinta mulheres, viabilizado com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Com isso em mente, a atual pesquisa propõe além da análise das narrativas orais das mulheres feirantes, um desdobramento da pesquisa para o registro e divulgação da história das mulheres participantes da Feira Empoderaí em Paranaíba/PR. Parte dessa proposta é a criação do *Podcast* PodEmpoderaí que serve como um instrumento para registrar e disseminar essas histórias, assim como uma plataforma para discutir os temas que serão abordados nas próximas edições da feira.

A entrevista em história oral jamais pode ser uma coleta de dados, um preenchimento de lacunas entre a pessoa entrevistada e a entrevistadora. Ela exige tempo, técnica e habilidades para interpretar o dizível e o indizível, pois trabalhar com a história oral é trazer a subjetividade à tona, é, também, problematizar as ações das sujeitas, as emoções e os silêncios, por “intermédio da memória dos informantes” (FERREIRA; AMADO, 2006, p.6), sendo que as pessoas entrevistadas não respondem apenas aos interesses de quem entrevista,

---

<sup>9</sup> Mulheres empreendedoras da Zona Norte de São Paulo. Museu da Pessoa. Disponível em [https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/mulheres-empendedoras-zn/?gclid=CjwKCAjw-IWkBhBTEiwA2exyO-Ia2Qxy0vPNmAnMx6\\_yL9yDZOZ0SvV2w\\_nvjnlsJ8N6TQZGCAWHrBoCrSMQAvD\\_BwE#intro-1](https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/mulheres-empendedoras-zn/?gclid=CjwKCAjw-IWkBhBTEiwA2exyO-Ia2Qxy0vPNmAnMx6_yL9yDZOZ0SvV2w_nvjnlsJ8N6TQZGCAWHrBoCrSMQAvD_BwE#intro-1) Acesso em 23 de jul. de 2023.

Aponte a câmera do celular para o QRCode e será direcionado ao site.



isto é, elas também têm seus próprios interesses de projetar uma memória, de propor uma narrativa e até de defender outros aspectos que não foram cogitados.

A respeito das entrevistas, podemos dizer que “(...) aqueles que narram suas vidas se estabelecem numa relação dialógica, de interação entre quem fala e quem ouve, estabelece-se que, a partir de situações provocadas, são formulados resultados que se constituem como finalidades dos encontros gravados” (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 20).

No texto “*A ilusão biográfica*”, Pierre Bourdieu (1986) aborda a utilização da história oral como uma fonte de pesquisa para o estudo do passado. O autor problematiza a validade da história oral, dependendo do contexto social em que ela é produzida e analisada. Bourdieu destaca que a história oral é um instrumento de pesquisa que precisa ser manuseado com cautela, levando em consideração os interesses políticos e ideológicos envolvidos no processo de construção da memória social. O autor argumenta que a história oral pode ser utilizada para reforçar e legitimar a posição de grupos sociais privilegiados, bem como para deslegitimar a memória de grupos marginalizados.

O autor também enfatiza que a produção da história oral envolve relações de poder, que podem influenciar na forma como as entrevistas são conduzidas e na interpretação dos dados coletados. Nesse sentido, Bourdieu aponta que é importante levar em consideração a posição social do(a) entrevistador(a) e do entrevistado(a), bem como as condições do contexto histórico em que as entrevistas foram realizadas. Por fim, o autor propõe que a história oral pode ter valor para entender as percepções, pensamentos e aspectos culturais de determinado período, mas é preciso ter cuidado para não a tomar como a única base para uma análise histórica.

Resgatar as narrativas orais das mulheres feirantes na Feira Empoderaí em Paranavaí-PR proporciona uma perspectiva renovada da história local, destacando como essas mulheres desafiam tradições patriarcais com suas habilidades diversas. Suas trajetórias, marcadas por lutas e conquistas em busca de reconhecimento e autonomia econômica, enriquecem o evento e contribuem para a construção de uma identidade coletiva da feira, evidenciando o poder de inclusão e valorização dos saberes tradicionais femininos.

#### **1.4 - Feminismo, empoderamento feminino e gênero**

A essência humana foi moldada por essas diretivas, aonde o indivíduo masculino desenvolveu habilidades físicas mais pronunciadas em virtude da função que desempenhava, enquanto a mulher evoluiu para se tornar uma guardiã, ágil e capaz de realizar várias tarefas simultaneamente. No entanto, as mudanças sociais que ocorreram garantiram que essa

preparação biológica se tornasse extremamente mais complexa e as restrições drasticamente reduzidas (CORTE, et. al, 2015).

De acordo com Gonzalez (2014), desconsiderar essa realidade é uma trama premeditada, e não uma mera decorrência. Esta conjuntura é impulsionada por motivações políticas e econômicas que perpetuam a posição subordinada da mulher na sociedade. Ela é vista como um ser que deve se restringir à esfera privada, garantindo a execução meticulosa das rotinas cotidianas e assumindo as responsabilidades diárias. É plausível afirmar que a sociedade adaptou-se a este modelo, no qual os homens são incentivados a explorar o mundo, enquanto as mulheres são condicionadas a manter o lar e perpetuar essas tradições patriarcais na formação dos(as) filhos(as), que representam a geração vindoura.

No entanto, a revolução tecnológica que integrou a internet como um elemento intrínseco da existência humana e metamorfoseou a sociedade de maneira integral, também foi responsável por pavimentar vias para outras discussões nas quais essa formação patriarcal é vigorosamente questionada (GONZALEZ, 2014). Consoante a Lôbo et. al (2015), os meninos são criados sob a égide do machismo que compõe a estrutura da sociedade, sendo, portanto, desde tenra idade, ensinados a ostentar uma postura dominante, aparentarem força, absterem-se de demonstrar qualquer tipo de emoção que possa ser associada a fraqueza e evitarem demonstrar traços de personalidade que possam personificar qualquer nível de feminilidade.

Desse modo, a compreensão acerca das problemáticas que são conseqüentes a uma formação machista se torna cristalina: prontamente os meninos começam a compreender que ocupam uma posição de destaque na sociedade e podem ser considerados o "ápice da cadeia alimentar", logo em seguida começam a perceber que são objeto de críticas quando apresentam um traço qualquer de feminilidade, a figura da mulher e sua existência, nessa ótica patriarcal é considerada degradante e vergonhosa perante a sociedade tradicional.

Todavia, é imprescindível considerar o impacto destas concepções na estrutura psicológica dos indivíduos e na sociedade como um todo, assim como analisar de maneira crítica o quanto tais preceitos ainda têm validade e quais as possíveis mudanças a serem fomentadas para a construção de uma sociedade mais equânime e respeitosa às diferenças de gênero.

Perseguindo este fio de argumentação, é desta maneira que temos como consequência a violência contra as mulheres como um componente inerente ao organismo social. Ou seja, o homem, que é instruído a se autodefinir como entidade superior, acredita possuir direitos ilimitados sobre o corpo e a existência da figura social da mulher, que é relegada a um plano

secundário, frágil e perpetuamente submissa. Nessa trajetória, desponta o homem agressor, uma sociedade que imputa culpa à vítima, e uma mulher agredida psicológica, moral e fisicamente (CORTES, 2015).

Um corte diacrônico e sociocultural torna-se indispensável na discussão que engloba a violência contra as mulheres e o feminicídio na América Latina como um todo, núcleo geográfico do estudo que aqui se propõe. Sejam eles de natureza hereditária, cultural ou social. A mulher não passava de uma mera propriedade. O único local onde lhes era permitido frequentar eram as missas, já que a rua era um ambiente destinado à circulação de homens e mulheres malquistas pela sociedade da época, local para a prática de flertes e galanteios. O que indica o ideal conservador de que uma mulher que circula desacompanhada sugere que a mesma não seja "honrada" pelos padrões sociais, e esse estereótipo, por mais anacrônico que seja, ainda perdura atualmente. É crucial ressaltar que a palavra família tem sua origem no latim, *famulus*, que significa conjunto de escravos domésticos, incluindo mulheres, filhos e agregados (LEAL, 2004).

Na busca por trazer contribuições conceituais para a discussão que nos propomos neste item torna-se imperativo discorrer sobre o conceito de "patriarcado" e sua relevância para as ideias apresentadas. Para Lerner (2019), o conceito de patriarcado é central para a análise das relações de poder entre homens e mulheres ao longo da história. Refere-se a um sistema social, político e econômico que privilegia e sustenta a dominação masculina sobre as mulheres. O patriarcado está enraizado em estruturas e normas sociais que atribuem aos homens maior autoridade, poder e controle em relação às mulheres.

Historicamente, o patriarcado se manifestou em diferentes culturas e sociedades, assumindo formas diversas, mas sempre mantendo a subordinação das mulheres. Esse sistema impõe papéis de gênero rígidos, nos quais as mulheres são associadas a esferas privadas, como os cuidados domésticos e a maternidade, enquanto os homens são associados a esferas públicas, como o trabalho remunerado e a política (LERNER, 2019). Contudo, é crucial problematizar e interrogar essa perspectiva histórica. As relações de poder inerentes ao patriarcado não são estáticas nem monolíticas, mas complexas e em constante mudança. Assim, a reflexão crítica sobre tais construções sociais e culturais é vital para desafiar e potencialmente subverter essas estruturas opressivas.

Morgante e Nader (2014) contribuem para a análise em curso, postulando que, no patriarcado, as relações de poder são sustentadas por meio de mecanismos como a violência de gênero, a discriminação e a disparidade salarial. As mulheres enfrentam obstáculos à sua participação igualitária em diversas esferas da sociedade, como no mercado de trabalho, na

política e nas instituições religiosas. Os estudos feministas têm sido cruciais para a compreensão e desconstrução do patriarcado, sublinhando a importância de questionar as normas de gênero e promover a igualdade de direitos e oportunidades para mulheres e homens. O enfrentamento do patriarcado requer uma análise crítica das estruturas sociais e uma transformação profunda das relações de poder, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No contexto patriarcal, a mulher era privada de liberdade em relação ao marido, em uma organização na qual o homem controlava a família, em conjunto com os filhos homens. Os escravos, as terras e as decisões eram responsabilidades exclusivamente masculinas (LEITE, 2015). A mulher estava submetida ao poder patriarcal e precisava reconhecer seu próprio lugar e a função social que lhe era atribuída. Socialmente, sua figura estava associada ao lar, ou seja, gerenciar e organizar a casa de acordo com os desejos do marido. Quando necessitavam de algo da rua, como por exemplo, fazer compras, o representante de uma loja ia até sua casa, uma vez que a mesma não podia se deslocar até a loja (LEAL, 2004).

Este cenário estava composto por regras que deveriam ser cumpridas com rigor, funcionando como uma espécie de mandamentos do patriarcado profundamente enraizados na cultura, que posteriormente, dariam origem a vários fatores que perpetuam a violência e a repressão concomitantes em nossa cultura. Ao longo do século XIX, foi moldada uma definição do que uma mulher ideal deveria ser, um tipo de modelo para as jovens emular. Quando mais jovens, elas eram instruídas a serem frágeis, discretas e virgens, e à medida que cresciam, deveriam adquirir características maternas, além de uma série de qualidades que satisfaziam os desejos sexuais dos homens. Além disso, era necessário saber cuidar do lar, ser fértil para procriar, e preferencialmente dar à luz um filho homem, para que ele carregasse o legado da família (ESSY, 2016).

No entanto, é fundamental questionar e subverter essas prescrições históricas e sociais. A mulher não é uma entidade monolítica destinada ao lar e à procriação, mas um ser humano complexo e multifacetado. As características que lhe são atribuídas são construções sociais, não determinações biológicas ou históricas imutáveis. Assim, é imperativo desafiar a perpetuação desses estereótipos prejudiciais e trabalhar para a construção de uma sociedade aonde a igualdade de gênero seja efetivamente realizada. A mulher, na sociedade patriarcal, era privada do direito à educação e ao trabalho que não fosse estritamente doméstico. As poucas que obtinham autorização para exercer alguma função, deveriam estar sob a tutela do marido ou de um parente masculino. Esse cenário propiciava o abuso de poder e a violência doméstica. Durante anos, o divórcio era vedado, a família não fornecia apoio nesta decisão,

transformando a mulher em uma "mulher falada", desprovida de honra. E assim, em razão do temor, a mulher consentia tais condições (LEITE, 2015).

Follador (2009) enfatiza que o histórico de violência contra as mulheres é um legado de uma cultura enraizada em uma sociedade escravocrata, que surgiu do modelo colonizador. Esse histórico contribui para a compreensão da mulher como ser autônomo ainda vitimizada pelo controle masculino. A Carta das Nações Unidas, que entrou em vigor em 24 de outubro de 1945, objetiva a manutenção da paz e segurança internacionais, a promoção de relações amistosas entre os Estados, a cooperação em temas econômicos, sociais, culturais e humanitários, a promoção dos Direitos Humanos e das liberdades, e o fomento ao entendimento entre os povos. Este documento é o primeiro a prever um conjunto sistemático de normas de direitos humanos para proteger de forma abrangente todo e qualquer indivíduo pelo simples fato de ser humano, com o propósito de praticar a tolerância e viver em paz uns com os outros como bons vizinhos, unir nossas forças para manter a paz e a segurança internacionais, e garantir, pela aceitação de princípios e instituição de métodos, que a força armada não seja usada senão no interesse comum, e empregar um mecanismo internacional para promover o progresso econômico e social de todos os povos (CARTA DA ONU, 1945 P. 3 e 4).

Contudo, é preciso reconhecer que a violência não pode ser reduzida apenas a uma manifestação física, na qual ocorre uma agressão. O termo engloba violência física (agressão ao corpo por meio de socos, empurrões, chutes, mordidas ou pelo uso de armas), sexual (aonde a mulher é coagida a participar ou presenciar relações sexuais indesejadas), psicológica (constrangimentos, humilhações ou qualquer conduta que abale o emocional e a autoestima), moral (afetar a imagem da mulher perante a sociedade ou diminuir o conceito que ela tem sobre si mesma) e patrimonial (destruir os bens materiais da mulher). Tais análises e diretrizes, contudo, ainda não são suficientes para erradicar a cultura de violência contra as mulheres. A mudança na forma de educação para as relações de gênero e uma ampliação da conscientização generalizada da sociedade, assim como transformações nas estruturas de poder e controle são iniciativas importantes para combater a violência de gênero, e também para a criação de espaços seguros para as mulheres em todas as esferas da sociedade.

Os movimentos feministas, que almejavam assegurar direitos sociais, políticos, civis e econômicos, ganharam notoriedade e vigor a partir do século XX. No entanto, já no século XIX surgiram os primeiros grupos com o propósito de demandar direitos às mulheres (COSTA, 2004). Este período foi marcado pelo estabelecimento do sistema capitalista, e

consequentemente pela massificação da produção, o que provocou a necessidade de transferência de tarefas. Atividades que antes eram realizadas no ambiente doméstico passaram a integrar a cadeia produtiva industrial. Esta dinâmica desencadeou uma superexploração da mão de obra feminina. A remuneração atribuída às mulheres era significativamente inferior à destinada aos homens, sob a justificativa de que “possuíam ou deveriam possuir alguém que as sustentasse” (PROBST et. al, 2003).

Neste primeiro momento, o que transmutava era o sistema econômico, e não a consciência social. A mulher permanecia em uma posição secundária na sociedade. No entanto, as mulheres começaram a reagir a essa situação de submissão, originando os primeiros movimentos femininos em prol da reivindicação de direitos. A ascensão do pensamento socialista, baseado na crítica de que a mulher era parte integrante das relações de exploração na sociedade de classes, fomentou o movimento feminista (PROBST et. al, 2003).

Apesar dos avanços proporcionados por tais movimentos, a situação das mulheres no sistema capitalista ainda é pautada por desigualdades substanciais. A persistente disparidade salarial entre homens e mulheres, a sobrecarga de trabalho doméstico não remunerado suportada por mulheres e a representatividade insuficiente de mulheres em posições de liderança são exemplos dessa desigualdade. Portanto, é necessário um contínuo questionamento crítico das estruturas sociais e econômicas que perpetuam essas desigualdades. Além disso, os movimentos feministas são convocados constantemente a serem revitalizados e adaptados para abordar os desafios emergentes e as formas mutantes de opressão de gênero no século XXI.

No artigo redigido pela Organização dos Estados Americanos, intitulado "Uma breve história da Comissão Interamericana de Mulheres" (GONÇALVES, 2017), é delineado o progresso do movimento feminista no palco internacional, cujo início remonta à primeira Conferência Pan-Americana de Mulheres, realizada em 1922, em Baltimore, Estados Unidos. Este evento tinha como finalidade exercer influência sobre os membros da União Pan-Americana (UPA) em prol dos interesses das mulheres. No subseqüente ano, a Conferência Internacional Americana, promovida pela UPA na cidade de Santiago, Chile, consagrou a necessidade de estudar a disparidade de gênero nas futuras conferências (GONÇALVES, 2017).

Todavia, de acordo com o mesmo artigo, essa esperança foi esmaecida quando, na VI Conferência Internacional Americana, ocorrida em Havana, em 1928, a participação feminina nas delegações oficiais foi negada. Além disso, houve obstrução por parte de algumas delegações em discutir um tratado que abordasse a igualdade de direitos entre homens e

mulheres (GONÇALVES, 2017). Rochefort argui que "a opressão exerce-se diariamente sobre o aparelho sexual, danificando-o" (ROCHEFORT, 1978, p. 05). Nesta perspectiva, o controle da e pela sexualidade é "o método por excelência do controle cotidiano das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais" (BLEIER, 1984, p. 165).

A partir da proclamação da República no Brasil, houve uma desvinculação entre a Igreja e o Estado, e com isso foi instituído o casamento civil, apesar de que obter o divórcio não era algo tão fácil, ao menos para as mulheres. O Código Civil de 1916 configurava a mulher como incapaz, dependente do pai ou do marido. A mulher casada necessitava da autorização do marido para viajar, receber herança, trabalhar fora de casa ou adquirir patrimônio. Neste momento histórico, com o surgimento das primeiras fábricas, o trabalho feminino e infantil era requisitado, pois era mal remunerado e contribuía para a manutenção do baixo custo de produção. Assim, durante a Greve Geral de 1917, surgiram reivindicações específicas por parte deste coletivo junto aos empregadores (BEZERRA, 2018).

Embora se trate de um retrato histórico, esta análise revela uma continuidade de práticas e estruturas que ainda prevalecem no século XXI. As tentativas de minimizar a participação feminina na tomada de decisões, a objetificação da mulher e a utilização de seu trabalho de forma precarizada são vestígios dessas antigas estruturas que ainda persistem. Portanto, ao questionarmos a maneira como essas heranças patriarcais continuam a ser perpetuadas e buscarmos formas de desmantelá-las, contribuímos para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Como resultado das lutas incessantes das mulheres ao longo de várias décadas, obtivemos, em 1932, o direito ao voto, promulgado pelo governo de Getúlio Vargas. No dia 27 de agosto de 1962, com a introdução do novo Código Civil, a dominância marital sobre as esposas era erradicada. Agora, as mulheres não necessitavam mais da anuência dos maridos caso desejassem laborar fora do lar, receber heranças ou viajar. A década de 1960 se caracteriza pela libertação sexual, pela emergência da pílula anticoncepcional e pelos movimentos dos direitos civis. Estes movimentos ressaltaram questões específicas, como a da mulher negra, da mulher indígena e de homossexuais.

Costa (2019) menciona que no século XX, presenciamos um incremento significativo na participação das mulheres em espaços públicos, englobando postos de trabalho, posições de liderança e envolvimento em debates sociais. Esse movimento de empoderamento feminino perdura no século XXI, na medida em que as mulheres se tornam cada vez mais conscientes das estruturas machistas, racistas, patriarcais e desiguais que impregnam a sociedade. Confrontando essa realidade, elas têm-se insurgido e protagonizado batalhas

emancipatórias e pela conquista de direitos ao redor do mundo. Na América Latina, essas lutas são intensificadas devido a uma estrutura colonial que se manteve ao longo dos séculos.

Na Argentina, em particular, encontramos vários exemplos dessas manifestações femininas que servem de inspiração para os movimentos de mulheres e/ou feministas contemporâneos. Dois grupos merecem um destaque especial: as senhoras da Asociación Madres de Plaza de Mayo e as jovens feministas do *Ni Una Menos* (NUM). Embora esses grupos tenham surgido com quase quatro décadas de diferença entre si, suas estratégias de articulação política e engajamento no espaço social demonstram a diversidade, a longevidade e o impacto dessas ações (COSTA, 2019).

A análise crítica desses acontecimentos históricos e contemporâneos demonstra uma transformação progressiva na participação das mulheres na sociedade, mas também evidencia a persistência de estruturas de poder patriarcais que continuam a ser desafiadas. A narrativa de luta e resistência das mulheres ao longo das décadas traz à tona a necessidade contínua de combate às desigualdades de gênero e reafirma o papel fundamental dos movimentos feministas na transformação social. Apesar dos avanços consideráveis, a plena igualdade de gênero ainda está por ser conquistada, e estas histórias servem como um lembrete potente do trabalho que ainda precisa ser realizado.

A análise da presença feminista durante períodos de opressão política se constitui em um relevante eixo de investigação. A opressão instaurada pelas ditaduras na América Latina, em particular na Argentina com a implantação do Processo de Reorganização Nacional em 1976, proporciona o pano de fundo para uma impactante narrativa de resistência feminina, exemplificada pelo coletivo *Madres de Plaza de Mayo*. O coletivo *Madres de Plaza de Mayo*, surgido em 1977, apresenta-se como um icônico exemplo de desafio e resistência frente à opressão ditatorial. São fruto de uma confluência de sofrimento, audácia e necessidade, oriundos das mães que procuravam por respostas acerca do paradeiro de seus filhos e filhas, desaparecidos políticos (MONTEIRO, 2021). A Plaza de Mayo, situada em Buenos Aires, converteu-se no centro desse movimento, onde estas mulheres, trajando lenços brancos - simbolizando fraldas e, por consequência, a maternidade - protestavam publicamente, desafiando o regime autoritário.

Intrinsecamente, as *Madres de Plaza de Mayo* empregavam uma forma de resistência tipicamente feminina, a luta maternal. Esta peculiar abordagem da resistência política baseava-se na premissa de que o vínculo indissociável entre mãe e filho(a) poderia ser mobilizado para confrontar a autoridade ditatorial e exigir justiça. Com isso, elas não somente subverteram a ordem política, como também desafiaram os estereótipos de gênero pré-

estabelecidos, reivindicando o espaço público como um local legítimo para a expressão do luto e do protesto feminino (MONTEIRO, 2021). Assim, a análise crítica dessas circunstâncias permite um profundo entendimento sobre a interseção entre a luta de gênero e a resistência política em regimes opressores. Ela exhibe como as *Madres de Plaza de Mayo*, e potencialmente o NUM, conseguiram repaginar a maternidade e a dor em potentes instrumentos de resistência política, desafiando as normas de gênero e a tirania política simultaneamente. É preciso ressaltar que tais lutas, embora valiosas, são testemunhos da intransigência da opressão de gênero e política, exigindo contínuas e renovadas lutas feministas.

Zubillaga (2019) traça uma dialética comparativa entre as *Madres de Plaza de Mayo* e o NUM, onde emerge o destaque para as mutações e invariâncias na luta feminina em âmbitos de repressão política. Embora se conjecture que o NUM possua uma abordagem mais contemporânea, possivelmente abarcando questões como a interseccionalidade de gênero, classe e raça, é igualmente concebível que ecoem em suas estratégias as táticas empregadas pelas Madres. O escrutínio da luta feminina na ditadura, desde a geração das *Madres de Plaza de Mayo* até o advento presumido do NUM, engendra uma narrativa profusa e multifacetada de resistência política e metamorfose social. Ainda que detalhes específicos sobre o NUM se façam necessários para a dilatação desta discussão, é irrefutável que o legado das *Madres de Plaza de Mayo* perdura, ilustrando a potência do ativismo feminino, mesmo diante da mais severa opressão política (COSTA, 2019).

A confrontação feminina contra regimes autoritários, particularmente as ditaduras sul-americanas, configura-se como um amplo território de resistência e protagonismo. A trajetória histórica das *Madres de Plaza de Mayo*, na Argentina, até a contemporaneidade do Movimento NUM (cujas características precisam ser explicitadas, caso NUM seja uma sigla ou acrônimo), delinea uma corrente contínua e evolutiva de atuação e ativismo feminino. No decurso dos anos, este embate contra o autoritarismo propagou-se para outras nações da América Latina, com mulheres de todo o continente mobilizando-se contra regimes ditatoriais, frequentemente centrando-se no desaparecimento forçado, tortura e assassinato de entes queridos. As lutas destas mulheres tornaram-se cada vez mais intrincadas e interseccionais, suscitando questões de gênero, raça e classe, simultaneamente desafiando a estrutura política e social vigente.

Na contemporaneidade, o Movimento NUM (a especificação do termo "NUM" é imperativa para uma contextualização mais completa) provavelmente simboliza um novo estágio nesta incessante luta. Embora os pormenores específicos do NUM estejam incertos no

contexto desta análise, é possível inferir que este movimento, assim como tantos outros, represente uma atualização na luta feminina, quiçá incorporando novas questões, estratégias e perspectivas que refletem o panorama político e social atual. A história da resistência feminina à opressão ditatorial, desde as *Madres de Plaza de Mayo* até o presumido ativismo do Movimento NUM, revela uma narrativa de tenacidade, coragem e evolução. Cada movimento, em seu tempo e contexto, contribui para a incessante luta pela justiça, direitos humanos e igualdade, realçando a centralidade do papel feminino na transformação social e política.

Ancorados nas marés feministas de seus respectivos marcos temporais, tais movimentos se apropriaram de mecanismos de participação, discurso, prática e agência para ultrapassar os limites espaciais habitualmente a eles destinados e recodificar paradigmas preestabelecidos. Seja explicitando ou não uma filiação ao feminismo, sua modalidade de expressão evidencia congruência e similaridades com a teoria e os princípios feministas, ao centralizarem suas ações e agendas na problemática de gênero. Ademais, esses movimentos demonstraram-se permeáveis a outras demandas de emancipação pública, engendrando coletivos análogos em outros países ou cooperando com outros setores dos movimentos sociais, o que amplia sobremaneira sua relevância nos cenários local e global (COSTA, 2019).

A sentença "Ni Una Menos", que se traduz como "Nem uma a menos", foi adotada como mote do movimento para exprimir a exigência por nenhuma mulher a menos em virtude da violência de gênero. O movimento foi catalisado pelo hediondo homicídio de uma adolescente de 14 anos, Chiara Páez, que foi encontrada sem vida e sepultada no pátio de sua residência após ser brutalmente espancada e violada. Em resposta a este evento trágico, um grupo de jornalistas, ativistas e artistas feministas congregou-se para organizar uma manifestação requisitando o fim da violência contra as mulheres (GABARDO; DE LIMA-LOPES, 2018).

A violência de gênero e o feminicídio são questões resilientes na Argentina, assim como em outros países da América Latina. Este fenômeno não se encontra isolado, mas sim radicado em estruturas sociais, políticas e econômicas desiguais que perpetuam a discriminação e a violência contra as mulheres. Em termos políticos, a Argentina possui um histórico de ditadura militar e instabilidade política, que frequentemente obstaculizou o progresso em relação aos direitos das mulheres. Ademais, a ausência de responsabilidade política e a impunidade em muitos casos de violência contra as mulheres contribuíram para a persistência deste problema (LIMA-LOPES; GABARDO, 2019).

Conforme Balbinotti (2018), socialmente, o machismo, uma postura de superioridade

masculina que frequentemente conduz ao controle e à violência contra as mulheres, encontra-se profundamente arraigado na cultura argentina. Além disso, a violência de gênero é comumente normalizada e tornada invisível pela sociedade, e as vítimas de violência frequentemente enfrentam estigmatização e culpabilização. Economicamente, a desigualdade de gênero na Argentina é evidenciada na lacuna salarial entre homens e mulheres, na segregação ocupacional, na precariedade do trabalho feminino e na maior vulnerabilidade das mulheres à pobreza. Além disso, a violência econômica contra as mulheres, que pode se manifestar na forma de controle financeiro, exploração ou privação, constitui-se como uma forma de violência de gênero frequentemente esquecida (LIMA-LOPES; GABARDO, 2019).

No panorama nacional, os movimentos de matiz feministas alvoreceram no século XIX, em demanda pelo direito à educação formal feminina, ao labor remunerado, ao sufrágio e à abolição da escravatura. No século XIX, a condição da mulher brasileira espelhava as desigualdades sociais e econômicas do país. O Brasil era uma sociedade calcada na escravidão que oprimia tanto a mulher negra, na sua condição de escravizada, quanto a mulher branca, confinada às lides domésticas (BEZERRA, 2018), embora saibamos das diferenças de poder e lugar que recaiam sobre cada uma delas.

Rocheffort argumenta que “a opressão se exerce cotidianamente sobre o aparelho sexual, que ela danifica” (ROCHEFORT, 1978, p. 5). O controle da/pela sexualidade é, sob esta ótica, “o método por excelência do controle diário das mentes e corpos das mulheres nas culturas patriarcais” (BLEIER, 1984, p. 165). No Brasil, a discussão acerca da violência de gênero focalizada na mulher, começou a ganhar terreno entre as décadas de 1970 e 1980, devido ao fortalecimento do movimento feminista, que possibilitou a conscientização feminina acerca do seu papel, e que por direito, merecia condições paritárias às dos homens, abrindo assim, o espaço para debates e denúncias (MORAES, 2003; TELES; MELO, 2003).

É crucial ressaltar a importância dessas lutas históricas e a contribuição significativa dos movimentos feministas no que se refere à conscientização e ao combate à violência de gênero. Entretanto, é igualmente imperativo enfatizar a persistência de desigualdades estruturais e a necessidade contínua de questionar e desafiar as normas e estruturas patriarcais que perpetuam a violência e a opressão. Além disso, é importante não homogeneizar a experiência das mulheres, mas sim reconhecer e valorizar a diversidade de experiências e identidades femininas, incluindo as interseccionalidades de raça, classe e sexualidade, que moldam de maneira única as experiências de opressão e resistência. Com a instauração da República, o movimento feminista no Brasil expande-se em suas amplitude e profundidade. O novo regime, contudo, não outorga o sufrágio às mulheres, tampouco facilita a

permeabilidade ao mercado de trabalho para a mulher branca pertencente à classe média urbana ou rica. A mulher negra, a indígena e a mulher branca economicamente desfavorecida sempre se viram compelidas ao labor para subsistirem.

É imperativo ressaltar a persistência de desigualdades estruturais e a relevância contínua do feminismo na busca pela igualdade de gênero. É igualmente crucial destacar a importância da interseccionalidade no feminismo, reconhecendo que as experiências de opressão e resistência das mulheres são moldadas de forma única pelas interseccionalidades de raça, classe e sexualidade. No ano de 1975, proclamado pela ONU como Ano Internacional das Mulheres, a atmosfera autoritária da ditadura militar brasileira se mostrava paradoxalmente propícia para que as mulheres se congregassem, no intuito de debaterem problemas e conceberem soluções. Nesse contexto, ocorreram o 1º Encontro de Mulheres do Rio de Janeiro e o Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista, eventos que catalisaram a criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira.

Com a restauração democrática em solo brasileiro, as mulheres conquistaram maior protagonismo governamental, em especial com a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) no ano de 1985. Em virtude da ascensão da escolarização feminina e da consolidação democrática do país, os propósitos do movimento feminista se adaptaram à dinâmica societária. Assim, emergiram demandas por maior participação feminina na vida pública, inclusive por meio de leis de "discriminação positiva", que impõem aos partidos políticos a obrigatoriedade de destinarem 30% de suas candidaturas ao legislativo para mulheres.

Concomitantemente, o movimento feminista brasileiro adequou-se às solicitações do novo milênio, ao inserir em sua pauta novos temas como a diversidade sexual e racial, além do questionamento do dogma da maternidade como uma obrigação inescapável. No ano de 2006, durante o mandato do presidente Lula, foi sancionada a Lei Maria da Penha, que dispõe de maior severidade no tratamento dos casos de violência doméstica. A lei foi saudada como um passo significativo para a prevenção da violência doméstica contra as mulheres.

Contudo, no Brasil, a luta por erradicar a violência doméstica, garantir maior representatividade política, reivindicar o direito ao parto natural, o direito à amamentação em locais públicos, o direito ao aborto e o término de uma cultura que subjuga a mulher ao homem ainda persiste (BEZERRA, 2018). No ano de 2015, foi aprovada a Lei do Femicídio, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, que conceitua esse crime como um tipo de homicídio estritamente motivado por questões de gênero. Entretanto, essa lei demanda uma reestruturação urgente, tendo em vista que suas penalidades ainda não se mostram

suficientemente efetivas e rigorosas. É uma representação da tensão entre as aspirações de igualdade de gênero e as realidades sociopolíticas brasileiras.

Nesse tópico de estudo, pudemos mergulhar na profusão e profundidade de temas inerentes ao feminismo, ao empoderamento feminino e à questão de gênero - domínios estreitamente inter-relacionados na contínua batalha pela igualdade. A narrativa do feminismo, impregnada de movimentos arrojados e subversivos, proporcionou o contexto para compreender a dinâmica da consciência feminina, marcada por adversidades e desafios, mas igualmente por avanços significativos. O empoderamento feminino emergiu como uma consequência intrínseca do feminismo, uma vez que se propõe a conceder às mulheres autonomia, voz e autoridade em todos os âmbitos da vida - pessoal, social, política e econômica. Ele se manifesta como uma ferramenta importante na busca por uma sociedade mais equânime, na qual as mulheres não sejam meras espectadoras, mas também articuladoras de suas próprias trajetórias.

Similarmente, a questão de gênero foi dissecada, reconhecendo a crucialidade de dismantelar as normas e estereótipos de gênero restritivos que têm confinado mulheres (e homens) a papéis sociais predefinidos. A desconstrução de tais normas é fundamental para a promoção da igualdade, visto que possibilita que todas as pessoas vivam suas vidas de maneira autêntica, sem serem restritas por expectativas sociais baseadas em seu gênero. Embora reconheçamos que foram alcançados progressos consideráveis em todas estas áreas, ainda há uma vasta gama de trabalho a ser realizada. Desigualdades persistem obstinadamente, desafiando a sociedade em sua busca pela igualdade de gênero, inclusive a violência contra as mulheres, a disparidade salarial, a sub-representação em cargos de liderança, entre outras. Destarte, o feminismo, o empoderamento feminino e a desconstrução de normas de gênero se apresentam como campos de trabalho contínuos e urgentes que demandam a participação ativa de todas as pessoas. Essa análise crítica nos instiga a refletir sobre a urgência de práticas mais equitativas e inclusivas que garantam a liberdade e a dignidade para todos os gêneros.

## 2 TRABALHO E PROTAGONISMO FEMININO

Como pontua Santos (2005), a identidade profissional desponta como um tema de relevância imensurável no âmbito acadêmico, despertando um crescente interesse em diversas áreas do conhecimento. Esta noção põe em relevo a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e se reconhecem em relação à sua ocupação e às características intrínsecas que a circunscrevem. A compreensão da arquitetura e manutenção da identidade profissional é elementar para o entendimento das motivações, aspirações e interações dos profissionais em seus respectivos campos de atuação.

A identidade profissional é norteadada por uma série de fatores, tais como a instrução educacional, as vivências laborais, as interações sociais, as normas e valores da profissão, assim como as expectativas socioculturais. Esses elementos se entrelaçam e esculpem a percepção individual acerca do papel desempenhado no contexto profissional. A edificação da identidade profissional se processa de forma dinâmica e contínua. É inaugurada na fase de formação, quando o indivíduo absorve conhecimentos teóricos e habilidades práticas correlatas à sua área de atuação. Neste estágio, os valores e ideais da profissão são internalizados e incorporados à identidade em processo de modelagem (SANTOS, 2005).

Na medida em que o(a) profissional adentra o mundo do trabalho, é confrontado com situações e desafios que têm o potencial de afetar sua identidade profissional. Vivências positivas, como o reconhecimento por parte dos pares, o êxito na carreira e a realização pessoal, robustecem a identidade e suscitam um sentimento de pertencimento à profissão. No entanto, eventos adversos, tais como conflitos éticos, fracassos profissionais ou a desvalorização social da profissão, podem abalar a identidade profissional. Em momentos assim, é comum se desencadear uma reflexão sobre a compatibilidade entre os valores pessoais e os da profissão, o que pode culminar em uma redefinição da identidade (SANTOS, 2005).

Ademais, a identidade profissional não se configura como um atributo imutável, mas como um processo fluido e maleável. Os(as) profissionais estão sujeitos a modificações e adaptações ao longo de suas carreiras, seja por meio de aprimoramento profissional, atualização de conhecimentos ou inserção em novas práticas e tecnologias. A identidade profissional também está correlacionada à construção de uma imagem pública e à projeção de uma identidade profissional congruente com os valores e as competências almejadas pela sociedade. A maneira como o(a) profissional se apresenta e se comunica pode influenciar a percepção e a confiança dos demais atores sociais em relação a ele (SANTOS, 2005).

Sob a perspectiva de Schein (1993), a identidade profissional não se circunscreve à esfera individual, mas também engloba dimensões coletivas. Os profissionais de uma mesma área muitas vezes compartilham valores, normas e objetivos comuns, engendrando uma identidade profissional coletiva que contribui para o robustecimento da profissão como um todo. A identidade profissional é um aspecto inalienável na vida dos indivíduos e impacta diretamente sua trajetória e desenvolvimento no campo de atuação. Compreender sua construção, manutenção e transformação é primordial para promover um ambiente de trabalho salutar, motivador e alinhado com os valores individuais e coletivos da profissão.

A análise sociológica das profissões e ocupações em geral é um instrumento importante para compreender as transformações sociais, econômicas e culturais que ocorrem no mundo do trabalho nas sociedades globalizadas, especialmente na América do Norte e Europa. No decurso do século XX, houve uma reconstrução contínua de modelos teórico-metodológicos no campo da sociologia das profissões, com pontos de conexão entre si, mas também clivagens evidentes. Essa progressão histórica deve muito aos contributos da sociologia anglo-americana. No entanto, nas últimas décadas, o cenário teórico tem se transformado significativamente, com um crescente e constante interesse por parte dos sociólogos europeus continentais, resultando em um aumento de pesquisas e formulações teóricas específicas nesse campo.

A partir da análise de diversos textos (COLLINS, 1990; MACDONALD, 1995; FREIDSON, 1994), destaca-se um elemento comum: a divisão em fases do desenvolvimento histórico dessa análise. Embora as periodizações estabelecidas pelos autores não sejam idênticas, é possível identificar fases com fronteiras temporais ainda não definitivamente traçadas. A primeira fase abrange a definição do campo de análise, com predominância das teses funcionalistas, mas também com contribuições dos interacionistas simbólicos, ocorrendo entre os anos 1930 e 1960. A segunda fase é marcada pela crítica às teses funcionalistas e pelo surgimento das teses revisionistas, abrangendo até o final dos anos 1970. A terceira fase, na década seguinte, caracteriza-se pela consolidação da diversidade de modelos teórico-metodológicos, ampliando as perspectivas desenvolvidas na fase anterior, enfatizando, por exemplo, o poder e os monopólios profissionais, bem como uma abordagem sistêmica das profissões. A quarta fase, que se estende nos últimos quinze anos, destaca-se pela abordagem comparativa dos fenômenos profissionais, pelo aumento da produção sociológica na Europa continental e pela emergência de novas problemáticas teóricas, permeando as fases anteriores.

A obra de Carr-Saunders e Wilson (1933), britânicos, é considerada o marco fundador da abordagem sociológica das profissões. Ao lê-la, destaca-se, primeiramente, a definição dos

atributos particulares das profissões, que as distinguem das ocupações comuns e conferem a elas um lugar distintivo na sociedade. Em segundo lugar, é ressaltada a defesa do profissionalismo como um sistema de valores fundamental para o funcionamento das sociedades capitalistas. A partir dessas ideias, surgem questões interdependentes que irão orientar, nas décadas seguintes, as perspectivas funcionalistas: o que é uma profissão? Quais são os atributos que as distinguem das ocupações comuns em termos de natureza, organização do trabalho e valores? Qual é a função social das profissões e que contribuições elas podem fornecer para a manutenção das sociedades capitalistas?

A perspectiva funcionalista das profissões, também conhecida como essencialista ou taxonômica, desenvolveu-se com maior ênfase nas décadas de 1950 e 1960, especialmente na sociologia norte-americana. Essa perspectiva gerou uma abundância de esquemas classificatórios (GOODE, 1960; BARBER, 1965; GREENWOOD, 1966) que isolam as profissões das demais ocupações. A elas são atribuídas características exclusivas, como altruísmo e orientação vocacional, posse de conhecimentos científicos e técnicos complexos e especializados adquiridos por meio de uma longa formação universitária, uso racional e não mercantil dos conhecimentos e orientação das práticas profissionais por princípios éticos e deontológicos. A partir disso, emerge o conceito de profissão, de natureza enumerativa, tendo como exemplos paradigmáticos, servindo como tipo ideal para a seleção e identificação das ocupações em geral. Ao mesmo tempo, sociólogos funcionalistas, no contexto mais amplo do mundo do trabalho, valorizaram o modelo profissional politicamente e socialmente em relação ao modelo de trabalho assalariado e ao modelo empresarial.

Além dos esquemas classificatórios, um elemento central da perspectiva funcionalista é a concepção das profissões como instrumentos de resposta às necessidades sociais, contribuindo para a integração e coesão nas sociedades capitalistas. Parsons (1958, 1972, 1982) é um dos sociólogos que retoma essa tese de Durkheim, enfatizando-a em sua análise e rompendo simultaneamente com a perspectiva sociográfica sobre as profissões, adotada por outros sociólogos funcionalistas. A posse de conhecimentos científicos e técnicos e o ideal de servir à coletividade são considerados as principais fontes de legitimidade social das profissões e garantia de sua importância funcional para as sociedades.

As teses funcionalistas desempenharam um papel fundamental na delimitação do campo de análise sociológica das profissões e em sua valorização dentro da sociologia. Após a definição do objeto - as profissões - e a adoção da metodologia comparativa e taxonômica (entre profissões e entre estas e as ocupações comuns), surgiram ao longo das décadas de 1950 e 1960 vários trabalhos que se limitaram ao mapeamento empírico das características

dos grupos ocupacionais (COGAN, 1953; GOODE, 1960; READER, 1966). As análises de Merton (1982), que introduziram os conceitos de funções manifestas e latentes, o conceito de altruísmo institucionalizado e destacaram os comportamentos dos profissionais em relação aos clientes, assim como os trabalhos de Wilensky (1964) sobre as etapas da profissionalização e a especificidade das atitudes, valores e ações dos profissionais em relação aos demais grupos ocupacionais, se destacam pela introdução parcial de inovações conceituais na perspectiva funcionalista. No entanto, a ênfase excessiva na definição dos atributos, a abordagem empírica dos estudos, a falta de valorização da reflexão teórica como base da pesquisa e a análise atomizada das profissões em relação às dinâmicas globais do capitalismo nacional são elementos da abordagem funcionalista que contribuíram para uma compreensão limitada do fenômeno profissional.

A primeira grande ruptura com a perspectiva funcionalista, ainda dentro do contexto da sociologia norte-americana, ocorreu por meio dos trabalhos de alguns interacionistas simbólicos, especialmente Hughes (1958 e 1963). Essa ruptura se deu em várias dimensões, resultantes da posição epistemológica e teórica do interacionismo em relação à sociedade e à sociologia: a questão central reside na análise das práticas dos membros de um grupo ocupacional para obter reconhecimento e legitimação social como detentores monopolistas de uma área profissional, conferindo-lhes prestígio e status social elevados. Portanto, é crucial compreender os jogos de interação social permeados por conflitos e pelo poder de controlar e monopolizar determinadas atividades profissionais. As profissões são objetos da prática cotidiana, sendo apenas um "conceito popular". Não há uma definição prévia de profissão, mas uma pluralidade de situações decorrentes de diferentes contextos sociais em que as atividades laborais correspondentes são exercidas. A opção metodológica se baseia em monografias sobre ocupações, privilegiando aquelas consideradas socialmente menos distintivas (ao contrário dos funcionalistas, que se concentraram em médicos e advogados), observadas por meio de observação participante e histórias de vida, seguindo a tradição etnográfica da Escola de Chicago. A falta de uma leitura mais sistêmica do fenômeno profissional, que o inserisse nas dinâmicas da sociedade capitalista americana dos anos 1960, juntamente com uma valorização extrema da análise microsociológica como único eixo de abordagem (embora tenha permitido a produção de trabalhos etnograficamente ricos), acabou por se tornar os pontos mais fracos da abordagem dos interacionistas simbólicos sobre as profissões.

A perspectiva dos interacionistas, que ocupou uma posição marginal em relação aos funcionalistas na sociologia das profissões nos anos 1950 e 1960, passou a receber atenção

especial dos sociólogos críticos nas décadas seguintes, sendo mobilizada como um dos recursos teórico-metodológicos principais para o estudo das profissões. A partir de meados dos anos 1960 até o final da década seguinte, observa-se uma segunda fase no desenvolvimento da análise sociológica das profissões, caracterizada por leituras críticas da perspectiva funcionalista, que se juntam a um discurso anti-profissional que desmistifica as práticas das profissões, questiona a retórica que legitima sua existência e contesta os privilégios materiais e simbólicos dos profissionais. Dentro dessa diversidade de leituras, as teses sobre o poder e o monopólio profissional emergem e ganham destaque.

As leituras críticas revisam os resultados dos estudos funcionalistas e desconstruem as teses nas quais se baseiam. As principais críticas que surgem (JOHNSON, 1972; CHAPOULIE, 1973, ROTH, 1974; GYARAMATI, 1975; FREIDSON, 1978) incluem: a falta de base científica do tipo ideal de profissão, uma vez que é fundamentado em uma seleção acrítica de atributos - não passando de uma duplicação, no discurso sociológico, do discurso autojustificativo das profissões - e que não é validado metodologicamente; a aplicação ahistórica do conceito de profissão, que desvaloriza os contextos sócio-históricos nos quais as profissões se institucionalizam; a abordagem profundamente essencialista da análise, que oculta a complexidade das relações e processos sociais que moldam o fenômeno profissional; a leitura idealizada e equivocada de que os profissionais orientam sua ação predominantemente pelo altruísmo, ignorando as relações de poder que têm com os clientes; a inadequação do modelo profissional para a análise do trabalho e das dinâmicas profissionais, devido à sua natureza estereotipada e ideológica.

O movimento revisionista na sociologia das profissões se destaca por sua diversidade teórica. Após o consenso teórico dos funcionalistas, surgem trabalhos baseados em teses neo-weberianas, neo-marxistas, interacionistas e outras abordagens. O que se destaca é a abordagem de novas problemáticas e questões sociológicas que se opõem teoricamente ao funcionalismo. Em uma análise macro, as profissões são enquadradas nas dinâmicas das sociedades capitalistas, levando em consideração os processos de formação das profissões e como elas se relacionam com a expansão do sistema econômico capitalista, bem como a formação e consolidação dos Estados modernos. Em uma análise meso, destacam-se o poder dos profissionais em relação aos clientes, a outros profissionais e ao Estado; os processos de construção e institucionalização dos monopólios profissionais; as conexões entre as profissões e a estrutura de classes sociais; os conflitos entre as profissões pela apropriação de jurisdições profissionais; a influência cultural e política exercida pelas profissões em benefício de seus próprios interesses; a desprofissionalização e proletarização dos profissionais; a retórica

legitimadora da ideologia profissional.

Essas são algumas das problemáticas emergentes durante a segunda fase do desenvolvimento da abordagem sociológica das profissões, refletindo em parte os "novos tempos" marcados pela crise econômica e social que surgiram rapidamente a partir da década de 1970, após um período áureo para o mundo do trabalho nas décadas anteriores. É amplamente reconhecido atualmente que as obras de Johnson (1972), Larson (1977) e Freidson (1978) desempenharam um papel crucial na formulação das novas problemáticas sociológicas relacionadas às profissões. O tema do poder profissional está presente em todos esses trabalhos, embora haja diferenças teóricas significativas.

Para Johnson, a análise das profissões deve se concentrar nas relações de poder existentes entre o provedor de serviços profissionais e o cliente. É especialmente importante compreender como o primeiro controla as relações com o segundo em benefício próprio. O conhecimento especializado, que não é dominado pelo cliente, e a incerteza resultante desempenham um papel decisivo na criação de relações de distância social entre os dois e na dependência do cliente em relação ao profissional. Isso cria as condições para a predominância e controle do profissional sobre a relação. Em uma abordagem tipológica dessa situação, o autor identifica três tipos de controle social: colegiado, patrocinado e mediado. O profissionalismo é uma forma de controle ocupacional que se enquadra no primeiro tipo, no qual é o profissional que possui a capacidade de definir as necessidades do cliente - em oposição ao argumento funcionalista de que os profissionais satisfazem necessidades definidas externamente às suas ações - e encontrar os meios para atendê-las.

Os três tipos de controle são resultado de contextos históricos específicos, que refletem, por sua vez, a evolução do capitalismo e a forma como essa evolução se entrelaça com os processos de profissionalização. Dessa forma, a abordagem de Johnson contribui de maneira significativa para a sociologia das profissões, ao reafirmar a análise das dinâmicas profissionais e relacioná-las a uma abordagem conceitual mais ampla que incorpora a dimensão histórica da profissionalização juntamente com a evolução econômica e as ações do Estado. Além disso, a ênfase no poder das profissões amplia a visão desencantada dos sociólogos em relação ao mundo profissional. A partir do trabalho do autor e de outros que se alinham ao movimento revisionista das teses funcionalistas (BERLANT, 1975; COLLINS, 1979), por exemplo, tornou-se inaceitável ignorar, nos modelos de análise utilizados, as estratégias de defesa ou consolidação promovidas pelas profissões em relação aos seus próprios interesses econômicos e políticos.

A perspectiva de Larson (1977) se baseia principalmente em uma abordagem

diferenciada em relação a Jonhson. Inspirada em um esquema teórico que combina teses marxistas e weberianas, o foco está na análise do "projeto profissional" de várias profissões na Inglaterra e nos EUA (médicos, advogados e engenheiros) durante o século XIX, relacionando-o ao desenvolvimento do capitalismo. Esse projeto incorpora um processo histórico em que as profissões alcançaram um monopólio legal sobre determinadas atividades de serviços, criando mercados específicos para profissionais (fechados para não profissionais), garantindo o reconhecimento legal e a proteção estatal para as atividades dos respectivos profissionais e obtendo privilégios materiais e simbólicos adicionais.

O monopólio também se estende à área do conhecimento (estabelecendo a "exclusividade cognitiva" em favor de uma profissão) e às qualificações profissionais específicas do grupo, essenciais para o exercício das atividades, as quais são ensinadas nas universidades e socialmente legitimadas por credenciais específicas. Paralelamente, há um processo histórico de mobilidade social individual e coletiva dos profissionais, que lhes permite acessar posições marcadas por um alto status social. O monopólio de um mercado de serviços profissionais e o fechamento cultural por parte de um grupo profissional levam ao fechamento social ("fechamento social" - conceito retomado de Weber). Esse fechamento é o objetivo primordial das profissões.

Embora limitada ao contexto anglo-americano, a heurística da abordagem de Larson decorre, pelo menos, dos seguintes elementos teóricos: a concepção das profissões como atores sociais; a conexão entre mobilidade social e controle monopolista do mercado (adotando, nesse aspecto, a perspectiva de Weber de que as profissões têm interesses econômicos e sociais simultâneos); análise sócio-histórica dos projetos profissionais; uma abordagem analítica que considera a ação dos grupos profissionais, suas relações com o Estado, a forma como este se posicionou em relação ao desenvolvimento das profissões e o papel das universidades, tanto como instituições de produção do conhecimento científico no qual a profissão se baseia, quanto como provedoras de credenciais para profissionais; rejeição da existência de um único modelo de profissionalização.

As teses de Larson têm enfrentado alguma contestação, especialmente em relação à ênfase exagerada dada pela autora à concretização do monopólio profissional (Halliday, 1983 e 1985). No entanto, isso não tem impedido a relevância de sua contribuição, como demonstrado por estudos empíricos (Macdonald (1995), por exemplo, e pela sua adoção como referência teórico-metodológica para a abordagem da profissionalização (DUBAR; TRIPIER, 1998). A questão do fechamento social das profissões é aprofundada por Parkin (1978), no contexto mais amplo de sua teoria sobre estratificação social, mostrando que a

profissionalização não passa de uma estratégia de fechamento baseada no credencialismo.

Collins (1979; 1990) também avança com a tese de que as profissões sempre combinam dois aspectos: "fechamento de mercado" e "prestígio ocupacional elevado". As análises atuais (SAKS, 2003), que apontam para a falta de atenção da abordagem neo-weberiana em relação à inserção das profissões na divisão do trabalho, não diminuem a importância relevante que essa abordagem teve na consolidação da sociologia das profissões como análise sociológica das profissões nas décadas de setenta e seguintes. As análises sobre os processos de monopolização da medicina na Inglaterra e nos EUA, por Berlant (1975), e sobre a medicina britânica, por Parry e Parry (1976), bem como o trabalho mais recente de Witz (1992) sobre as relações entre gênero e profissionalismo, são textos que também contribuem para essa relevância.

Ao contrário de Johnson e Larson, Freidson é um sociólogo com uma extensa obra publicada até os dias atuais. Dentre suas principais obras (FREIDSON, 1986), destaca-se uma tese fundamental: a profissão é uma forma de organização do mercado de trabalho baseada em três elementos que sustentam seu poder. Primeiro, a autonomia técnica, através do controle da natureza e da forma de execução do trabalho, conferindo ao profissional um conhecimento especializado. Segundo, o monopólio de uma área de conhecimento institucionalizada, que sustenta essa autonomia. E terceiro, o credencialismo, que limita o acesso à profissão apenas àqueles que possuem credenciais ocupacionais ou institucionais. A profissão é uma ocupação que ocupa uma posição particular dentro da divisão do trabalho, permitindo o controle exclusivo do próprio trabalho. Em um texto recente, Freidson (2001) desenvolve um ideal-tipo de profissionalismo, composto por elementos interdependentes, como trabalho especializado baseado em um corpo teórico, uso discricionário do conhecimento pelo profissional, jurisdição exclusiva e divisão do trabalho controladas pela profissão, monopólio no mercado baseado em credenciais qualificacionais, programa formal de ensino controlado pela profissão e uma ideologia que garanta o reconhecimento social do trabalho profissional e da validade do conhecimento especializado.

O autor se diferencia de outros sociólogos críticos das teses funcionalistas, como Johnson e Larson, ao não adotar uma posição de antagonismo radical em relação às profissões. Pelo contrário, ele reconhece as virtudes do profissionalismo nas sociedades capitalistas contemporâneas, embora também reconheça os privilégios excessivos de algumas profissões. Freidson justifica sua postura com três argumentos: o profissionalismo como oposição ao poder administrativo nas organizações burocráticas, as profissões como antítese do trabalho alienado devido à natureza de suas atividades e à longa formação escolar, e a

função protetora das profissões na organização do mercado de trabalho, salvaguardando os interesses dos próprios clientes dos profissionais. Nessa mesma linha de pensamento, Evetts (2003a) também faz considerações semelhantes. Baseado nessa postura, que não é totalmente desencantada em relação às profissões, Freidson (1986) critica veementemente as teses de proletarização (OPPENHEIMER, 1973; DERBER, 1983) e desprofissionalização (HALL, 1975), ao mesmo tempo em que demonstra ceticismo em relação à leitura de Bell (1976) sobre a sociedade pós-industrial, que atribuía aos profissionais um domínio social e político acentuado.

Antes de abordar a perspectiva de Eliot Freidson sobre a sociologia das profissões, é importante contextualizar o próprio autor em sua trajetória intelectual. Para isso, serão utilizados os prólogos das traduções de duas de suas obras: "La Profesión Médica" (1978) por Jesus M. de Miguel e "O Renascimento do Profissionalismo" (1998) por Maria da Glória Bonelli, bem como notas sobre o autor retiradas do livro "Profissões da Saúde: uma abordagem sociológica" (1995) organizado por Maria Helena Machado. Eliot Freidson é um renomado professor emérito de Sociologia na New York University, onde se aposentou em 1993, além de atuar como professor adjunto no Departamento de Ciências Sociais e Comportamento na University of Califórnia em San Francisco, e como professor visitante no Departamento de Sociologia da University of Califórnia em Berkeley.

Em 1954, ele participou de um programa experimental no Hospital Montefiore, que visava integrar sociólogos em campos profissionais como medicina, direito e assistência social. Foi nesse projeto que Freidson começou a estudar as interações entre profissionais de diferentes formações envolvidos no tratamento de pacientes. Essa experiência de pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento de seus trabalhos sobre profissões e sociologia da medicina, resultando em sete livros publicados nos Estados Unidos, alguns dos quais receberam prêmios, como "Profession of Medicine: A Study of the Sociology of Applied Knowledge" e "Profession of Medicine".

No ano de 1998, Eliot Freidson já havia acumulado um conjunto de trabalhos composto por 95 publicações, incluindo 11 livros. Essa produção apresenta contribuições significativas para a sociologia das profissões, como destacado por Bonelli (1998). Entre os temas abordados, merecem destaque: a) o conceito de profissão; b) a análise dos poderes e privilégios profissionais, bem como as esferas de controle que surgem do monopólio do conhecimento e das atividades de proteção às profissões; c) a defesa das profissões, rebatendo visões negativas ou consideradas desnecessárias. Em sua obra "Professional Powers", Freidson argumenta que o conhecimento é poder, especialmente quando ambos são colocados

em ação pelos seres humanos em suas instituições. Ele defende a ideia de que todas as pessoas possuem algum conhecimento sobre algo, e cada cultura possui um conjunto específico de conhecimentos. Ele ressalta a existência tanto de um conhecimento comum a todos (senso comum) quanto de um conhecimento especializado disponível apenas a um grupo específico de pessoas (conhecimento científico) em qualquer cultura complexa e de qualquer tamanho.

Segundo o autor, a divisão social do trabalho é determinada pelo conhecimento formal, que consiste em conhecimentos altamente especializados restritos a um grupo de especialistas. No entanto, a sociedade contemporânea passa por transformações que afetam a dinâmica do trabalho e da própria sociedade. O momento atual é um ponto de inflexão entre a era industrial, caracterizada pela certeza e pelo raciocínio lógico, e uma nova era do conhecimento, marcada pela imprecisão e pelo surgimento de inúmeras possibilidades. Nesse contexto, a complexidade dinâmica, entendida como diversidade, aleatoriedade, constantes mudanças e conflitos, é uma característica fundamental. Diante disso, enfrentar essa complexidade e a imprevisibilidade do futuro torna-se um novo desafio para profissionais e organizações, que precisam mobilizar potenciais criativos e transformadores. Para superar esse desafio, é crucial compartilhar o conhecimento, pois o conhecimento compartilhado cresce, enquanto o conhecimento não utilizado se torna obsoleto e perde seu valor. Para Chies (2010) a força de nações, regiões, empresas e indivíduos dependem da gestão eficiente do conhecimento, seja ele técnico, científico, relacionado à comunicação ou baseado em princípios éticos nas relações interpessoais.

Na perspectiva do autor, no atual mercado de trabalho, é crucial focar na aquisição, armazenamento, processamento e, especialmente, na disseminação e utilização de informações e conhecimentos. Essa tendência contrasta com a ideia de um grupo restrito e fechado de profissionais altamente especializados, conforme evidenciado posteriormente. Para o autor, a natureza do conhecimento formal pode ser compreendida em termos de "racionalização", um conceito central nas análises de Max Weber. Essa racionalização busca alcançar eficiência funcional por meio do uso persuasivo da razão e da mensuração sempre que possível. A ação racional, que organiza tanto o mundo material quanto o humano, está presente na tecnologia, nas leis, na administração das instituições, na economia e em todas as esferas da sociedade moderna. Freidson argumenta que o conhecimento formal está intrinsecamente ligado à racionalização, e ambas influenciam as escolhas e ações das pessoas em todas as áreas de sua vida em sociedade. Ele sustenta que o conhecimento científico-técnico é um dos pilares fundamentais da ordem disciplinar, conceito definido por Foucault como o regime de poder-saber responsável pela construção do indivíduo moderno. As análises

foucaultianas sobre a história da loucura, o surgimento do sistema prisional e a história da sexualidade mostram claramente como certas formas de exercício do poder deram origem a um conjunto de instituições e ao surgimento de disciplinas formais ou científicas significativas.

As disciplinas têm poder suficiente para influenciar a vontade humana e a vontade do Estado, tornando o uso do conhecimento formal como meio de regular as relações humanas um exercício de poder e dominação sobre aqueles que são sujeitos a ele. O conhecimento formal é uma ferramenta de poder e uma fonte que orienta e facilita o exercício desse poder, mas não é o poder em si. De acordo com Freidson, são os políticos e as políticas que detêm o poder e decidem como o conhecimento formal é utilizado e para quais propósitos. Da mesma forma que o conhecimento formal determina a vida das pessoas na sociedade através das instituições, é o nível, a área e a intensidade desse conhecimento que distinguem entre os conhecimentos considerados "puros" e os "aplicados". Por sua vez, o conhecimento formal aplicado possui diferentes níveis de formação e especialização, que determinam o status daqueles que o possuem, mas essa não é a única característica que define quem são os profissionais (CHIES, 2010).

Ao explorar a evolução histórica para estabelecer critérios na definição do conceito de profissão, Freidson destaca que, na segunda metade do século XIX, de acordo com as teorias de Ehrenreichs, a classe capitalista buscou reprimir a classe trabalhadora, adotando métodos de controle tanto no ambiente de trabalho quanto na comunidade. Isso impulsionou o desenvolvimento da ciência, engenharia, educação, saúde e serviços de bem-estar, com o objetivo de alcançar esse propósito, resultando na incorporação dessas ocupações às atividades desses serviços, incluindo o surgimento do serviço social (CHIES, 2010).

De acordo com Freidson, os(as) profissionais nessas ocupações compartilham a posição estrutural entre capital e trabalho, desempenhando funções de organização dos meios de produção e apoio à reprodução das relações sociais de produção. Essa posição cria um duplo antagonismo: primeiro, com a burguesia, da qual esses profissionais dependem e cujos esforços em racionalizar e reformar seu trabalho são frustrados pela "ganância capitalista" que é irracional e irresponsável socialmente; segundo, com a classe trabalhadora, pois sua função envolve manipular diretamente ou indiretamente essa classe. Portanto, há uma mistura de hostilidade direcionada à burguesia e elitismo em relação à classe trabalhadora.

Resende et al., (2014) descreve uma concepção da classe gerencial-profissional, destacando a importância da ideologia do profissionalismo e da demanda por autonomia profissional como características essenciais dessa classe. Ele argumenta que os membros

dessa classe são considerados como tal devido ao conhecimento formal adquirido por meio de sua educação de alto nível, do qual dependem para sua sobrevivência no mercado de trabalho. Também enfatiza o comprometimento dessa classe em desenvolver suas habilidades intelectuais e técnicas e em produzir bens e serviços notáveis, os quais são considerados seu "capital cultural" e que contribuem para seu antagonismo em relação ao capital tradicional. Como uma classe que oferece serviços técnicos ao capital e legitima as combinações sociais modernas e científicas, ela também busca resistir à sua subordinação e busca exercer controle efetivo sobre as instituições em que atua, visando avançar seus interesses materiais e ideológicos. Gouldner destaca que uma das estratégias fundamentais para alcançar tais objetivos é estabelecer alianças políticas com a classe trabalhadora, visando estabelecer um estado de bem-estar ou socialista, dependendo das circunstâncias.

Freidson não se preocupa em classificar e caracterizar os profissionais em um sistema de classes, mas essa breve exposição fornece subsídios para entender as características sociais, atitudes e a própria origem do serviço social como profissão. Os fatores apresentados aqui para explicar suas formas iniciais eliminam a possibilidade de "profissionalização da caridade" como explicação para sua institucionalização. Freidson adota uma abordagem diferente para definir e caracterizar as profissões, buscando inicialmente identificar um conjunto de requisitos homogêneos para diferenciar as ocupações das verdadeiras profissões. Estas últimas possuem uma história, paradigmas, competências e formas de expressão social distintas, além de culturas próprias e características únicas, incluindo a propensão natural ao "etnocentrismo" que existe entre elas. Também é importante considerar a desigual valorização das profissões pela comunidade científica e pela sociedade, o que pode ser explicado pelos segmentos da população que elas atendem, pelo grau de especificidade com que sua ação se expressa e pela capacidade de decodificação da linguagem profissional empregada, além da utilização de tecnologia e dos valores trabalhados em relação ao ser humano.

Portanto, de acordo com Freidson (1998, p. 33), a profissão é definida como "uma ocupação que controla seu próprio trabalho, organizada por um conjunto especial de instituições sustentadas em parte por uma ideologia particular de experiência e utilidade". Para o propósito deste estudo, foi essencial adotar uma definição de profissão que considera: uma atividade especializada exercida de forma permanente e institucionalizada, cujas funções e status social dependem do tipo de estratificação social e do grau de divisão do trabalho alcançado por uma determinada sociedade. Os padrões culturais específicos e a posição relativa das diferentes camadas sociais determinam as funções atribuídas a cada profissão e o status que ela ocupa na escala social. Mudanças culturais podem alterar o status das profissões

existentes ou gerar novas profissões através do surgimento de novas atividades vinculadas a novas invenções ou técnicas. Alterações na estrutura social também podem influenciar o status das profissões.

Através de uma análise retrospectiva do trabalho na sociedade, desde o surgimento das atividades laborais até a forma como seus processos são organizados e exercidos, é possível constatar que eles dependem das adaptações realizadas pelas populações ao longo dos séculos, de acordo com seus modelos sociais, políticos, culturais, entre outros. Essas adaptações buscam determinar o tipo e a qualidade da relação entre o homem e o trabalho, bem como a necessidade e importância das profissões, que são construídas socialmente (RESENDE et al., 2014).

No livro "La Profissão Médica", Freidson (1978, p. 16) apresenta uma análise da medicina que também se aplica às demais profissões: "Quanto melhor compreendermos a Medicina, mais capazes seremos de entender os problemas que podem ser colocados pela profissionalização dos trabalhadores de serviços, chave do 'estado de bem-estar'". Para esse autor, uma parte significativa do debate está centrada na definição das profissões, ou seja, quais ocupações devem ser chamadas de profissões e quais critérios institucionais devem ser adotados. Freidson destaca a diferença entre duas formas de conceituar uma profissão, que às vezes são confundidas. O primeiro conceito refere-se a um amplo grupo de ocupações prestigiosas, mas diversas, cujos membros são identificados pela sua educação (geralmente algum nível de formação superior) e são reconhecidos mais pela sua educação do que por suas habilidades específicas (profissões ocupacionais). Essas ocupações incluem áreas como pedagogia, serviço social, fonoaudiologia, nutrição, administração, entre outras.

Pereira et al., (2013) coloca ainda que o segundo conceito abrange um número limitado de ocupações que possuem características ideológicas e institucionais específicas, sendo comumente reconhecidas por produzirem identidades ocupacionais distintas e possuírem um lugar exclusivo no mercado (como medicina, advocacia, magistério superior). O autor argumenta que o termo "profissão" está intrinsecamente ligado a um período histórico específico e se aplica apenas a um número limitado de nações desse período. A noção de trabalho e as diferentes formas concretas de sua realização são historicamente construídas e reconstruídas ao longo da história das sociedades humanas, variando de acordo com os modos de organização da produção e distribuição de riqueza e poder. Dessa forma, as especializações profissionais surgem como resultado de mudanças técnicas e organizacionais no sistema econômico das sociedades, afetando tanto as condições materiais de trabalho quanto os tipos de profissionais necessários.

Ao examinar a história da humanidade, pode-se observar exemplos de profissões que eram socialmente necessárias em determinado período, mas que passaram por processos de qualificação, desqualificação, desmantelamento e até mesmo extinção. Houve um tempo em que ferreiros, tecelões e sapateiros eram ofícios reconhecidos como importantes e indispensáveis. No entanto, a Revolução Industrial deu origem a uma nova classe de profissionais ligados à organização do trabalho no sistema fabril. Com o avanço da tecnologia da informática e sua adoção nas atividades produtivas e de comunicação (como informática, máquinas numéricas e robótica), surgiram novas especializações profissionais, ao passo que outras desapareceram (Pereira et al., 2013)

Assim como são afetadas pelas transformações ao longo do tempo, as profissões também apresentam variações de acordo com a estrutura social e cultural de uma nação. Freidson ilustra esse aspecto ao analisar a medicina em países localizados em três regiões geográficas distintas: Estados Unidos, França e União Soviética. Conforme argumenta Freidson (1998, p. 57), "a forma como os profissionais comuns constroem a profissão por meio de suas atividades pode ser influenciada em parte pela forma como os sociólogos constroem a profissão como um conceito e pela forma como as autoridades oficiais constroem a profissão como uma categoria administrativa".

Para Freidson, a característica genérica das profissões reside em sua capacidade de realizar tipos específicos de trabalho, assim como em qualquer outra tarefa. Elas se distinguem de outras ocupações pelas tarefas específicas que exigem e pelo conhecimento e competência especializados necessários para executá-las. O autor destaca que as profissões se diferenciam pela orientação intelectual, pela ênfase concreta, pela especialidade, pelo ambiente de trabalho e pelo papel efetivo que desempenham em uma sociedade em determinado período (Bock, 1999).

A autora também observa que a maioria das profissões regulamentadas de nível superior no Brasil, como contabilidade, administração, serviço social, engenharia, entre outras, compartilha a condição de subordinação, emprego assalariado e sujeição a controles externos. Ela acrescenta que uma parte significativa do conhecimento nessas profissões é "artificial", ou seja, é composto por uma "mistura" de sistemas teóricos emprestados de outras disciplinas distintas (ou seja, não são desenvolvidos internamente à profissão). Além disso, o serviço social apresenta uma relação estrutural frágil com a divisão social do trabalho, ou seja, não possui um campo de atividades claramente definido dentro da esfera ocupacional (BOCK, 1999).

Seguindo essa linha de raciocínio, Freidson afirma que o corpo de conhecimento de

uma profissão não é único e fechado. Portanto, diferentes membros da mesma profissão podem ter ideias distintas e ainda assim pertencer legitimamente a essa profissão. É possível que uma escola de pensamento minoritária, que não seja reconhecida pelos representantes oficiais da profissão e seja desaprovada pela maioria, tenha sua própria associação separada, que fale independentemente daquela adotada para representar a profissão como um todo. Esse é um aspecto relevante para compreender o serviço social, uma vez que a academia, a ação profissional e os profissionais em cargos de gerenciamento muitas vezes representam mundos separados.

A identidade profissional é um constructo complexo e multifacetado que engloba os valores, crenças, normas e práticas compartilhadas por indivíduos que pertencem a uma determinada profissão. É um processo contínuo de construção e negociação, influenciado por fatores individuais, sociais e culturais. A construção da identidade profissional envolve a internalização de um conjunto de conhecimentos, habilidades e comportamentos específicos que são considerados essenciais para o desempenho adequado da profissão. Além disso, a identidade profissional está intrinsecamente ligada à percepção de pertencimento a uma comunidade de prática e ao estabelecimento de relações de confiança e respeito com colegas de profissão e com a sociedade em geral. No entanto, é importante ressaltar que a identidade profissional não é estática e pode sofrer transformações ao longo da carreira, seja por influência de mudanças nas demandas do mercado de trabalho, avanços tecnológicos ou questões éticas e morais que afetam a profissão. Portanto, compreender a identidade profissional é fundamental para uma análise aprofundada das dinâmicas e desafios enfrentados pelos profissionais em sua atuação e desenvolvimento ao longo do tempo.

De Matos (2019) discute que a transição para a predominância feminina na arena laboral ilustra uma alteração radical nos parâmetros socioeconômicos, impulsionada por uma intrincada amalgama de influências históricas, culturais e políticas. As vitórias obtidas pelo sexo feminino ao longo das eras espelham uma luta ininterrupta por paridade de gênero, incrustada por consideráveis desafios na procura por autodeterminação, aclamação e justiça. É crucial salientar que o domínio profissional, na sua gênese, foi estruturado sob a égide da masculinidade, com a contribuição feminina sendo sistematicamente obliterada ou confinada a tarefas subordinadas. Contudo, com o advento dos movimentos feministas no século XX e a ocorrida metamorfose socioeconômica, o cenário tornou-se propício para a transformação dessa dinâmica, incentivando a inserção e ascensão das mulheres na esfera profissional.

Demonstrando uma vigorosa vitalidade, as mulheres têm infiltrado e sobressaído em âmbitos anteriormente dominados pelo sexo masculino, desde o meio acadêmico e as ciências

até a política e o empreendedorismo. A força motriz feminina não apenas catalisa o desenvolvimento econômico, mas também contribui para a edificação de uma sociedade mais equitativa e inclusiva, ao contestar as normas de gênero estabelecidas e promover a diversidade no ambiente de trabalho (DE MATOS, 2019). Porém, é imperioso reconhecer os obstáculos ainda enfrentados pelas mulheres no campo laboral. Incluem-se aqui a disparidade de remuneração, a sub-representação em cargos de liderança, a discriminação e o assédio no local de trabalho, e ainda a sobrecarga decorrente da divisão desproporcional de tarefas domésticas e cuidados familiares. Esses entraves demonstram a perpetuação de uma cultura de gênero desbalanceada que restringe a plena realização do protagonismo feminino no ambiente profissional.

Para Tavares et al., (2021), no entanto, a necessidade de políticas públicas efetivas e o compromisso corporativo para combater tais iniquidades precisam ser enfatizados. A execução de medidas que almejam a promoção da igualdade de gênero, como políticas de ação afirmativa, licença parental compartilhada e flexibilização do expediente de trabalho, tem apresentado resultados auspiciosos na promoção da participação feminina no mercado de trabalho. Adicionalmente, é indispensável apreciar e valorizar o capital humano feminino, cuja tenacidade, resiliência e competências têm sido catalisadores de avanço em diversas esferas da sociedade. A emergência do protagonismo de mulheres no trabalho é um fenômeno poliédrico que demanda uma análise crítica persistente, visando a consolidação de uma sociedade genuinamente equitativa e inclusiva.

## **2.1 A uberização dos processos de trabalho e a figura das mulheres numa lógica neoliberalista**

Andrade (2019) discute o conceito de “neoliberalismo” e destaca que o mesmo pode ser colocado como relativamente novo no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, de maneira geral, tendo sua data de surgimento associada ao início dos anos 2000. É um conceito complexo e extremamente amplo que pode ser analisado por meio de diferentes óticas que se aplicam em contextos distintos.

Em busca de trazer uma definição mais evidente sobre o conceito supracitado, define-se que o neoliberalismo é uma doutrina socioeconômica, ou seja, que deriva do neoliberalismo clássico, mas se difere dele em alguns pontos importantes. Ainda se defende a mínima intervenção do Estado nas relações econômicas de um país em busca de uma auto regularização da indústria e, assim, da economia como um todo (CHOMSKY, 2018).

Opõem-se ainda, assim como o liberalismo, a conceitos, ideologias e doutrinas como o Bem-Estar social e tudo que se relacionaria a social-democracia, ou seja, sendo contrários a intensificação das leis trabalhistas, e outros direitos sociais e os limites impostos pelo Estado nas relações de trabalho legalmente vigentes. É justamente por meio dessa ideia que surge um dos maiores objetivos da doutrina neoliberalista: a descentralização do Estado por meio da privatização dos serviços prestados, em sua totalidade (SAFATLE, et al., 2021).

Parte-se da ideia geral de que o Estado não possui um desempenho satisfatório na condução de uma nação capitalista moderna e que as proteções que oferece às cidadãs e cidadãos não seriam vantajosas frente às perdas. Porém, são levadas em consideração, de maneira geral, questões completamente operacionais e econômicas, não havendo espaço significativo para discussões relacionadas à sociedade, sobretudo ao(à) trabalhador(a) e sua saúde física e mental. A propagação e o atual processo de popularização desse conceito têm relação e impactos diretos com o processo de dissolução dos direitos trabalhistas proposto pela nova Reforma Trabalhista, bem como o de direito previdenciário.

O processo citado no título do tópico que aqui se apresenta faz referência a um termo relativamente novo nessa discussão: “uberização”. É preciso salientar que o emprego desse termo faz referência direta ao que seria uma nova fase das relações de trabalho, não apenas no Brasil como no mundo. Nessa nova fase, as relações formais de trabalho, ou seja, a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), passa a ser substituída pelas relações informais de trabalho.

Embora a uberização possua algum benefício: o de trazer uma fonte de renda, mesmo que incerta, para milhões de famílias que poderiam estar abaixo da linha da pobreza sem essas possibilidades de sustento. Porém, os malefícios também são extremamente significativos: a romantização da perda de direitos trabalhistas anteriormente conquistados, a ausência de qualquer segurança por parte das empresas ou pessoas que se qualificam como empregadoras, aumento nas horas trabalhadas, perda da qualidade de vida, diminuição ou falta de acesso a direitos fundamentais como segurança, lazer, alimentação de qualidade e outros (KLEPA et al., 2021).

Muitas são as discussões acerca desta modalidade de trabalho, principalmente quanto ao controle da jornada de trabalho, pois a distância física entre empregado(a) e empregador(a) pode comprometer a fiscalização e, por conseguinte, corroborar para o labor em jornada extraordinária (DELGADO, 2017).

Nesse contexto, Avelino (2016) chama a atenção para a importância do período de descanso, pois o corpo humano precisa deste repouso para repor toda a energia gasta durante

o dia de trabalho. E Nascimento (2011) complementa que os intervalos são importantes para a recomposição física do(a) empregado(a).

Segundo Süsseskind (1999, p. 453), a limitação do trabalho, de maneira universal, se deu em razão de três fatores: os de natureza biológica, pois elimina ou reduz os problemas provenientes da fadiga; os de caráter social, já que enseja a maior participação do(a) trabalhador(a) em atividades recreativas, culturais ou físicas, ampliando inclusive a convivência familiar; e os de ordem econômica, porque restringe o desemprego e aumenta a produtividade, mantendo a população economicamente ativa por um maior tempo.

Klepa et al., (2021) pontua ainda que o excesso na jornada de trabalho, além de violar direitos trabalhistas viola a própria integridade do(a) trabalhador(a), na medida em que não permite a desconexão ao ambiente de trabalho, obsta o direito ao lazer. Ou seja, por trabalhar horas a fio, sem direito a intervalos, já que o controle da jornada é ineficaz, o(a) trabalhador(a) se vê afrontado em seus direitos, gerando consequências negativas para a sua saúde física e mental, em curto, médio e, sobretudo, em longo prazo.

O conceito de saúde mental é relativamente novo e evoluiu conforme surgiram novos esforços para compreendê-lo. É crucial entender que existe uma diferença entre a expressão saúde mental e os termos doença ou transtorno mental. O primeiro está relacionado à saúde, enquanto os últimos, à sua falta. As definições subsequentes mostram que o termo é abordado com ênfases variadas, existe uma tendência conceitual que vê o termo mais atrelado ao indivíduo, enquanto outra tendência situa o termo como um campo de conhecimento e intervenção pública.

Na pesquisa da Organização Mundial da Saúde - OMS (2013-2020), é proposta uma descrição para o termo saúde mental: “refere-se a um estado de bem-estar em que o indivíduo realiza suas habilidades pessoais, consegue enfrentar as tensões da vida, trabalha de maneira produtiva e está apto a fazer sua contribuição para sua comunidade. (...)”.

Logo, pode-se inferir que a definição da OMS está mais associada ao indivíduo do que à sua interação com fatores externos, como, por exemplo, sua relação com o ambiente em que vive ou o local onde trabalha. O termo está mais conectado à forma como o indivíduo lida com as emoções cotidianas e com os desafios da vida, do que à forma como o ambiente em que ele vive afeta suas emoções.

De acordo com Amarante (2007), saúde mental é um campo de conhecimento e atuação extremamente amplo e complexo, sendo assim, pode ser entendido como uma área de conhecimento e intervenção técnica no contexto das políticas públicas de saúde. Ele destaca que poucos campos de conhecimento e atuação na saúde são tão complexos e requerem tanta

interdisciplinaridade como a saúde mental.

A definição do termo por Amarante (2007) destaca-se quando ele o coloca como campo de atuação das políticas públicas, sendo algo maior do que se pensar o termo mais relacionado ao indivíduo, das questões pessoais e individuais. Todavia, os conceitos estão interligados, ao juntá-los, percebe-se que a saúde mental como área de atuação pública pode intervir, agindo na melhoria da saúde mental dos indivíduos e o mesmo valeria para o inverso.

Dentre as principais críticas ao capitalismo, destacam as condições precárias de trabalho, jornadas de trabalho muito altas, baixos salários. Os espaços urbanos contrastam a desigualdade, a ineficiente mobilidade urbana, alta competitividade, fatores que podem por si só causar distúrbios, esses são fatores que ficam em evidência nos grandes centros urbanizados. Para tanto, é importante retomar, alguns pensamentos marxistas, para compreender à sua luz, essa estrutura que atinge a saúde mental no capitalismo contemporâneo.

Segundo Ferguson (2017) existem três componentes estruturais na vida do ser humano. O primeiro componente consiste na *abordagem materialista*, no qual se reconhece as necessidades materiais humanas para seu desenvolvimento em sociedade. A saúde mental e física depende do básico para sobrevivência, como água, alimento, abrigo, dentre outros. A inexistência desse básico impacta consideravelmente a saúde e integridade das pessoas.

O segundo componente consiste na *abordagem histórica*, no qual as relações sociais e econômicas de modo geral e individual tornam-se importantes para compreender os problemas de saúde mental.

E o terceiro e último, consiste na *abordagem dialética*, que:

[...] reconhece que indivíduos e classes reagem de volta às circunstâncias que os moldam, nas quais as partes e o todo mutuamente condicionam ou mediam cada um deles. Assim, o significado que as pessoas dão às suas experiências não é um produto exclusivo de sua experiência individual, mas também é moldada por sua experiência coletiva de vida sob o capitalismo, inclusive pelo nível da luta de classes que tem um efeito profundo na saúde mental individual e coletiva. (FERGUSON apud COSTA, SILVA, 2020, p. 2)

Esses três componentes possibilitam compreender setores importantes da vida humana em sociedade e de sua saúde mental. Começando pelas condições básicas de sobrevivência que o indivíduo tem acesso, desde a comida, a um lar. Outro ponto é o meio em que o indivíduo vive e, as experiências sociais e econômicas que vai constituindo no decorrer de sua vida, incluindo as oportunidades de sua classe social. E por último e muito próximo ao

anterior, é a consciência de classe<sup>10</sup> tanto individual quanto coletiva, também, importante, no modo como o indivíduo se situa mentalmente no contexto de suas relações sociais, no trabalho, na vida afetiva e econômica.

As autoras Costa e Silva (2020) investigam os desafios da saúde mental no cenário capitalista imperialista contemporâneo. É um estudo recente instigado pelo aumento de transtornos mentais devido às precárias condições de trabalho de trabalhadores no Brasil.

Desde 1845, Engels em seu livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” investigava o trabalho de operários nas cidades industriais na Inglaterra que apresentava condições de miséria e enfermidades pelas condições precárias de trabalho, que inclusive, resultava em morte.

[...] Se, em geral, a população das cidades já é demasiado densa, são os pobres os mais amontoados em espaços exíguos. Não contente com a atmosfera envenenada das ruas, encerra-os às dezenas em habitações de um único cômodo, de tal modo que o ar que respiram à noite é ainda mais sufocante [...] Submete-os às mais violentas emoções, às mais bruscas oscilações entre medo e esperança e persegue-os como a uma caça, não lhes concedendo nunca um pouco de paz e de tranquilidade. [...] E se os pobres resistirem a tudo isso, sobrevém uma crise que os transforma em desempregados e lhes retira o mínimo que até então a sociedade lhes destinara. (ENGELS, 2010, p.37-38)

O contexto atual mundial não foge do que Engels observara. Apesar de que atualmente existem novas formas de organização, divisão e produção do trabalho, o que Jacobs e outros autores já apontaram, existem novas práticas que resultam em condições baixas de proteção ao trabalho. Isso resulta em mudanças na realização do trabalho de produção em massa, “a ampliação do controle e a intensificação do trabalho, há novas formas de acidentes e adoecimentos com nexos laborais que passaram a fazer parte do cotidiano do trabalho”. (COSTA; SILVA, 2020, p. 3).

A precariedade e a intensidade de exploração do trabalho na produção capitalista são pontos muito discutidos para compreender o adoecimento no mundo do trabalho. A intensidade de trabalho sobrepõe a capacidade humana e acarreta em adoecimentos físicos e mentais, ou seja, o trabalho acaba se misturando com o setor pessoal do indivíduo e sua vida social. Além disso, “o quadro econômico e social é marcado por um aumento significativo das taxas de desemprego, [...] miséria e os sinais de má qualidade de vida e de violência social, gerando aumento da incidência de estresses, ansiedades, fobias sociais, quadros de

---

<sup>10</sup> Conceito criado por Marx e Hegels. [...] a consciência de classe é a reação racional adequada que deve, dessa maneira, ser adjudicada a uma determinada situação típica no processo de produção.[11] Essa consciência não é nem a soma nem a média do que os indivíduos que formam a classe, tomados separadamente, pensam, sentem, etc. Entretanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade está determinada, em última instância, por essa consciência e não pelo pensamento etc., do indivíduo. E essa ação não pode ser conhecida a não ser a partir dessa consciência. (LUKÁCS, 1960, p.5)

dependência química, etc. [...]”. (VASCONCELOS, 2010, p. 29)

Conforme relatado pelas autoras Costa e Silva (2020), as alterações legislativas recentes também impactaram o universo laboral. Sendo essa uma alteração a Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, a Lei nº 13.467/2017, aprovada durante o governo de Michel Temer (2016-2018), promoveu uma mudança significativa na legislação trabalhista, estabelecendo a flexibilização do trabalho como um elemento central, em consonância com os interesses de acumulação de capital.

Na visão das autoras, essa reforma representa uma erosão dos direitos trabalhistas, com o propósito único de potencializar os lucros exorbitantes da classe burguesa. Neste processo de flexibilização, observa-se o fortalecimento de um mecanismo que legitima "qualquer negociação para preservar o emprego". Em outras palavras, diante do medo de perder o trabalho, o(a) trabalhador(a) aceita qualquer condição de trabalho, mesmo que implique na perda de direitos (SOBRINHO et al., 2022). Essas observações culminam no esgotamento de trabalhadoras e trabalhadores, provocando problemas de saúde mental. Segundo dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil é o país da América Latina com o maior número de casos de depressão e, no que se refere ao transtorno de ansiedade, 9,3% da população enfrenta essa condição. Ao todo, isso equivale a 18,6 milhões de pessoas.

No cosmos acadêmico, a contemplação acerca da incorporação da figura feminina no mercado de trabalho tem conquistado um realce progressivo, particularmente quando observamos o fenômeno das duplicidades, tríades e infinitas camadas de jornadas laborais. As inter-relações de trabalho e as condições de empregabilidade feminina na contemporaneidade suscitam problemáticas complexas que permeiam os domínios social, econômico e político. Diante deste cenário, sobressai a necessidade de um exame crítico sobre as múltiplas jornadas de trabalho exercidas pelas mulheres. Inicialmente, é indispensável apreender o conceito de dupla jornada, que descreve a dinâmica laboral de muitas mulheres que, além de desempenharem uma atividade remunerada, têm o encargo de administrar as tarefas domésticas. Esta bipartição de responsabilidades faz com que a jornada laboral feminina se prolongue para além do usual, consumindo períodos que poderiam ser destinados ao lazer, repouso ou aprimoramento profissional e financeiro.

Progredindo nesta análise, é pertinente sublinhar a existência da tripla jornada. Este fenômeno ocorre quando, além das obrigações do trabalho remunerado e das tarefas domésticas, as mulheres têm o dever de cuidar da prole. Este fato intensifica a dinâmica laboral feminina, amplificando os desafios relacionados à saúde física e mental, à conciliação

de horários e à valorização profissional. É patente, portanto, que as questões de gênero possuem implicações diretas no desenvolvimento socioeconômico feminino. A estrutura patriarcal historicamente estabelecida, que perpetua o papel da mulher como a principal encarregada pelas tarefas domésticas e de cuidado, ainda impõe obstáculos significativos para a plena igualdade de gênero no mercado de trabalho.

Segundo Amaral (2012), de maneira ainda mais perturbadora, nota-se que a remuneração atribuída às mulheres frequentemente não reflete a vastidão de suas obrigações laborais. Esta discrepância salarial, agravada pela falta de reconhecimento e valorização das tarefas domésticas e de cuidado, configura uma situação de desigualdade que exige uma reflexão profunda e intervenção imediata. Ao desvelar esta realidade, é preciso considerar as repercussões destas jornadas extensas na saúde e no bem-estar das mulheres. A sobrecarga de responsabilidades pode levar a situações de estresse, esgotamento físico e mental, propiciando o aparecimento de enfermidades crônicas e transtornos psíquicos. Isto eleva a importância da discussão acerca da incorporação das mulheres no mundo do trabalho e a distribuição equitativa das responsabilidades domésticas e de cuidado a um patamar de extrema relevância.

Adicionalmente, a tripla jornada incide de forma impactante no avanço profissional das mulheres. Ante a plethora de encargos, o período disponível para aprimoramento acadêmico e qualificação profissional torna-se parcimonioso, o que pode circunscrever as oportunidades de elevação na carreira e promoção no âmbito laboral. Neste cenário, urge repensar as políticas públicas e práticas corporativas com o propósito de engendrar condições de trabalho mais paritárias e justas para o gênero feminino. Essas estratégias podem abarcar a promoção da equidade de gênero no local de trabalho, a efetivação de políticas de conciliação entre trabalho e vida pessoal e a valorização do trabalho doméstico e de cuidado.

Portanto, a discussão acerca das infinitas jornadas de trabalho das mulheres transcende uma análise meramente laboral, englobando também uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade de gênero. Para fomentar uma transformação relevante, é necessário não apenas alterar as práticas no ambiente de trabalho, mas também desafiar as normas culturais e sociais que corroboram a desigualdade. A apreciação das mulheres no mercado de trabalho, levando em consideração as complexas dinâmicas de jornadas infinitas, oferece uma perspectiva crucial para a compreensão dos desafios contemporâneos associados à igualdade de gênero. Para sobrepujar esses desafios, é imperativo um comprometimento coletivo de reconhecer e valorizar o trabalho feminino em todas as suas dimensões, edificando, assim, um futuro mais paritário e justo (SIQUEIRA;

SAMPARO, 2017).

Essa contemplação pode, e deve ser estendida para a realidade engendrada pelo evento que compreende a maternidade que tende a metamorfosear essa mulher enquanto indivíduo, bem como tende a modificar o seu papel social e afetar de forma drástica sua vida profissional. A figura materna, mesmo antes e ainda agora, continua sendo posicionada como a principal responsável pela criação dos(as) filhos(as) e, quando qualquer coisa desvia do curso da denominada “normalidade”, a mãe é a primeira a ser interrogada, culpabilizada e cobrada. O pai, quando se faz presente, ainda é visto como secundário na função de criar filhos(as), tendo a mãe como mentora direta e principal (ARIVABENE; TYRRELL, 2010). Segundo Alves et. al (2009), o ambiente de trabalho por si só tende a ser altamente estressante e exercer uma imensa pressão sobre os(as) funcionários(as), contudo, essa realidade é completamente amplificada quando a empregada em questão se torna mãe. Isto porque a mesma se encontra em meio a um turbilhão de intensas emoções e de indivíduos que geram expectativas sobre ela, além de contar ainda com uma vida em formação que depende da mesma.

### **2.1.1 Panorama do trabalho feminino**

De modo a aprofundar a discussão em curso, faz-se imperioso enfatizar que os desdobramentos subsequentes à consolidação da Revolução Industrial compeliram as mulheres a ingressar no mundo do trabalho com a finalidade de contribuir para a manutenção de suas famílias, recebendo remunerações notavelmente inferiores ao desempenhar funções idênticas e necessitando desempenhar duplas ou triplas jornadas para administrar suas residências e prole. Não obstante o processo de modernização pelo qual a sociedade atravessou, ainda é perceptível que o machismo e os ideais veiculados pelo patriarcado continuam incrustados no imaginário coletivo (FENELON, 2020).

Através de uma análise retrospectiva e sociocultural, Fenelon (2020) destaca a capacidade de identificar avanços expressivos na posição social que as mulheres detêm e a solidificação da presença feminina no ambiente de trabalho. No entanto, tal observação não assegura a equidade de gêneros em nenhuma das esferas da sociedade, particularmente no ambiente de trabalho.

De acordo com as considerações trazidas por Bomfim e Teixeira (2015), o percurso laboral traçado pelas mulheres contemporâneas é consideravelmente mais complexo, intenso e estressante do que aquele seguido pela maioria substancial dos homens, oferecendo, portanto, a possibilidade de compreender as motivações que resultam nas particularidades da presença

feminina no mundo do trabalho. As autoras enfatizam a necessidade de entender que, mesmo adentrando o mercado de trabalho e desempenhando conjuntamente uma função anteriormente atribuída somente aos homens, essas trabalhadoras continuam a ser solicitadas para executar, da mesma forma, as funções domésticas e associadas à criação de filhos(as).

As mulheres, que agora compartilham a tarefa de prover o sustento doméstico, continuam a ser demandadas, e a se autocobrar, para desempenhar com excelência suas funções domésticas, conjugais e maternas, sem que essas tarefas sejam compartilhadas com elas. Este ônus pode afetar negativamente a saúde mental, física e o crescimento profissional dessas mulheres, uma vez que, ao carregar mais responsabilidades que seu parceiro masculino, naturalmente enfrentam mais dificuldades para realizar cursos de capacitação profissional e dispor de menos tempo e energia para se dedicar de maneira excepcional à função profissional que ocupam, com o objetivo de ascender dentro da organização (BOMFIM; TEIXEIRA, 2015).

Jonathan (2015) indica que essa pressão, gerada socialmente e que também emana de uma autocobrança na busca pela excelência em todas as áreas de suas vidas: casamento, maternidade, tarefas domésticas, questões relacionadas à aparência física e ainda referentes às suas carreiras laborais. Em contrapartida, em termos gerais, os homens tendem a ter seu valor avaliado, primordialmente, pelo pilar que se relaciona ao trabalho e à sua posição neste mercado, proporcionando tempo, disposição e incentivo para que se concentrem exclusivamente na ascensão neste quesito.

Trazendo à tona o estudo de Sousa et al., (2016), o relatório de 2014 GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) realizado em mais de 70 países, abrangendo ao menos 75% da população global, demonstra que o trabalho teve uma influência extraordinária no Produto Interno Bruto - PIB de 90% dos países do mundo. Além disso, apenas no ano de 2014, foram identificadas ao menos 23 milhões de novas trabalhadoras, das quais 51% são consideradas iniciantes de pequeno porte, enquanto 45% já podem ser classificadas como robustos participantes do mercado de trabalho.

Nos debates articulados por Sousa et al., (2016), é notório que há uma profunda associação da capacidade de administrar e construir um negócio ao gênero masculino, um legado das concepções acentuadamente machistas que retratavam as mulheres como hábeis apenas para o cuidado do lar e da prole. No entanto, a ascendente presença e o êxito progressivamente patente das mulheres no setor de trabalho têm refutado essa teoria. Destaca-se, ademais, que as mulheres devem ser reconhecidas não apenas por gerirem seus trabalhos, mas principalmente por conseguirem harmonizar suas obrigações profissionais com a

manutenção de seus lares, seus compromissos conjugais e a educação de seus filhos e filhas.

Butter (2001), ao conduzir uma pesquisa extensa nos Estados Unidos da América – EUA, alcançou uma conclusão impressionante: as trabalhadoras continuam, ano após ano, quebrando recordes na criação de micro e pequenos negócios, contribuindo intensivamente para o desenvolvimento econômico do país, ao dinamizar o mercado de capital interno, gerar empregos e possibilitar uma vasta diversidade nos serviços ofertados e produtos comercializados. O estudo indica que um dos principais impulsionadores desses dados decorre do fato de que essas mulheres tendem a ter uma maior percepção de oportunidades de negócios viáveis, além de possuírem habilidades manuais e conhecimentos gerais que podem ser monetizados, geralmente mais ainda do que os homens.

No estudo de caso executado por Fenelon (2020) com 34 mulheres participantes de um Programa de Trabalho Feminino, 61,8% das entrevistadas afirmam que a discriminação de gênero no ambiente de trabalho foi um dos fatores que as levaram a optar por trabalhar independentemente e não seguir prestando serviços a empresas de forma tradicional. Este seria o lado mais sombrio das motivações que podem conduzir uma mulher ao trabalho autônomo, além disso, e nesta mesma direção, é possível citar outros estímulos como: demissão após a licença maternidade, remuneração inferior à recebida por colegas do sexo masculino que desempenham a mesma função, estagnação profissional por preconceito de gênero, desejo de flexibilização de horários para lidar com as demandas domésticas, conjugais e parentais e até mesmo ocorrências de assédio moral no ambiente de trabalho.

Segundo a perspectiva de Bozzo et al., (2019), a motivação para o trabalho constitui o alicerce para o envolvimento e a concretização do anseio de se tornar autônomo em uma profissão. O comando de uma organização não se constitui uma tarefa simples, novos desafios se apresentam diariamente, o que requer que os(as) trabalhadores(as) renovem continuamente a confiança em suas aptidões. A escassez de motivação é um dos elementos centrais para que empresas que inicialmente apresentavam um desempenho satisfatório venham a fechar suas portas em um período de cinco anos. Não se trata apenas de manter um pensamento otimista frente às adversidades rotineiras, mas também de atuar de forma a se autocompreender e identificar novas experiências de sucesso nos equívocos. No âmbito do trabalho autônomo, a motivação assume uma nova configuração e se torna um orientador para ações que visam o êxito profissional (BOZZO et al., 2019).

Indivíduos que atuam em organizações geralmente despertam todos os dias motivados pela necessidade de um salário, enquanto os(as) trabalhadores(as) autônomos(as) se levantam todos os dias para concretizar seus sonhos pessoais. O ponto crucial a destacar é que o prazer

pelo trabalho aumenta a motivação para seu desenvolvimento. Nada é mais gratificante do que encontrar satisfação em um dia desafiador, pois você está ofertando ao mercado o melhor de suas habilidades (BOZZO et al., 2019). Genú et al., (2018) sugerem que existem medidas estratégicas que podem ser adotadas para cultivar a motivação no trabalho, como: a valorização da ocupação profissional vigente, a apreciação da causa à qual sua ocupação contribui, o reconhecimento do esforço pessoal e do empenho realizado pelos colegas de trabalho, a análise das transformações possibilitadas pelo trabalho desenvolvido, a avaliação das tendências de mercado, dentre outras medidas.

Fialho et al., (2018) ilustram como as adversidades econômicas podem se metamorfosear em consideráveis estímulos para a atuação no mercado de trabalho. É de amplo entendimento que o globo se depara com uma adversidade colossal, certamente sem precedentes na era contemporânea. O surgimento do novo Coronavírus no final do ano de 2019 e início do ano de 2020, corresponde a uma enfermidade altamente contagiosa que afeta de forma direta o sistema respiratório humano.

Atualmente a pandemia provocada pelo Coronavírus já está controlada, uma vez que temos vacinas, mas o volume de indivíduos contaminados causou um colapso sem precedentes no sistema de saúde brasileiro, semelhante ao que ocorreu em outras nações, como Itália, Espanha e Estados Unidos.

A fim de mitigar a disseminação em curto prazo, os principais governos globais, assim como a Organização Mundial de Saúde, passaram a promover o isolamento social e a quarentena voluntária. Como um estímulo a essa estratégia, estabelecimentos comerciais locais precisaram ser encerrados, bem como restaurantes, cinemas, casas noturnas, bares e quaisquer eventos onde um número significativo de pessoas pudesse se aglomerar. Tal realidade induziu um colapso profundo no sistema econômico dos países, notavelmente no Brasil, que ainda lutava para se recuperar da crise que o afligia desde 2015, envolvendo complexas questões políticas. Lacerda (2020) destaca o papel vital que os pequenos negócios desempenham em cenários de incerteza, devido ao seu crescimento exponencial em resposta à perda de empregos formais. Contudo, eles são vulneráveis à instabilidade e à falta de capital operacional, podendo facilmente declarar falência.

De acordo com dados publicados pelo Sebrae (2020), aproximadamente 31% dos pequenos negócios necessitaram reestruturar completamente sua organização e sistema operacional devido aos desafios impostos pela pandemia, objetivando preservar a saúde financeira e a viabilidade de suas atividades comerciais. Em média, a pesquisa indica que cerca de 5,3 milhões de trabalhadores no Brasil modificaram a forma como suas atividades

operam, enquanto mais de 10 milhões, correspondendo a 59% dos(as) trabalhadores(as), precisaram suspender indefinidamente as atividades profissionais. Quanto às reformulações requeridas, o estudo sugere que aproximadamente 40% dos participantes passaram a empregar sistemas de entrega a domicílio e atendimento online durante a pandemia, 41% ajustaram seus horários de operação e reduziram a capacidade de ocupação de suas instalações físicas para menos de 50% do total. Além disso, 26% optaram por executar todas as tarefas diárias de maneira remota (SEBRAE, 2020).

Além dos percentuais previamente citados, a investigação indagou aos(as) participantes sobre a condição econômica dos pequenos negócios. As cifras são ainda mais preocupantes, visto que 74% declararam que a condição financeira de suas atividades já se encontrava fragilizada antes mesmo da pandemia, enquanto 49% classificaram-na como razoável e 24,4% caracterizaram-na como ruim ou péssima. Assim, é possível concluir que os entraves trazidos pela pandemia apenas revelaram uma realidade persistente: as dificuldades de gestão e planejamento financeiro dos pequenos negócios no Brasil.

Quando inquiridos, 57,1% dos(as) participantes da pesquisa apontaram que seu principal obstáculo residia em honrar os pagamentos convencionais aos(as) funcionários(as), contudo, apenas 18,1% relataram que optaram por desligar funcionários(as) para manter a atividade em curso. Desse modo, é relevante enfatizar que são, de fato, expressivos os impactos da pandemia na saúde financeira e na gestão de pequenas e microempresas. Porém, essa instabilidade e desordem financeira não são provocadas somente pela pandemia, sendo um problema preexistente a este evento.

Por outro lado, no que tange às médias e grandes empresas, a sondagem conduzida pelo IBGE (2020) sugere que pelo menos quatro em cada dez empresas brasileiras foram afetadas negativamente pela pandemia, e tal realidade pode ser atribuída a alguns pontos específicos: diminuição do volume de vendas no comércio e a manutenção do quadro de funcionários em um período pandêmico. Guimarães e Verbicaro (2020) destacam uma pesquisa realizada pelo Sebrae (2021) que sinaliza uma diminuição da participação feminina no trabalho autônomo no Brasil. Até o ano de 2019, os levantamentos indicavam que 34,5% dos trabalhadores autônomos no Brasil eram mulheres, no entanto, em 2021 esse número foi reduzido em 1,3 milhões de mulheres.

## **2.2 Feiras no Brasil com protagonismo das mulheres**

A esfera das exposições mercadológicas brasileiras, notoriamente conhecidas como feiras, tem testemunhado uma transformação marcante em termos de representatividade de

gênero. O que é digno de nota é o protagonismo ascendente das mulheres, ostentando-se tanto na condição de expositoras quanto no papel de organizadoras, em inúmeros ramos do setor feirante. Tal amplificação da presença feminina nestes eventos possui implicações profundas, examinadas sob perspectivas socioculturais e econômicas, e denota um avanço expressivo na busca pela paridade de gênero no país.

Porém, faz-se necessário analisar criticamente tal progresso. A participação feminina em feiras, tradicionalmente, estava confinada a setores associados ao universo feminino estereotipado, como vestuário, beleza e decoração. Entretanto, recentemente, assiste-se a uma ampliação do protagonismo feminino em campos até então dominados pelo gênero masculino, como tecnologia, agricultura e indústria. Este deslocamento desestrutura paradigmas pré-estabelecidos, confrontando estereótipos de gênero e corroborando a versatilidade e a competência das mulheres para se destacarem em quaisquer âmbitos. A crescente participação das mulheres em feiras no Brasil não se restringe somente à exposição de produtos ou serviços. Elas estão conquistando terreno enquanto organizadoras e gestoras desses acontecimentos, como acontece na Feira Empoderaí, no município de Paranaíba-PR. Mulheres que delineiam, coordenam e supervisionam todos os aspectos inerentes à realização das feiras, desde a logística até o marketing e a comunicação. Esta gerência nas operações reafirma a função das mulheres como personagens cruciais no cenário econômico brasileiro.

Este fenômeno se reverbera, igualmente, na essência dos produtos e serviços ofertados nas feiras. Com a potencialização do protagonismo feminino, tem-se observado uma ascensão no número de feiras dedicadas a produtos e serviços direcionados ao público feminino, assim como a temas relacionados à equidade de gênero e ao empoderamento feminino. Estes eventos contribuem não somente para a visibilidade das mulheres no mercado, mas também para a sensibilização da sociedade sobre questões de gênero. Aspectos estes que constatamos também na Feira Empoderaí, cenário de participação e atuação das mulheres feirantes, sujeitas de nossa pesquisa. No espaço da feira são organizadas pelas próprias mulheres, um rol de palestras, rodas de conversa, abertas ao debate público de vários temas que atravessam a vida das mulheres.

A ampliação do papel das mulheres nas feiras no Brasil e, especificamente no Paraná, possui, ainda, implicações econômicas de grande envergadura. Com um número cada vez maior de mulheres participando ativamente destes eventos, o potencial de geração de renda e de crescimento econômico se eleva. As feiras fornecem oportunidades para que as mulheres ampliem seus empreendimentos, formem redes de contato e acessem novos mercados, contribuindo para a redução da disparidade de gênero no campo econômico.

Entretanto, apesar dos avanços, ainda existem obstáculos a serem transpostos. Persistem barreiras que obstruem a plena participação das mulheres em feiras, tais como preconceitos de gênero e desigualdades estruturais no acesso a recursos e oportunidades, que já discutimos no capítulo 1. Torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas e iniciativas que visem superar estes entraves e fomentar a inclusão e a paridade de gênero no setor. Uma das estratégias para sobrepujar esses desafios é a educação e a capacitação. Programas de formação e oficinas podem equipar as mulheres com habilidades e conhecimentos para que possam se sobressair em feiras e outros eventos mercadológicos. Além disso, a educação pode confrontar os estereótipos de gênero e promover uma compreensão mais igualitária das relações de gênero.

Na contemporaneidade, como já abordado, com todas as implicações e prejuízos que isso causa ao mundo do trabalho e aos direitos trabalhistas, há uma grande expansão do discurso empregado tanto pela iniciativa privada quanto pública do ideal de empreendedorismo tanto feminino, quanto masculino, como se o indivíduo por si mesmo fosse seu próprio incentivador, responsável por sua inserção no mundo do trabalho, e seu êxito ou não fosse responsabilidade apenas sua e não das condições econômicas e socioculturais. A individualização do trabalho retira a responsabilidade do Estado em promover postos de trabalho e em garantir o acesso e ampliação dos direitos trabalhistas, assim como isenta o(a) empregador(a) de cumprir a legislação trabalhista, fragilizando os direitos e modificando leis trabalhistas. Esse incentivo ao empreendedorismo acontece pela parceria entre entidades privadas e setores públicos na provisão de recursos financeiros empregados na oferta de cursos, palestras, orientação e oportunidades de *networking*, buscando capacitar mulheres e homens para iniciar e/ou expandir seus próprios negócios. Essas iniciativas empreendedoras ou neoliberais, por sua vez, se de um lado podem incrementar a presença feminina nas feiras e contribuir para a diversidade e inovação no setor, por outro lado, provoca a precarização do trabalho, a ausência de direitos trabalhistas, a exploração, a uberização, etc.

O crescente protagonismo das mulheres nas feiras no Brasil é um fenômeno positivo que contribui para a equidade de gênero e o desenvolvimento econômico. Entretanto, há um longo caminho a ser percorrido para assegurar a participação plena e igualitária das mulheres nestes espaços. Por meio de educação, políticas públicas, editais de incentivo artístico-cultural, melhores condições trabalhistas, e apoio às políticas inclusivas podemos almejar um futuro no qual as mulheres possam desempenhar um protagonismo ainda mais significativo nas feiras do país.

Especificamente às feiras existentes no estado do Paraná, elas se constituem como vetores fulcrais na engrenagem econômica do estado, atuando enquanto cenários de intercâmbio em esferas diversas - comercial, cultural e social. As manifestações em questão se desprendem da mera objetividade econômica, manifestando-se como emblemas pulsantes da cultura paranaense, enriquecida pela polifonia étnica que compõe o tecido social da região. Ao longo do território paranaense, presencia-se uma miscelânea de feiras, abarcando desde o setor primário da economia até o píncaro da tecnologia de ponta. A ExpoLondrina, ancorada no solo de Londrina/PR, emerge como um palco relevante para o espetáculo agropecuário brasileiro, espelhando a exuberância da atividade agrícola paranaense e servindo de estufa para a geração de negócios e a propagação de inovações tecnológicas. Para além da ExpoLondrina, poderemos citar a Expovel na cidade de Cascavel/PR, ExpoUmuarama, na cidade de Umuarama/PR e ExpoParanavaí, na cidade de Paranavaí/PR.

Em outro espectro, na capital paranaense, Curitiba, sobressaem-se as feiras de arte e artesanato, com destaque para a Feira do Largo da Ordem. Tal ocasião dominical atrai um contingente significativo de visitantes, exibindo uma rica paleta de produtos artesanais e pratos típicos, além de ser um palco propício para manifestações artísticas e culturais que enaltecem a opulência e a pluralidade cultural paranaense. Para além das feiras agropecuárias e de arte, o Paraná tem evidenciado vigor no segmento de feiras voltadas para o mundo empresarial.

No Paraná, uma variedade de feiras contribui para a rica tapeçaria cultural do estado. Entre as mais notáveis, destaca-se a Festa da Uva em Marialva, que celebra a contribuição significativa da viticultura para a economia local. A festa não só oferece aos visitantes a oportunidade de saborear vinhos e uvas produzidos localmente, mas também se tornou um importante fórum para a partilha de conhecimentos e técnicas entre os produtores de uva. Na cidade de Colombo, uma comunidade conhecida pela sua herança italiana, a Festa da Uva é um acontecimento anual de grande importância que celebra a colheita da uva. A festa combina tradições culturais e culinárias, proporcionando uma experiência rica e inesquecível para os visitantes. Várias são as festas que acontecem nas cidades paranaenses, geralmente, enaltecendo os produtos regionais e/ou criações de aves e animais.

Além disso, as feiras livres são eventos bastante populares em todo o estado do Paraná, ocorrendo em várias cidades, incluindo o litoral e o interior. Em Maringá, por exemplo, a Feira do Produtor é uma atração notável que atrai visitantes de toda a região. A feira oferece uma gama diversificada de produtos agrícolas, permitindo que os visitantes apreciem a qualidade e a diversidade dos produtos locais. As feiras oferecem uma variedade

de produtos frescos e regionais, que variam de frutas e vegetais a produtos artesanais. Em Paranavaí, existem várias feiras, todas contribuindo de formas únicas para o dinamismo cultural e econômico da cidade. A cidade é particularmente conhecida pela Feira do Produtor e pela Feira de Artesanato, que reúne diversos artistas locais. Neste contexto, a Feira Empoderaí de Paranavaí se destaca. Inserida no contexto vibrante e diversificado das feiras do Paraná, a Empoderaí desempenha, desde 2019, um papel significativo na promoção da igualdade de gênero e no empoderamento das mulheres. A feira é um local onde as mulheres têm a oportunidade de expor seus produtos e habilidades, contribuindo para a economia local e reforçando seu papel na sociedade.

Ainda se faz necessário mencionar a relação destes eventos com a promoção do turismo. As feiras atraem visitantes de diversas partes do Brasil e do globo, contribuindo para o fluxo turístico no estado e para a valorização de suas distintas regiões e atrações. Entretanto, enquanto catalisadores do turismo, as feiras também devem lidar com o impacto ambiental e social que essa atividade pode ter, incluindo o manejo adequado de resíduos e a inclusão de comunidades locais. As feiras no Paraná constituem um fenômeno multifacetado, com repercussões que ultrapassam o mero comércio de bens e serviços. Seu estudo, portanto, requer uma abordagem interdisciplinar, considerando as dimensões econômica, social, cultural e política destes eventos, além de sua relevância para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do estado. Por fim, é importante ressaltar a necessidade de um compromisso contínuo com a melhoria e a inovação, para garantir que estas feiras continuem a prosperar e a beneficiar o Paraná.

### 3 – A ENTREVISTA NO PODCAST PODEMPODERÁ DA FEIRA EMPODERAÍ

O *podcast* PodEmpoderá (2024), pode ser acessado via QR Code, basta apontar a câmera do celular para o símbolo abaixo, que as leitoras e leitores serão direcionados para a mídia de áudio no *Spotify*. Discutimos adiante, como foi realizado o *podcast* e a análise sobre ele, contudo, o presente capítulo se inicia com a entrevista realizada com Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva.

**Figura 01:** *Qr code* de acesso a entrevista do *Podcast* PodEmpoderá



**Fonte:** <https://open.spotify.com/episode/1gcpjZSZHCn2pYR2Nzg12G>

A leitora e o leitor podem acompanhar a entrevista descrita nesta dissertação ouvindo o *podcast* para ter uma leitura imersiva. O *podcast* tem como texto de apresentação a seguinte narrativa dentro do *Spotify* “O *podcast* da Feira Empoderaí, busca o protagonismo feminino de mulheres feirantes e expositoras de seus trabalhos artísticos. Realizada no Município de Paranaíba/PR, a feira acontece desde 2019 e conta com a participação de munícipes, bem como, de mulheres da região”.

Na entrevista que se segue, foi feita a seguinte descrição do episódio de *podcast* disponibilizado aos públicos, via *Spotify*: “Nessa entrevista descobriremos a inspiração para o surgimento da Feira Empoderaí na cidade de Paranaíba/PR, quem são as mulheres protagonistas, idealizadoras do projeto, como funciona a organização, qual o principal objetivo do evento e quais são os principais desafios para a feira acontecer, além de outros temas de suma importância para entender como funciona o fortalecimento de coletivos que apoiam o trabalho de mulheres feirantes. Entrevistadora no episódio: Priscila Alves de Brito. Entrevistadas: Giovanna Godoy Campos de Paula; Kemmy Fukita Batista dos Santos;

Suzelaine Costa da Silva. Rede social e contato: <https://www.instagram.com/feiraempoderaí/>”, ao todo, o episódio possui 55 minutos e 36 segundos.

Segue transcrição adaptada<sup>11</sup>:

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Olá, bom dia, boa tarde, boa noite, para você que está aí nos ouvindo aqui no nosso *podcast* PodEmpoderá, é o *podcast* da feira Empoderaí. Uma feira que acontece no município de Paranaíba, aqui no estado do Paraná e hoje a gente vai conversar com as idealizadoras, as fundadoras dessa feira tão interessante que já vem aí há alguns anos acontecendo aqui na cidade.

Bom, mas antes disso, eu gostaria de me identificar, me apresentar para vocês, o meu nome é Priscila Alves de Brito, eu sou mestranda no curso de História Pública pela Universidade Estadual do Paraná, na cidade de Campo Mourão, *campus* de Campo Mourão e atualmente eu trabalho como advogada, já trabalhei também dando aula no curso de Direito pela UNESPAR também e gostaria de dizer que eu estou muito feliz aqui com a presença das meninas hoje, e falar para vocês, que a feira é o tema da minha dissertação, então é muito interessante a gente entender um pouco mais sobre a feira, não só para fins de estudo, mas aqui a gente vai estar falando numa linguagem bem acessível para todos, para as meninas contarem a história delas e quem sabe servir de inspiração para outras tantas que nos ouvem aí nesse Brasil afora.

Então, boa noite, meninas se apresentem para a gente, por favor e muito obrigada por vocês estarem aqui.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Oi gente, tudo bem? Meu nome é Kemmy, eu tenho 27 anos, sou formada em Design de Moda, com pós-graduação em educação especial e graduanda em educação artística. Atualmente eu tenho trabalhado como artista visual e professora de desenho nas escolas municipais aqui da cidade.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Oi pessoal aí de casa, eu sou Giovanna Godoy, tenho 23 anos, atualmente eu estou cursando o curso de psicologia, estou no quarto semestre e também trabalho como crediária numa loja de sapatos aqui da minha cidade.

---

<sup>11</sup> Ocorre uma adaptação do áudio para que o texto fique mais fluido e ofereça uma leitura fácil e agradável. Assim, pequenos vícios de linguagem que não atrapalham a transmissão da mensagem original são omitidos e a leitura se torna mais objetiva.

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Oi pessoas, eu sou a Suzy S. Costa, depende do ponto de vista, talvez. Eu sou designer de sobrancelhas também artista, mãe, cursei Letras por um ano, mas não conclui e atualmente eu moro em São João do Caiuá/PR, onde nasci, mas já tive por aí, morando em outros lugares, tentando outras cidades, tenho 35 anos e acho que é isso.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Então, obrigada meninas, obrigada pela apresentação de vocês, então a gente está aqui com mulheres trabalhadoras, mulheres que estão na luta e a gente vai ouvir a história de vocês e também entender um pouquinho mais da relação da história de vocês com a relação da própria história da Feira Empoderaí, essa feira que acontece aqui em Paranavaí, está desde 2019 acontecendo uma feira independente, de mulheres independentes.

Bom, eu vou começar aqui então perguntando para você, Giovanna, você como idealizadora da feira, me conta se essa ideia partiu de vocês e se partiu só de você, se tem outras idealizadoras, como que foi essa inspiração para nascer a feira, como que foi isso?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Essa inspiração ela surgiu durante um evento na época que eu fazia Serviço Social na UNESPAR<sup>12</sup>, que era um evento para receber os calouros, aí eles contaram com a presença do MST<sup>13</sup>, de algumas artistas, dentre elas a Luana, que é a Luana (velas), a Kemmy que está aqui com a agente (No filtro), a Zaira, que ela estava vendendo também uns óleos essenciais, e a Marcela, que também ela é artesã e artista.

E aí, quando eu fui de encontro com elas, eu queria entender um pouco mais sobre o trabalho delas e me interessei bastante, só que não somente naquele momento eu falei, por que a gente não expande o trabalho dessas mulheres para outros espaços? E aí eu fui conversando com elas, comecei trocando ideia com a Marcela, depois eu fui conversando com a Kemmy, que é meu braço direito desde o princípio, ela que sempre me ajudou a impulsionar a feira.

A gente trocou uma ideia e decidiu sobre o nome, então a gente foi juntando ali, qual que vai ser, né? É Feira, é rolê? e acabou que depois de muita troca, a gente conseguiu chegar a Feira Empoderaí. Eu digo que no momento, a minha inspiração foi essa mesmo, né? Foi um evento que aconteceu na UNESPAR, mas que eu nunca andei só, eu sempre andei acompanhada com essas mulheres, que para mim são muito fontes de inspiração e referência até hoje que junto com elas a gente conseguiu ir transformando esse movimento, trazendo mais mulheres para esse movimento, para expandir o trabalho, a arte também e o talento, cada

<sup>12</sup> Universidade Estadual do Paraná – campus de Paranavaí/PR.

<sup>13</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

uma delas.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Então a Kemmy que está aqui com a gente hoje, a Kemmy também esteve desde o começo com essa questão da idealização da feira, é isso mesmo Kemmy?.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Sim, foi depois do convite da Giovanna, que a gente acabou se aproximando bastante da própria Giovanna, eu não sei nem como consegui chegar no evento, acho que pela Luana né? Que ela comentou, foi sempre assim, desde o começo acho que foi uma troca né a gente foi crescendo juntas ali e a Vitória também entrou.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Vocês lembram que ano que foi, que teve essa feira que inspirou ali vocês?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Abril de 2019. Na verdade, o evento da UNESPAR foi em março se eu não me engano, final de fevereiro, comecinho de março e a partir daí a gente foi se organizando. A primeira edição do evento foi em abril de 2019.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Ah, então pouco tempo depois vocês já conseguiram colocar essa ideia em prática né. Com relação ali na feira, quando vocês sentaram para falar “bom, gente, então a gente vai fazer uma feira”, qual foi o intuito de vocês assim, inicialmente foi realmente divulgar a arte das meninas, mostrar o protagonismo feminino?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Também, o primeiro intuito primordial ali foi expandir o trabalho, o empreendedorismo dessas mulheres autônomas. Boa parte delas são autônomas e mulheres artistas, independentes, então a gente queria levá-las para outros espaços, para além de onde a gente estava nem enxergando elas, para que com isso, a gente também conseguisse trazer outras mulheres para ocupar esses espaços que é nosso, né! Sempre deixou isso muito bem claro, então o intuito primordial foi de expandir mesmo o espaço para outras mulheres.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Vocês tinham visto alguma coisa parecida já na cidade ou na região, alguma coisa que envolvesse só o público feminino?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

O Rolê das Manas eu acho que eu já estava acontecendo, né?! Era um evento que não

chegava a ser uma feira, era um evento no Garagem<sup>14</sup> e aí tinha umas exposições. Da minha parte eu já sabia em relação a Maringá/PR também participava.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

E desde o início ficou bem esclarecido entre vocês que o público que iria participar era mulher, que iria dar protagonismo para as mulheres, isso foi algo desde o início já acordado entre todas?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Sim, até porque é o objeto principal mesmo da Feira Empoderaí, é o protagonismo das mulheres, o protagonismo feminino.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

E desde o início, olhando as redes sociais de vocês, é sempre muito polido, né?! Tudo da Feira Empoderaí, é muito bem-feito, isso chama bastante atenção, a gente também tem as artes, a organização, como que nesse início nasceu essa organização? Eu vou perguntar isso para vocês porque outras pessoas podem estar ouvindo, outras mulheres podem estar ouvindo e isso aqui pode servir de ideia para outros lugares, né! Então, como o início é mais difícil, me falem um pouquinho desse iniciozinho ali da organização da feira mesmo.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Base mesmo para acontecer o movimento foi a união, eu tinha uma ideia em mente, mas eu não conseguiria concluí-la só. Então eu digo que a união das meninas acreditarem de a gente botar fé mesmo que podia fazer acontecer o movimento, um evento Feira Empoderaí aqui em Paranaíba, foi um primeiro passo dado ali para a gente se organizar e fazer acontecer mesmo.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Vocês se reuniam na casa de alguém?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

No princípio assim, eu não me recordo, mas a gente passou a fazer algumas reuniões, sim, para estabelecer algumas coisas que a gente precisaria melhor, articular ali.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Eu me lembro que a primeira foi na sua casa.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Foi.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Foi a Rafaela, a Vi, eu e você, foi de nós quatro no começo.

---

<sup>14</sup> Local de eventos em Paranaíba, localizado na Rua Pernambuco, 1.303, Centro, Paranaíba/PR.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

E as artes? Quem fez e quem que faz até hoje?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

A Kemmy.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

É então, desde o começo eu que acabei produzindo as artes e sempre de uma forma, a gente sempre foi pensando em uma mulher também para poder homenagear e só na quinta edição que aí a gente teve também ajuda da Priscila, que é uma artista aqui da nossa cidade, que também participou da feira como expositora e também foi incrível a arte que ela fez, a gente foi se ajudando aí nesse processo.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

É ela apoiou o movimento e abraçou, fortaleceu bastante na quinta edição, trouxe muitas ideias com as artes de divulgação.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Já em mente com a parte da organização, como que foi feito o convite para a população, para as mulheres da população, vocês se utilizaram só de redes sociais, vocês buscaram outros meios? Como que agregou assim as mulheres à primeira Feira Empoderaí?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Boa parte da divulgação foi feita, realizada pelas redes sociais, principalmente *Instagram* e *WhatsApp*. A gente nunca pensou algo fora das redes, assim que eu me recorde, teve uma ou outra edição que a Maisla<sup>15</sup>, que também já participou da organização, ela levou a reuniões importantes a espaços ali onde ela ia e fazia o convite, né?! Mas, particularmente assim, da organização mesmo, a gente sempre se organizou através das divulgações virtuais, através das artes mesmo.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

A Suzy está desde a primeira edição, Suzy?

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Eu acredito que foi na segunda edição, Priscila.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

A minha primeira também foi a segunda edição, a primeira que eu participei foi a

---

<sup>15</sup> Maisla Souza - Foi estagiária de psicologia no NUMAPE na época em que participou da organização da Feira Empoderaí – O NUMAPE é um projeto financiado com recursos da Secretaria Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SETI – Fundo Paraná, vinculado a Unidade Gestora do Fundo Paraná (UGF) – Projeto Estratégico, o Núcleo Maria da Penha/NUMAPE encontra-se implantando na Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR/Campus Paranavaí, através do Termo de Cooperação - TC 069/21 SETI/UGF, assinado no dia 31 de agosto de 2021. Maisla atualmente psicóloga com CRP-08/35858.

segunda edição, igual a Suzy.

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Sim, é na mesma edição que você eu comecei Priscila, eu lembro que te conheci lá, vocês né! A Giovanna também eu conheci numa primeira reunião que teve com as mulheres, as expositoras, e eu soube através de compartilhamento nas redes sociais, e a Mana que é uma outra participante ali da feira também, eu não sei se ela já tinha participado da primeira, mas ela participou nessa também, você também. E a partir dali eu sempre tipo participei, teve uma ou outra que não participei desde então, uma ou duas no máximo.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Eu acho que foi igual eu também, se eu não me engano, só umas duas eu não participei. Mas o meu relato pessoal, é que foi na segunda Feira né, que eu vi, eu acho que eu mandei mensagem, não sei se foi com a Giovana que eu falei primeiro e fiquei encantada, vi aquilo eu falei, pô, muito legal, né? Só mulheres e fazia alguns anos que eu não expunha as minhas telas. Na época eu trabalhava no fórum na época do poder judiciário, então tinha um pouco saído dessa área, sabe? Mas, a área que eu sempre gostei muito de exposição com outras pessoas, com artistas, né?! Durante, durante a adolescência, eu sempre fiquei trabalhando com isso e assim, para quem não sabe, as telas me ajudaram a pagar minha faculdade de Direito, literalmente gente. Então, assim, eu vendia tela, fazia consórcio de tela e vendia isso durante um ano, até eu conseguir bolsa de estudo, foi o que me ajudou a formar, então, assim, tem um capítulo bem importante da minha história, que pintura faz parte e acredito que quando eu vi ali também uma oportunidade de participar e conhecer outras pessoas na cidade, eu achei muito, muito bacana e eu acho que se for conversar com todas também, aí todo mundo vai ter um relato inicial de por que e porque levar sua arte, seu movimento, sua poesia.

Bom, gente trazendo um pouquinho aqui do que vocês fizeram desde a primeira feira. Giovanna, você sempre esteve na organização da feira? Vi que na última feira você chegou a expor também mandalas, né? Conta um pouquinho para gente.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula<sup>16</sup>**

Sim, estou desde a primeira edição como organizadora e eu tive já vontade de expor,

---

<sup>16</sup> Para acessar o Instagram de Giovanna G.C. de Paula, aponte para o QrCode.



mas eu não tive oportunidade na verdade, porque organização acaba cobrando um pouquinho mais da gente né, para estar ali presente, eu queria ter tido a oportunidade de estar levando algumas mandalas, mas não consegui, quem sabe numa próxima edição eu estar como expositora também.

**Figura 02:** Giovanna Godoy Campos de Paula, ao fundo, tela intitulada Medusa, de autoria da pintora Priscila Brito.



**Fonte:** Instagram da Giovana @xgika\_

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Esse lado artístico se descobriu depois na feira ou se já fazia antes essa essas mandalas?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Não foi relacionado a feira, mas foi depois da feira.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

A Kemmy é bem conhecida com relação aos filtros, né? Conta um pouquinho para a gente, Kemmy, da sua arte.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Os filtros eu trabalho com ilustrações em filtros de café usados desde 2015, e aí eu fiquei com esse projeto durante sete anos. Já faz um ano e pouquinho, um ano e meio que eu precisei dar uma pausa para realinhar e até me permitir experimentar outros materiais, porque no começo era assim, eu gostava de experimentar e quando encontrei o filtro, foi que, as coisas acabaram fluindo e aí, como eu falei antes, eu já participava de algumas feiras, principalmente em Maringá/PR, porque aqui era bem difícil ter e a feira. Foi também uma

forma do pessoal daqui de Paranaíba conhecer, porque geralmente quem conhecia meu trabalho era mais o pessoal de fora mesmo. Eu sempre usei bem a internet para divulgar e aqui não tinha muita essa troca. Então, foi uma oportunidade de poder conhecer outras artistas também e trazer essa troca com relação ao meu trabalho. Desde o começo estou com organizadora, nessas últimas edições eu não consegui estar muito à frente dessa questão e tem essa parte da arte e da fotografia da feira. A parte de fotografar algo que eu gosto bastante também, que eu sempre que dava um suporte ali também nesse sentido.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

A parte de fotografia de todas as edições é você que faz?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Teve uma que foi a Dani Barbosa, né?! Que ela que ela fez e teve algumas outras que a Giovanna também sempre me ajudou ali na fotografia e teve algumas edições que eu consegui expor né, porque como tinha outras organizadoras, eu conseguia às vezes, ficar com a mesinha ali do lado, expor e ao mesmo tempo ficar ali ajudando as meninas na organização.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

E você sentiu que teve vendas, como que foram as vendas da sua arte nas feiras?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos<sup>17</sup>**

Sempre teve uma troca boa e assim ter consciência que ali na feira, como tem várias opções, né? Eu nem me cobrava muito nesse sentido de venda na verdade, a venda acontecia de forma natural, mas meu foco sempre era essa parte de troca mesmo, de poder expor meu trabalho de conhecer outras artistas, e aí eu acho que é realmente o que me preenchia de estar ali na feira, de ter essa troca mesmo, pessoal que não conhecia meu trabalho e tanto com quem já conhecia também e assim, várias vendas acaba acontecendo depois da feira, por mais que as vezes ali na correria o pessoal não acaba comprando muito, mas depois acaba tendo um retorno bem positivo.

---

<sup>17</sup> Para acessar o Instagram No Filtro de Kemmy F.B. dos Santos, aponte para o QrCode.



**Figura 03:** Kemmy Fukita Batista dos Santos



**Fonte:** *Instagram* No Filtro @no.filtro.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Comigo aconteceu de vender e pegar a encomenda depois dos eventos da feira, pessoal passou e viu. E Suzy, conta um pouquinho para a gente da sua participação também nas feiras.

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Então, eu comecei lá pela segunda edição. E a minha primeira aparição na feira foi bem tensa, eu estava bem nervosa, bem apreensiva assim, né? Insegura. Eu lembro que eu tive quase uma crise ali, quase não consegui terminar, mas eu fui até o fim e levei lá um umas palavras, né? Assim, texto que eu declamei, ainda com a ajuda do texto, né? Lendo assim foi bem, foi um momento bem desafiador.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Você recitou poesia e texto, você recita desde a primeira edição então Suzy?

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Que eu participei né! Da primeira que eu participei. E aí eu também estava como expositora de umas garrafas, sabe? Garrafa de vidro, assim de cerveja pequenininha ou pote com design legal, de vidro que eu decorava, por um tempo eu fiz isso. Daí nessa primeira vez que eu participei da feira, eu expus esse artesanato e também falei lá, não era um poema, uma

poesia, era uma junção de coisas que eu escrevi, que eu achava pertinente, digamos, coligi uma coisa à outra, fui lá e passei uma mensagem, um recado. E aí na segunda, lembro que eu escrevi e eu comecei a ter aquela mesma sensação de insegurança, de nervosismo e pensei comigo mesma “pô, você não é obrigado a fazer isso. Se você não quer, então você não consegue, então não vai, agora, se você quer ir, vai porque vai de uma vez assim sabe, vai sem medo”, aí essa segunda edição, em que eu participei, fiquei mais tranquila para mim e daí, a partir daí, nas outras ações, participei, só fui melhorando no sentido de estar ali uma presença, sabe? É realmente forte assim, porque é muito difícil. Bom, né? Às vezes é algo natural, mas nem sempre, então às vezes é bem difícil, um trabalho, mas, enfim é tudo difícil, né? A gente se mostrar assim, muitas vezes é querendo ou não, estar indo para ser avaliado, né? A gente tem que acreditar que vão acreditar naquilo que você faz, escreve e você canta.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Quem te viu agora nas últimas edições não imagina que você ficou nervosa assim na primeira não, você fala muito bem viu.

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

É, eu tenho melhorado bastante, mas até tenho vídeo, né? De eu participando na primeira edição e eu sempre mostro, eu falo assim “olha como eu estava nervosa, olha, eu como eu estava isso e aquilo e as pessoas falam, não, você está bem e eu falo como vocês não percebem” eu tremia assim, as mãos e toda perdida com os papéis, porque eu não consegui a minha meta que era, quando eu me inscrevi, eu pensei, eu vou colocar tudo isso, eu vou escrever até o “boa tarde” que eu vou falar, porque tinha medo assim do improvisado, aí eu sou assim, eu não consegui esse ensaio, sabe? Tempo para ir lá e fazer pelo menos uma vez, né? Para quando chegar lá, não ser, não ser a primeira vez assim tal.

Eu não consegui, eu expus também algumas coisas lá, então foi bem corrido e não consegui me preparar e daí foi, dessa forma. Na segunda vez, decidi me preparar, porque a minha vontade era chegar lá sem nenhum papel para ler.

**Figura 04:** Suzy Costa da Silva, declamando poesia na VII edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Instagram da Feira Empoderaí @feiraempoderai (foto salva nos stories da VII edição).

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Ah, mas hoje a gente se contempla com seus textos na feira e eu tenho certeza que, o que você escreve, o que você fala, dá força para muitas mulheres ali. A gente que está, que vem acompanhando as edições da feira, eu acho que a feira ela é um composto de tudo. Cada, cada personagem, cada fator que tem na feira, faz a feira ser encantadora do jeito que é e eu tenho certeza de que muda a vida de muita gente, igual mudou a vida aqui de vocês, que estão aqui hoje comigo, porque se formou uma amizade, vocês se conheceram na feira ali e a gente está aí até hoje.

Bom, gente, então seguindo aqui, o público-alvo, as meninas, já falaram que o público-alvo são as mulheres, mas o público masculino, ele também consome, gente, o conteúdo ali da feira, conta um pouquinho.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Consome, desde a primeira edição a gente percebeu que pelo menos em princípio, mais os namorados, esposos para acompanhar as expositoras, mas sempre teve o público masculino ali acompanhando também o trabalho da arte das mulheres que ali estavam, principalmente quando a gente fez as edições na praça<sup>18</sup>, a gente percebia tanto mulheres como homens, crianças, diversidade assim gigantesca.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

E é importante, até não sei, se vocês podem falar alguma coisa disso, a questão do empoderamento, de falar sobre o feminismo, a gente também precisa de expandir isso para

<sup>18</sup> Praça dos Pioneiros – Rua Manoel Ribas – Centro, Paranavaí/PR.

que eles ouçam, né? É extremamente importante para a gente ter eles nos ouvindo.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Eu percebi que, eu particularmente, que esse espaço de escuta é um pouco mais difícil. Agora, “tá vou comprar uma arte ali, vou comprar um quadro, enfim, comprar um doce” sempre teve, desde a primeira edição.

Esse espaço de escuta, eu percebo ser mais difícil da gente acessar aqueles homens que ali estavam presentes. Exemplo, no Garagem, quando a gente colou adesivos no banheiro, quando a gente ia dar alguma palavra lá na frente, a gente sempre percebia um tumulto ali diferente e quando você ia ver eram homens, que não estavam preparados, não queriam escutar o que a gente estava falando. Na época, a gente colou adesivos no banheiro masculino, arrancaram todos, jogaram fora durante o evento.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Na última edição?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Não, foi se eu não me engano foi na quarta edição ou terceira. Eu lembro que as meninas, a Jaque e a Rafa, ainda estavam lá nessa edição e foi uma edição que inclusive eu fiquei revoltada, a gente colou um monte de adesivo com frases ali e serviu para que eles refletissem, não era nada chegando, né? com o intuito de sei lá, como posso dizer, nada com o intuito de atravessar, mas com que eles refletissem, o que a gente buscava ali, enquanto o movimento também. E aí eu lembro que no meio da edição, eu fui ver lá no banheiro, já tinham arrancado tudo e jogado no lixo e falei nossa né, então esse espaço, essa questão de escuta é muito difícil, mas consumir da arte do trabalho das meninas, o público masculino consome.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Oh, meninas, bom, então continuando aqui, está sendo muito interessante saber esse início de feira. É muita coisa, né, que a gente quer perguntar, é um trabalho muito interessante, não é todo dia que a gente vê esse pensamento coletivo, pensar no coletivo, principalmente hoje, né? Hoje em dia a gente está saindo aí de uma época de tanto individualismo e falar do coletivo, falar sobre mulheres se ajudando, eu acho que é sempre bom, nos dá um pouco de força, esperança, enfim, para seguir aí adiante.

Bom, uma coisa que eu ia perguntar para vocês, depois eu vou perguntar sobre cada edição, se vocês se lembram de alguma, alguma memória especial, mas das feiras que a gente já teve, sempre são mulheres munícipes de Paranaíba ou tem convidadas assim que vem de fora?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Sim, tem o pessoal da região, tem a Beleza Cítrica também que vem direto de Nova Esperança/PR para cá. Acho que 80% daqui de Paranavaí e 20% do pessoal aí Maringá, de Nova Esperança, mais o foco sempre foi o pessoal daqui, as mulheres daqui mesmo, mas tem essa troca sim.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Como é feita a inscrição assim para as mulheres que querem participar da feira e uma outra pergunta, a feira, ela sempre foi independente? Já teve algum contato com órgão público? Fala um pouquinho para mim, gente.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Então, o nosso intuito sempre foi um evento, um movimento independente, mas tiveram momentos que a gente precisou de amparo estrutural. Foi difícil, a gente sempre teve muita dificuldade de conseguir esse amparo estrutural, só que teve uma época, que a gente tinha como uma das organizadoras, a Maisla, que é psicóloga, ela atuava também dentro do Conselho da Mulher e em um dos eventos do NUMAPE e do Conselho da mulher que iria acontecer em parceria com a Fundação Cultural<sup>19</sup> e com outros órgãos aqui de Paranavaí, a gente conseguiu um amparo estrutural muito bacana, que inclusive foi a edição que aconteceu na Casa da Cultura, mas, fora essa edição, a gente sempre levou o movimento, o evento de forma independente.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Nessa edição da Casa da Cultura, teve até uma tenda do NUMAPE. Bom gente, a gente tem o NUMAPE, que é um projeto dentro da UNESPAR que acolhe mulheres vítimas de violência, também atende, lá tem amparo de serviço social, também tem amparo advocatício. O NUMAPE já participou com vocês, na questão da Casa da Cultura, quando foi lá, teve alguma outra edição que vocês têm a participação assim de outras entidades ou órgãos? A Casa da Cultura foi junto com.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Aquele evento só para mulheres?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

É foi, eu lembro, que foi parceria, se eu não me engano, com o SESC, Fundação Cultural e NUMAPE e o Conselho da Mulher<sup>20</sup>.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

<sup>19</sup> Órgão da Prefeitura de Paranavaí/PR.

<sup>20</sup> Órgão da Prefeitura de Paranavaí/PR.

Foi uma edição especial, foi no mês da mulher, não foi?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Foi.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Não, foi em outubro.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Na época do outubro rosa.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Foi em outubro, outubro rosa. Inclusive também teve órgão da Saúde aqui de Paranaíba que participou, é um movimento assim em prol das mulheres mesmo, então tiveram vários movimentos ali.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Já foi nas últimas edições esses contatos com esses órgãos?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Foi na penúltima, a gente teve seis edições, foi na quinta edição.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Como que esses órgãos chegaram para conversar com vocês, para participar?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Na verdade, a Maisla levou até eles né!.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Hoje a gente está na sétima hoje, a sexta foi a da Fundação.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

A desculpa, foi então isso aí mesmo.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Então, apesar de ser uma feira, né, que já teve participações aí de entes públicos e tal, vocês pretendem continuar com a feira de modo independente?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Ai Pri, chega a ser uma pergunta um pouco difícil de responder no momento, porque a gente ainda precisa sentar para estabelecer esses pontos. Mas, na última edição eu busquei novamente a Fundação Cultural, né? para um apoio estrutural, porque nossa intenção era fazer essa última edição na Praça dos Pioneiros, foi onde tudo começou.

Conseguimos toda a documentação, só que infelizmente, por conta dos gastos que não estavam condizentes com os ganhos, acabou que a gente abriu mão de fazer lá pensando pelo lado, de fazer espaço público e buscar ali um apoio de algum órgão que possam é

fortalecer estruturalmente, acredito que sim, né? seria uma busca ali interessante para o movimento, mas pela burocracia e pelas dificuldades, entre outros pontos, acho que assim, que acaba ficando um pouco em cima do muro no momento, então a gente ainda pretende estar conversando sobre isso, para saber se a gente vai continuar buscando algum tipo de apoio ou não, mas na minha última busca com a Fundação Cultural, o que eles sugeriram para a gente, não lembro se tava muito relacionado a registrar marca, mas era algo como a gente iria fazer um investimento em cima da feira ali mensal ou anual, não lembro, para a feira ter um alvará para acontecer e ter um apoio estrutural de algum órgão.

Ficou um pouco confuso na minha cabeça, acho que também o jeito de eu explicar pode ter ficado confuso, mas eu lembro que foi justamente toda a burocracia e tal que fez com que a gente fosse pelo caminho mais fácil, né? Que foi realizar a edição no Garagem.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Vou perguntar para vocês o seguinte, a gente tem aqui que vocês fizeram em 2019 a edição Frida, Elis Regina, Marielle e teve até uma edição especial dos 21 dias de ativismo sobre a não violência contra a mulher, tudo isso em 2019, conta para a gente, um pouquinho então, em 2019 vocês se recordam aonde que aconteceu essas feiras e qual o intervalo que teve de uma para outra? Porque, em 2019 foi bem ativo o movimento da feira

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

É, eu lembro que a primeira foi na praça né e foi até meio que de noite assim, foi a primeira edição. A gente ainda estava meio perdido nessa questão de horários estava começando, e aí, depois teve a edição da Elis, que daí já foi num outro horário. A gente começou a ver questão do movimento da praça também e o da Marielle, não me recordo muito, você lembra certinho?

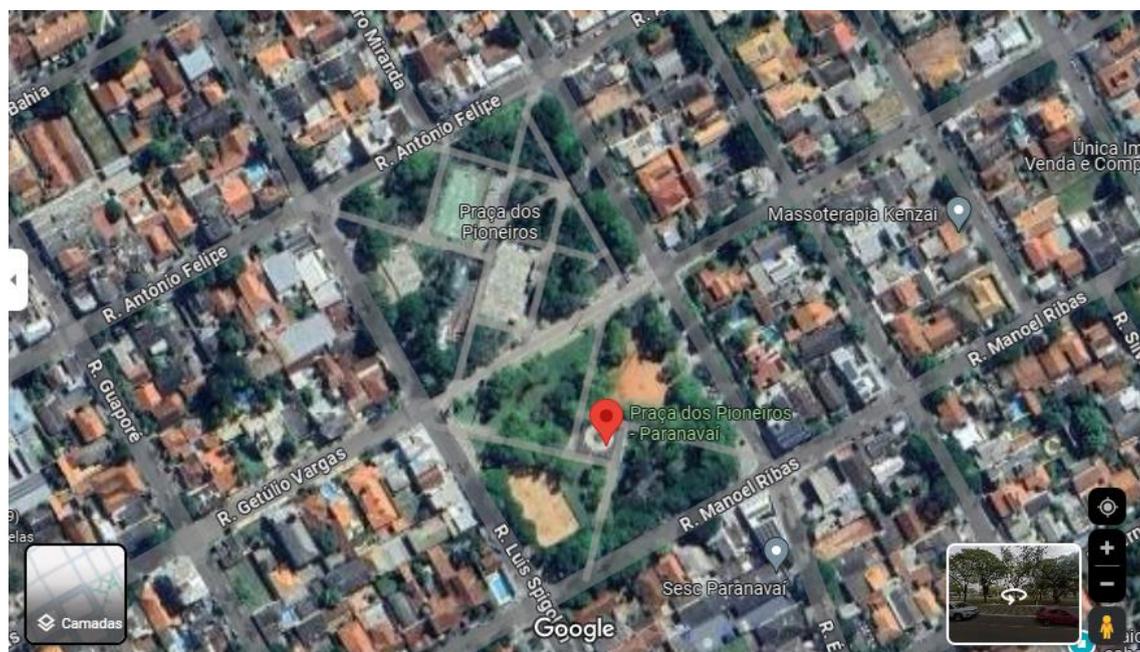
**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Foi na praça dos pioneiros também, eu acredito que a partir da quarta, quinta edição, é quarta e quinta no Garagem, sexta edição na Casa da Cultura<sup>21</sup> e sétima no Garagem, mas foram três edições na Praça dos Pioneiros.

---

<sup>21</sup> Rua Miljutin Cogeí – Centro, Paranavaí/PR

**Figura 05:** Praça dos Pioneiros no Centro de Paranavaí, vista de cima



**Fonte:**

Google

<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+dos+Pioneiros+-+Paranava%C3%AD/@-23.0773883,-52.4580348,396m/data=!3m1!1e3!4m6!3m5!1s0x949296622b56f1d5:0x997efb2259b367d3!8m2!3d-23.0781371!4d-52.4563486!16s%2Fg%2F11ck1hsj5?entry=ttu>

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Isso aqui em Paranavaí. Vocês sentiram que a questão de levar o evento para a praça trouxe mais proximidade com o público? Conseguia ter um alcance maior da fala de vocês, música, poesia?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Com certeza.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Uma troca bem maior né! Porque ainda mais que, a gente pegava domingo, sábado, que tem um movimento maior ali e estava alcançando pessoas ali que a gente não tinha alcançado ali nas redes sociais.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Então, pais iam levar filhos na praça, acabavam entrando, curtindo um som com a galera, prestigiando a arte das mulheres que ali estavam e quando a gente percebia, estava uma movimentação assim incrível, né! Na primeira edição, teve a questão inclusive que a Kemmy colocou aqui, relacionada ao horário, que a gente fez mais ao tardar, a partir do final da tarde, para a noite, a gente não teve tanto movimento, mas foi um momento legal, espaço aberto, espaço público, então é uma primeira edição ali onde a gente pôde reconhecer onde a

gente poderia estar melhorando e moldando as coisas.

A partir da segunda edição, o movimento, até mesmo pela quantidade de expositoras, na primeira edição foram em torno de 13 expositoras, na segunda edição, a gente bateu um pouco mais de 30 expositoras, foi em torno ali de quase 30 expositoras.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

É ali deu em torno de 26 e a segunda, 16. A primeira foi 10.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Foi tendo um crescente do número de participantes né?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

De apresentação, também das atrações e o movimento na praça, sempre foi incrível, sensacional mesmo. A galera colava, fortalecia, abraçava, mesmo o movimento estava ali presente. No Garagem, não é que não tinha um movimento, mas já era um público que frequenta aquele espaço, os demais ali que não frequentam, iam mais pela feira mesmo, só que, por ser um espaço privado, apesar do movimento ali, do evento acontecer de forma gratuita e aberta, não tem o mesmo movimento que na praça, que é um espaço público, então a gente reconheceu esse fato aí, esse diferencial de movimento.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Além da parceria com o Garagem, assim, ao longo de todos esses anos, vocês conseguiram mais parcerias importantes para a feira?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Sim, relacionadas a, pode falar.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

É a questão do patrocínio né, a gente sempre buscou patrocínio de marcas de mulheres empreendedoras aqui da cidade também.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Bom, em 2020 teve a edição Magó, em 2023 a gente teve a edição da Gal Costa, então assim, as temáticas também das edições, que vocês trazem, são muito marcantes. Vocês têm alguma previsão assim da próxima feira que pode acontecer?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

É uma pretensão assim, uma próxima, então, seria para esse ano, mas para o final do ano (2023), aí outubro, novembro. Mas, a gente tem que ver como as coisas vão se direcionar, porque no primeiro ano, realmente, né, foi praticamente trimestral. Abril, maio, junho teve outra, aí depois a gente foi fazendo. Só que, depois que a gente percebeu, dentro desses meses, que ficou muito puxado para a organização e o tempo também para a gente se

organizar, para a gente estar fazendo essas edições recorrentes.

Aí surgiu a pandemia, a gente ficou somente no virtual com *lives* e sorteios, para incentivar a troca, mas quando a gente voltou agora ficou algo mais para o semestral/anual, a gente está entre período semestral/anual. A pretensão nossa é continuar dessa forma, uma edição a cada seis meses ou uma anualmente. Mas, dependendo também da forma como as coisas estão ali no momento para estar preparando.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Gente, teve uma escolha também, dessa questão de ser semestral, caso aconteça certinho, no começo do ano sempre acontecer ali perto do dia das mulheres e no segundo semestre perto do outubro rosa, que daí a gente acaba unindo essas temáticas.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Nessas *lives*, que vocês fizeram, que vocês não pararam na pandemia, sobre o que vocês falaram? Onde foram feitas essas *lives*? Eu participei de uma delas, não foi de duas, eu participei de duas como advogada, falando sobre temáticas envolvendo violência doméstica, inclusive nessa época, nesse período de pandemia, infelizmente a gente teve uma crescente muito grande, nos casos de violência doméstica, eu fiz duas *lives* para vocês, mas tiveram outras *lives* de diferentes temáticas. A Suzy chegou a participar?

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Sim, eu participei de uma *live* com a Giovanna e falamos sobre empoderamento feminino, questões feministas e também, sobre *design* e reconstrução de sobancelhas.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

A maioria foi sobre empreendimento, teve da Vitória Trentino, que eu marquei aqui, da Franciele Oliveira, essa da Priscila, da Suzy, da Raíssa Sorana também, da Camila Cardoso, a Cristina Ribeiro, Caroline Galvão e teve a da Rose também que foi bem legal, foi a questão de gênero.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

É, teve a última também que a gente fez, mas aí não foi durante a pandemia, foi um mês depois da última edição.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Foi sobre o que a última?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Foi sobre higiene menstrual, com a Beleza Cítrica, com a Thaís.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Meninas, então com relação a participação de outros públicos na feira, a gente está

falando aqui de mulheres e a gente está falando de todos os tipos de mulheres cis, trans e o movimento LGBTQIAP+ também sempre esteve presente nas edições, como que acontece essa integração assim do pessoal do movimento?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Uma das representantes do movimento LGBTQI+ aqui de Paranavaí é a Rose Macfergus<sup>22</sup> e ela sempre esteve muito presente na Feira Empoderaí, sempre fortaleceu bastante o movimento e a gente teve essa troca de ideia também, para ela estar levando o público LGBTQIA+, não foram todas edições, foram principalmente edições na Praça dos Pioneiros, que eu lembro que o público estava com mais presença, sei lá e teve uma outra no Garagem, mas não foram todas as edições.

Sempre esteve muito aberto para recebê-los, para que eles se sentissem à vontade, no nosso espaço, que também espaço é de todos nós, mas vendo assim, a gente não anda em conjunto, mas a gente esteve ali presente no mesmo espaço, juntos.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Inclusive, só um adendo aqui, eu lembro de uma edição que foi até antes da política, de falas muito importantes da Rose, foi uma edição no Garagem, antes da eleição, a gente sabe como que foi difícil aí o último governo que passou, principalmente para as pessoas LGBT's, e ela deu uma fala muito importante ali na frente para todo mundo e foi muito gratificante estar lá naquele local com aquelas pessoas, a gente se sentiu mais próximo pelos pensamentos, pelas falas ali delas e assim, com relação à feira, a feira também é atrelada a algum movimento político ou alguma política neste sentido?

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Não, a feira é um movimento apartidário, a gente não defende nenhum partido, a gente defende direitos. Nunca levantamos bandeira para nenhum tipo de partido político, muito menos para políticos também, apesar da gente já ter tido contato com a presença de alguns que às vezes passam por lá, mas a gente não abraça, porque a gente realmente prefere tratar ali um espaço onde cada um tem o seu modo de pensar, cada uma vai ter a sua posição política, então precisa respeitar as diferenças, então, para isso, a gente opta por não levantar a bandeira, mas claro, né! Nós enquanto mulheres, somos seres políticos, é políticos que falam né? Então, não tem como negar, mas erguer bandeira partidária, não! Somos um movimento apartidário.

---

<sup>22</sup> Rose Macfergus, em rede social no Instagram traz como sua definição de perfil ser mulher trans, bi, vegana, anarquista, ativista que movimenta travestis e mulheres trans e vocalista de banda Punk. <https://www.instagram.com/rosemacfergus/>

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

A simples presença nossa nesses espaços, igual vocês contaram a questão dos banheiros, que foi retirado aí as frases, os desenhos, isso é um ato político, né! Sobreviver é um político, manter sua integridade física, manter sua integridade mental, hoje como mulher, tudo isso se transforma em política, no momento que a gente quer expandir, levar para outros lugares, levar ideias.

A gente sabe o quanto a mulher é atacada, falar sobre isso, estar aqui falando nesse *podcast*, é um ato político também, porque quantas meninas podem estar ouvindo esse *podcast* e se identificar com a história de vocês, identificar com a história do movimento, identificar com a história da feira, identificar com algum tipo de arte, enfim, isso aqui é também um ato político de resistência, né?

Mais uma perguntinha para vocês, assim do público que participa, das expositoras ali, das feirantes, qual que é o segmento que a gente consegue ver mais? Eu já vi que tem artesanato, gastronomia, tem exposição, tem música, tem poesia. Vocês já fizeram assim um top dez do que tem na feira? O que mais tem? Costuma ter mais artesanato, costuma ter mais gastronomia?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Eu acho que a gastronomia está mais forte. Fica ali, entre a gastronomia e artesanato, eu acho que tem uma quantidade grande dessas duas áreas.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Uma pergunta interessante, até posso fazer, já fiz para a Kemmy, mas para a Suzy. A feira te ajudou a levar tua marca, do teu trabalho como *designer* de sobancelha para outras pessoas? Te trouxe outras pessoas? Conta um pouquinho para a gente, Suzy.

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Com certeza, inclusive a Giovanna e tem várias outras meninas ali envolvidas com a feira que de alguma forma, conheceram o meu trabalho. Até a Giovanna é minha cliente, conheci através da feira, também tem várias meninas lá que estão envolvidas com a feira de alguma forma me conheceram, meu trabalho e se tornaram clientes e já faz um bom tempo que estão fazendo a sobancelha comigo e sempre vai aparecendo mais. Também conta como uma teia que se expande, porque, mesmo depois que acaba, a pessoa que conheceu seu trabalho ali, ela continua levando para outros lugares, assim eu faço para encontrar mulheres que eu conheci, mas agrega de alguma forma o nosso trabalho.

Respondendo à pergunta, com certeza agrega de alguma forma, trabalho ou como pessoa também, porque a gente faz conexões com outras, te ajuda e continua, né? Tanto que a

gente está aqui nesse papo.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Meninas, vou deixar livre para vocês, vocês têm algum recado para passar para o nosso público, as mulheres que estão nos ouvindo, o público no geral.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Eu gostaria de dizer que, não particularmente somente sobre o movimento, sobre a Feira Empoderaí, mas nós enquanto mulheres, a gente vê que desde os mais antigos dos homens, eles sempre foram muito unidos, na brodeiragem, na parceria, então, a gente percebe essa união muito forte.

Eu acho que nós mulheres precisamos fazer o mesmo, né? Se unir cada vez mais, se fortalecer, não só para estar ali presente no movimento, mas para em parcerias mesmo, com outras mulheres, admirar, colocar mulheres para cima, entender a sua luta é para além do individual, a luta é plural, a nossa luta, é coletiva e que a gente precisa sim, olhar para outra, com um olhar mais atencioso, com um olhar mais humano também, dessa forma, é para a gente se fortalecer, se unir mesmo e meter marcha aí nos movimentos e nas trocas, a gente tem muito para aprender umas com as outras.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Para se apoiar, né? Às vezes a gente vê também aquelas tantas mulheres da feira ali participando, mulheres fortes e no final das contas, uma mulher forte também precisa de apoio e tendo essa rede de apoio, espero continue bastante tempo, porque eu me senti muito apoiada muitas vezes e apesar de exercer a advocacia e também ser professora e tal, a arte tem um espaço muito importante para mim e o lugar que eu tenho um espaço para mostrar minha arte é na feira, para mim tem um lugar ali bem especial.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Eu acho que se eu fosse definir a feira assim, em uma palavra, seria a troca mesmo. Eu acho que eu até falei algumas vezes aqui porque para mim é muito isso, é uma troca de experiência, troca de choro, são várias emoções ali. A gente acaba conhecendo pessoas que estão ali, próximas da gente, que a gente nem conhecia, que tem todo esse trabalho e para mim, é uma união de tudo isso.

O que a Gi falou, essa questão da união, porque não é fácil organizar um evento, tem toda uma estrutura e, às vezes, o pessoal não entende, né? Acaba, que a gente acaba recebendo também.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Crítica, né?

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Crítica isso, só que as vezes, as pessoas não têm conhecimento do que há por trás de tudo isso, ainda mais que é um evento independente, apesar de ter esse suporte, não é fácil, mas que a gente possa ter essa resistência e continuar porque realmente é muito importante toda essa troca e que a gente possa continuar fortalecendo esse movimento.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Suzy, tem uma palavrinha para dar para a gente?

**Entrevistada: Suzelaine Costa da Silva**

Ah, eu gostaria de dizer que, a feira com certeza, muito está já na minha trajetória e em casa e que no final era tudo sobre isso, sobre a gente se ajudar, a gente se fortalecer tão pouco a ti ou não. Uns nos outros, né? Umas nas outras? Daí nesse tempo, na primeira participação na feira, que deve ter uns quatro anos, eu inclusive participei da feira grávida por duas vezes, uma no começo da gestação e mais uma no final, e eu sempre levei essa questão de a gente se ajudar, da gente levar a sororidade para o nosso dia a dia.

Estar sempre ali como uma rede de apoio para outras mulheres e nem sempre, você precisa ter conectividade profunda de alguma forma com alguma mulher porque, para poder acolher ou fazer presente de alguma forma, ajudar a acolher, ouvir, muitas vezes a gente não precisa nem de uma solução, mas de ter um espaço de escuta é poder falar, poder conversar com quem entende, com quem vive as mesmas lutas.

Então, eu acho isso muito importante, sempre senti muito falta disso em momentos e prezo muito por isso, com quem fazer trocas mesmo, né! Porque a gente se fortalece, a gente vê o quanto a gente não é só com a gente. Como a Giovana falou, a gente precisa, meio que, mudar, virar esse jogo, não é que as mulheres são isso ou aquilo a gente foi meio que educada, treinada para ser assim também, né! É muita coisa, são muitas camadas em uma sociedade que direciona a gente, coloca a gente aqui e fala assim “ó é para cá que você vai, é isso que é para você, é isso que cabe a você” e até a gente ver que não, né! Que a gente pode ter outras, sei lá, outras ambições, do que aquelas impostas e que bom que a gente se encontra e junta e se se movimenta bem e quantas conquistas né! As mulheres vêm conseguindo aí, ao longo do tempo, apesar de quantas foram apagadas.

Então, nossa, é uma loucura, porque nisso tudo, nesse tempo, nesses quatro anos, eu tive mais um filho, agora são quatro, porque eu já tinha três e eu me envolvi em outras coisas, me tornei agente cultural além de artista, eu movimento a arte, a cultura aqui na minha região e estou trazendo isso para minha cidade, que eu voltei morar agora, eu moro em São João do Caiuá/PR, é uma cidade vizinha de Paranavaí, mas assim, ter passado esses quatro anos em

Paranavaí foram muito importantes para o meu desenvolvimento, como artista, com mulher também e o que eu quero muito é levar isso também para outros lugares, eu acho essa ideia da feira também muito, muito valiosa e acho que tem que ter uma edição parecida em um cada canto.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Eu só queria agradecer também a Vitória e a Denise, que fazem parte da organização, que a gente está aqui também representando elas e também, todas as meninas que já participaram, a Maisla, a Rafa, a Jaque, enfim, todo mundo que já passou pela organização que sempre deu esse suporte para a gente também.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

É, a gente não poderia deixar de falar delas também, porque também são base essencial para fazer acontecer e que todas as edições a gente contou com apoio e a parceria delas.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Maravilha.

**Entrevistadas: Suzelaine Costa da Silva, Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos**

E agradecer você também, Priscila.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Viu Pri, você foi importante, sempre foi muito importante, desde a sua participação quanto expositora nesse o apoio do seu fortalecimento e principalmente agora nesse momento, né! E aí, que parte nossa resistência, que daí você traz para gente, o quão é importante a gente continuar resistindo, a gente continuar transformando vidas de mulheres, que a gente sabe que, a Feira Empoderaí é um movimento que consegue e faz essa transformação, a gente dar continuidade a esse movimento, muito obrigada.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

De nada, eu que agradeço e ter contato com a feira, não só na parte artística, mas eu também pude de alguma forma, ajudar mulheres dentro da minha profissão como advogada, falar um pouco com mulheres e continuar ajudando até hoje, independentemente do assunto de quem vem falar comigo e isso me faz sentir bem, não sei se vocês têm, mas aquela sensação de que o mundo inteiro a gente não vai conseguir ajudar, mas se o que tiver ao nosso alcance, se a gente puder melhorar a situação, já é maravilhosa poder ter essa chance, que às vezes muita gente, não tem nem a chance de conhecer pessoas que possam ajudar. Então a feira, ela traz essa rede, ela traz, essas ligações e faz com que a gente consiga chegar até as

pessoas.

O *Instagram* da feira, gente, passa para a gente, eu vou deixar linkado, no nosso *podcast*, mas fala para gente, quais são as redes de vocês.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

A gente tem o *Facebook* e o *Instagram*, ambos são Feira Empoderaí, só que aí no caso sem o acento porque o algoritmo lá, pelo menos lá, como fala, no arroba lá, não dá para usar acento, mas é Feira Empoderaí.

**Entrevistadora: Priscila Alves de Brito**

Meninas, queria agradecer muito, muito mesmo a participação de vocês, aqui no *podcast* Pod Empoderaí, o *podcast* da feira, que vai seguir aí, espero que tenha vários outros episódios que conte a participação de várias outras mulheres e que a gente possa contar muitas outras histórias.

Foi maravilhoso ouvir vocês aqui, então, muito obrigada e o pessoal aí que gostou, fala com a gente, entra nas redes sociais da feira, acompanhe o trabalho das meninas, é maravilhoso, é interessantíssimo e quem sabe, você pode levar a ideia aí também para a sua região, para o lugar onde você está, então, tchau, meninas até mais.

**Entrevistada: Giovanna Godoy Campos de Paula**

Tchau galera, obrigada viu, Pri.

**Entrevistada: Kemmy Fukita Batista dos Santos**

Obrigada.

### 3.1 Sobre a Feira Empoderaí e as edições realizadas

No capítulo que aqui se apresenta exploramos como se sucedeu o trabalho das mulheres que criaram a Feira Empoderaí e a atuação das feirantes, e para isso, o uso da tecnologia *podcast* é de sua importância, pois podemos ouvir suas narrativas em plataforma pública por meio de *podcast* no *Spotify*<sup>23</sup>. Discorreremos também acerca da dinâmica entre a História Pública e os *podcasts* ao longo de todo capítulo três, destacando como esta mídia digital moderna contribui para tornar a história mais acessível e atraente, na divulgação de conhecimento histórico. Investigamos a aplicação de *podcasts* na narrativa histórica, analisando exemplos existentes para compreender suas vantagens, desafios e o impacto potencial na disseminação da história. Aprofundamos no uso específico dos *podcasts* para documentar e preservar as histórias e contribuições das mulheres feirantes na cultura e história

---

<sup>23</sup> O *Spotify* é um serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo.

local, especialmente na percepção de como as questões de gênero impactam sobre o trabalho dessas mulheres na feira. Além disso, enfatizamos como esses registros podem capturar narrativas orais e tradições culturais, enriquecendo assim a história comunitária e social. Por fim, abordamos as metodologias e estratégias para a criação de *podcasts* históricos, incluindo a coleta e curadoria de histórias orais, a importância da pesquisa histórica rigorosa e as considerações éticas no registro de histórias pessoais e comunitárias.

A análise da participação das mulheres na feira Empoderaí em Paranavaí oferece uma possibilidade de estudo de caso sobre empoderamento feminino e ativismo comunitário. Este trabalho se propõe a explorar a dinâmica interna da feira, desde sua concepção até a interação entre as organizadoras e a comunidade.

A feira, denominada como "Feira Empoderaí", emergiu de um contexto de engajamento social e cultural, inicialmente inspirada por um evento de boas-vindas à calourada, organizado pelo curso de Serviço Social, da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí/PR, conforme narrativa em podcast da entrevistada Giovanna Godoy. Este evento contou com a participação de movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra), e desencadeou em algumas mulheres participantes a ideia de expandir a visibilidade do trabalho feminino para além dos espaços tradicionais. A interação inicial entre Giovanna e outras mulheres atuantes, como Marcela, artesã, e Kemy, artista visual e educadora, foi crucial para o desenvolvimento da feira.

A colaboração entre as mulheres não se limitou à organização do evento, mas estendeu-se à construção de uma plataforma de expressão e troca para artistas e artesãs. Este coletivo de mulheres, enriquecido pelas diversas trajetórias de vida e áreas de atuação das envolvidas, como Suzy Costa, designer de sobancelhas e artista, evidencia a multidimensionalidade do projeto. A diversidade de *backgrounds* e a unidade de propósitos entre as organizadoras reforçam a feira como um espaço de fortalecimento feminino e resistência cultural. Vale lembrar que como pesquisadora entrevistadora, o encontro com a feira, organizadoras e as feirantes se deu a partir da segunda edição.

O *podcast* PodEmpoderaí<sup>24</sup>, surge no contexto da presente pesquisa como uma ferramenta de visibilidade para as trajetórias e trabalhos da Feira Empoderaí e das mulheres que dela participam, além de se tornar ficar como um espaço permanente de divulgação social da feira, falar sobre as edições, os trabalhos feitos por mulheres feirantes, organizadoras da feira, artistas, etc.

A interação entre a pesquisadora e as mulheres entrevistadas – como fica evidente na

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1gcpjZSZHCn2pYR2Nzg12G>

entrevista transcrita - revela não apenas a história da feira, mas também as experiências pessoais e profissionais que moldaram suas visões de mundo. O formato do *podcast*, em essência, reflete o espírito colaborativo e inclusivo da feira, promovendo um intercâmbio de ideias e perspectivas. Além de compartilhar a origem e os objetivos da feira, o *podcast* serve como um meio para discutir os desafios e as conquistas enfrentadas pelas mulheres no contexto atual. A conversa abrange temas como o impacto do ativismo feminino na transformação social, a importância da arte e da cultura como ferramentas de empoderamento, e o papel dos espaços coletivos na promoção da solidariedade entre mulheres.

A pesquisadora é também partícipe da construção da feira, uma vez que atuou como palestrante, expôs seus trabalhos artísticos nas edições da feira, esteve junto com as mulheres organizadoras, feirantes, artistas, num processo coletivo de atuação na sociedade. E essa ação coletiva, colaborativa, se também se mantém durante a produção do *podcast* Pod Empoderá, em que Priscila, pesquisadora, não é apenas uma entrevistadora, e sim uma interlocutora, em diálogo com as mulheres entrevistadas, numa espécie de conversa, de trocas, de partilhas, na perspectiva de ouvir, falar, narrar suas memórias e trajetórias de vida, de trabalho, idealização e concretização da feira.

Em seu relato, Priscila, advogada, professora, artista, em conversa com as entrevistadas, também narra sobre sua jornada acadêmica e profissional, bem como sua participação na feira. Em sua experiência destaca a interseccionalidade entre a academia, o ativismo e a prática jurídica, evidenciando como diferentes esferas de atuação podem convergir para a promoção de transformações significativas na sociedade.

A narrativa de cada entrevistada, com suas experiências pessoais, nos aponta para uma experiência de traços semelhantes, nos mostrando como as dificuldades encontradas por mulheres ao longo de suas vidas, trajetórias e atuação profissional, assim como as lutas e conquistas se aproximam. Suas histórias se entrecruzam. As histórias compartilhadas refletem não apenas a diversidade de experiências das mulheres entrevistadas, mas também a unidade na busca por reconhecimento, autonomia e justiça social.

As narrativas construídas durante o *podcast* PodEmpoderá demonstra a capacidade de iniciativas como a Feira Empoderá em criar espaços de expressão e suporte mútuo. A discussão transcende a apresentação individual das participantes, revelando uma rede interconectada de mulheres que se apoiam e se inspiram mutuamente. Este aspecto sublinha a força do coletivo e o potencial do engajamento comunitário das mulheres.

Nesse sentido, compreendemos a participação das mulheres na feira, e a produção do *podcast* como plataformas importantes de visibilidade do trabalho das feirantes, de

empoderamento feminino na articulação de discursos contra-hegemônicos, na promoção da igualdade de gênero, e também na divulgação de conhecimento histórico para amplos públicos e/ou audiências.

A Feira Empoderaí e o *podcast* PodEmpoderá oferecem *insights* valiosos sobre as estratégias de resistência e empoderamento adotados por mulheres em contextos locais. A interação entre as organizadoras e a comunidade, mediada por práticas artísticas, culturais e de trabalho feminino, revela um panorama complexo de desafios e oportunidades. Ao explorarmos essas dimensões, contribuímos para o entendimento de como os movimentos de mulheres locais podem influenciar o tecido social e cultural de suas comunidades.

Por meio das narrativas expostas no *podcast* podemos constatar que a constituição da feira em Paranaíba, concebida por um coletivo de mulheres, reflete uma ação cultural e social significativa, cuja proposta se ancora no empoderamento feminino e na valorização do trabalho artístico e da autonomia das mulheres. Este evento, que nasceu da aspiração de expandir o alcance das obras e iniciativas de mulheres autônomas e artistas independentes, estabeleceu-se como um marco na reconfiguração dos espaços de expressão feminina. Tal empreitada não apenas buscou ampliar os horizontes profissionais e criativos das participantes, bem como promover o protagonismo das mulheres, desafiando os paradigmas tradicionais que confinam as expressões artísticas, a presença e participação de mulheres a âmbitos restritos.

Constatamos também que a motivação primordial para a criação da feira evidenciou um consenso entre as fundadoras sobre a necessidade de promover um espaço que fosse expressivamente feminino e que, ao mesmo tempo, servisse como plataforma para a manifestação da diversidade de talentos e perspectivas das mulheres envolvidas. O conceito de protagonismo feminino, deliberadamente alinhado desde o início, orientou as atividades e a organização do evento, enfatizando a importância de reconhecer e celebrar as contribuições das mulheres em várias esferas da vida social e cultural.

As entrevistadas relatam que a implementação da feira demandou uma abordagem colaborativa, na qual a união e a determinação coletiva das organizadoras foram fundamentais para o sucesso da iniciativa. A fase inicial de planejamento, marcada por reuniões e discussões conjuntas, permitiu estabelecer os alicerces organizacionais necessários e definir as estratégias de divulgação e engajamento. O uso eficaz das redes sociais como ferramentas principais de comunicação e promoção destacou-se como um método eficiente para alcançar o público-alvo, sejam mulheres e homens e fomentar uma participação ampla e diversificada.

Vamos percebendo ao longo das narrativas, que a contribuição das artistas

participantes, que trouxeram uma variedade de expressões artísticas e inovações para o evento, enriqueceu significativamente a feira. A incorporação de novas ideias e a homenagem às mulheres por meio das artes visuais evidenciaram a natureza dinâmica da feira, refletindo um processo contínuo de crescimento e inserção social. A colaboração entre as organizadoras e as mulheres feirantes fortaleceu a estrutura do evento, criando um ambiente de apoio mútuo e inspiração coletiva.

As experiências pessoais das participantes, particularmente aquelas relacionadas às inseguranças e aos desafios enfrentados, ressaltam a importância da feira como um espaço de validação e afirmação. A superação das dúvidas e a disposição para se expor em um ambiente coletivo ilustram a capacidade de transformação e empoderamento que a feira propicia. Esses relatos pessoais, além de destacarem a resiliência e a coragem das mulheres envolvidas, servem como fonte de inspiração para outras que possam estar hesitantes em expressar suas próprias vozes e expor seus trabalhos artísticos em espaços públicos, como as feiras.

A busca por parcerias e o esforço para manter a feira em funcionamento reflete um aspecto crucial da dinâmica organizacional do evento. A interação com instituições de ensino, como a Universidade Estadual do Paraná, principalmente com o NUMAPE (Núcleo Maria da Penha) e Fundação Cultural de Paranavaí, além da procura por apoio estrutural, evidenciam um esforço contínuo para assegurar a sustentabilidade e o desenvolvimento do projeto. Apesar dos desafios impostos pela burocracia e pelas limitações financeiras, o comprometimento das organizadoras em explorar alternativas viáveis demonstra uma adaptabilidade imprescindível para a viabilização da feira.

A expansão da feira ao longo das edições, marcada pela diversificação das atividades e pelo aumento do número de participantes, evidencia o impacto positivo do evento na comunidade local. A escolha de espaços públicos para a realização das edições, por exemplo, a Praça dos Pioneiros – na área central da cidade -, não somente ampliou o alcance da feira, bem como promoveu uma maior interação entre as mulheres expositoras e o público. Esta estratégia revelou-se eficaz para integrar a feira ao tecido social e cultural da cidade, fomentando um diálogo mais amplo sobre o trabalho feminino e a representatividade das mulheres nas artes.

A feira em Paranavaí emerge como um exemplo emblemático de como iniciativas lideradas por mulheres podem criar espaços significativos para a expressão feminina e o empoderamento. Através da colaboração, da criatividade e da determinação, as fundadoras e participantes da feira demonstraram que é possível construir coletivamente um ambiente que valoriza o trabalho das mulheres e suas contribuições para o desenvolvimento da economia e

da cultura do município e também inspira mudanças socioculturais na percepção e no reconhecimento da diversidade de atuação e talentos das mulheres.

Vale ressaltar, que inicialmente concebida por um grupo de mulheres determinadas a expandir o alcance de seus trabalhos artísticos, a feira transformou-se em um espaço inclusivo destinado a promover as atividades criativas de mulheres - em diversas expressões artísticas – e também a estimular os negócios autônomos. A proposta deste evento cultural e social – a Feira Empoderaí- reflete um movimento consciente contra a marginalização de vozes femininas no panorama artístico e de autonomia feminina, marcando um esforço coletivo para estabelecer um ambiente que acolhe e celebra a diversidade.

As narrativas das mulheres organizadoras da feira entrevistadas no *podcast* Pod Empoderaí, conforme já delineadas no início do terceiro capítulo, nos mostra que a união das fundadoras foi fundamental para a materialização da feira. Compreendendo que o sucesso da implementação e desenvolvimento da feira dependia de um esforço conjunto, elas se dedicaram a planejar e executar cada detalhe, o que demandou muito trabalho, articulação e busca de parcerias. A colaboração entre as participantes não apenas viabilizou a realização da feira em suas várias edições, assim como fomentou um senso de comunidade e apoio mútuo que transcenderam as expectativas iniciais. Mediante reuniões e debates, as organizadoras conseguiram estabelecer uma fundação sólida para a feira, superando coletivamente os desafios inerentes à organização de um evento dessa amplitude, conforme se depreende da fala delas:

Por que que a gente não expande o trabalho dessas mulheres para outros espaços? Daí fui conversando com elas, comecei com a Marcela, com a Kemmy, que foi meu braço direito, desde o princípio, sempre me ajudou a impulsionar a feira, né, a gente trocou uma ideia sobre o nome [...] e acabou que depois de muita troca, a gente conseguiu chegar no Feira Empoderaí (GIOVANA, organizadora da feira, 2023).

A participação ativa das mulheres artistas na feira evidencia um rico espectro da capacidade criativa e das perspectivas femininas diante de suas vivências no mundo. A inclusão de diversos trabalhos demonstra a variedade das expressões artísticas desenvolvidas por elas, e também possibilita a exposição num mesmo espaço público. A exposição pública também propiciou uma plataforma de visibilidade e reconhecimento para mulheres em diferentes estágios de suas carreiras criativas e profissionais. Essa diversidade de contribuições demonstra a importância de criar espaços que valorizem e celebrem as realizações femininas em um ambiente colaborativo e inspirador.

As edições especiais da feira, como as dedicadas a mulheres com destaque nacional na área das artes e da cultura, além das campanhas de conscientização promovidas no espaço da

feira, tais como o combate às violências de gênero, ampliaram o escopo do evento, integrando temas de importância social e cultural. Essas iniciativas refletem a disposição das organizadoras em utilizar a plataforma da feira para promover o diálogo e a reflexão sobre questões de gênero, feminismos, questões étnico-raciais, para elencar alguns temas, o que reafirma o compromisso do evento com a emancipação das mulheres, a coletividade, o ativismo, a ampliação de consciência histórica e a busca por igualdade de gênero.

O impacto da feira na comunidade e nas próprias participantes é imensurável. Ao oferecer um espaço para a expressão livre e a troca de experiências, a feira não apenas fortalece laços entre mulheres de diferentes origens e trajetórias, mas também gera transformações duradouras na vida de muitas envolvidas. As histórias compartilhadas durante o evento e a formação de novas amizades ilustram a potência de iniciativas coletivas que priorizam a inclusão, o respeito e a valorização das mulheres em todas as suas facetas.

A continuidade da feira, apesar das incertezas e das dificuldades encontradas, ressalta a importância de persistir na busca por um mundo onde o trabalho e a arte das mulheres sejam reconhecidos e celebrados. A decisão das organizadoras de manter o evento, adaptando-se às circunstâncias e explorando novos formatos, como o virtual, durante a pandemia do coronavírus, demonstra uma visão inovadora e um compromisso inabalável com os princípios fundadores da feira.

Ao ouvirmos as narrativas das entrevistadas sobre a trajetória da feira e seus desdobramentos, fica evidente que este evento constitui um marco importante na promoção do empoderamento feminino por meio do trabalho artístico feito por mulheres. A feira Empoderaí não é apenas um evento cultural, é um movimento que inspira, empodera e transforma, evidenciando o papel crucial das mulheres na redefinição dos paradigmas culturais e sociais, tensionando os preconceitos, as desigualdades de gênero e a presença nos espaços públicos. Ao celebrar a criatividade, a inovação e a solidariedade femininas, a feira estabelece um legado de inspiração e esperança para as futuras gerações, reafirmando a importância de espaços que honrem e amplifiquem as vozes das mulheres.

Os públicos visitantes da feira são muito variados, uma vez que o evento é aberto a toda a comunidade. Embora não tenhamos dados específicos do perfil específico do público, tendemos a acreditar, pela observação empírica da pesquisadora e também participante da feira, que a maioria seja de mulheres, quase sempre responsáveis pela economia doméstica, pela organização e cuidado com a casa e com a família, resquícios de uma sociedade com fortes raízes patriarcais. Todavia, os homens também frequentam a feira, observam, compram, conversam.

Nesse aspecto, as narrativas das entrevistadas ressaltam que a presença dos homens na feira é uma questão que se entrelaça com os objetivos iniciais do evento, ou seja, visibilizar socialmente o trabalho artístico das mulheres, suas criações, para públicos amplos, mostrando a atuação e suas contribuições para a comunidade local. Destacam ainda o quanto é importante que os homens sejam aliados das mulheres na luta contra as desigualdades de gênero, no enfrentamento as violências, e na busca por uma sociedade mais justa.

A integração de públicos variados – seja como protagonistas, seja como frequentadores(as) - não apenas enriquece a experiência coletiva oferecida pela feira, mas também serve como um veículo para o diálogo e a conscientização sobre questões de gênero, étnico-raciais, direitos das mulheres, feminismos e igualdade. O espaço aberto, inclusivo e acolhedor criado pela Feira Empoderaí permite que pessoas de diferentes classes, raça/etnia, geração, identidades de gênero, sexualidades, compartilhem suas histórias, trabalhos artísticos e perspectivas pessoais, fortalecendo o tecido social e promovendo trocas de ideias e experiências.

A feira transcende a sua função original de ser uma vitrine para o trabalho e a arte das mulheres, tornando-se um palco para a discussão de temas pertinentes que afetam a comunidade em geral, incluindo a problemática da violência de gênero, a importância dos direitos LGBTQIA+ e a necessidade de políticas inclusivas. Essa abordagem holística fortalece o impacto social do evento, tornando-o um importante ponto de referência para o ativismo comunitário e para o tensionamento das relações de poder.

A natureza não partidária da feira, juntamente com sua abertura para discutir questões de cunho político e social, reitera seu papel como um espaço seguro para o diálogo e a reflexão. A ênfase na defesa de direitos, sem aliar-se a partidos políticos específicos, permite que o evento mantenha seu foco na promoção da igualdade de gênero e na luta contra as formas de opressão, sem se perder em divisões político-partidárias.

As edições da feira dedicadas às temáticas de combate à violência contra as mulheres exemplificam a capacidade do evento de se engajar em questões sociais urgentes e de utilizar a arte e a cultura como ferramentas de conscientização e transformação. Esses momentos destacam o papel ativo das organizadoras e participantes na busca por justiça social e igualdade de gênero, demonstrando a relevância da feira além do seu contexto imediato.

A Feira Empoderaí emerge como um modelo inspirador para outras comunidades e movimentos que buscam promover a igualdade de gênero e a diversidade cultural. Ao refletir sobre suas práticas e estratégias, é possível vislumbrar caminhos para o fortalecimento de redes de apoio e para o desenvolvimento de projetos culturais que valorizem todas as formas

de identidade e expressão, contribuindo para a construção de um futuro mais inclusivo e equitativo.

No contexto da feira organizada em Paranavaí, a intersecção entre a arte, o trabalho feminino e a solidariedade coletiva emergiram como um poderoso veículo de transformação social e pessoal. As narrativas compartilhadas pelas entrevistadas, demonstra o quanto a atuação delas na feira tem contribuído para a promoção de seus trabalhos, mas também para a construção de uma rede de apoio que ultrapassa os limites temporais da feira. As falas de Suzy, por exemplo, ilustram como encontros inicialmente profissionais se estenderam para relações duradouras, destacando a feira como um espaço propício para o desenvolvimento de parcerias significativas que beneficiam a continuidade e o crescimento profissional das envolvidas.

A ênfase na união e no fortalecimento mútuo entre mulheres, conforme articulado pelas entrevistadas, que ressaltam a conscientização crescente entre elas, e a importância, de cada vez, desenvolver novas redes de solidariedade, de fortalecimento das mulheres, de empoderamento, de apoio mútuo. Esta perspectiva reforça a ideia de que a colaboração e o apoio recíproco são essenciais não apenas para a sobrevivência do movimento, mas também para o progresso individual e coletivo das mulheres em diversos campos de atuação. Tal reconhecimento impulsiona uma reflexão mais ampla sobre a necessidade de abordagens coletivas na luta por equidade e justiça social.

A complexidade na organização de um evento dessa amplitude, apontada pelas entrevistadas, revela as múltiplas camadas de trabalho invisível que sustentam a realização da feira. No entanto, a valorização da resistência e da reciprocidade, emergentes dessas interações, sublinha o impacto profundo e duradouro que tais iniciativas podem ter nas vidas das mulheres envolvidas.

No relato da pesquisadora Priscila, autora desta dissertação, observa-se uma inserção pessoal que não apenas contextualiza o evento dentro de um quadro mais amplo de empoderamento feminino, assim como demonstra o impacto tangível da feira em suas trajetórias individuais. A capacidade de retomar paixões adormecidas e reconectar-se com a própria essência artística destaca o potencial transformador da feira, tanto em nível pessoal quanto comunitário.

A menção à necessidade de mudanças nos discursos sobre o papel e as expectativas sociais em relação às mulheres, como apontado por Giovana, nos mostra a feira como um contraponto às normativas sociais restritivas. Essa busca por espaços onde as mulheres possam expressar livremente suas ambições e trabalhos artísticos sem estar confinadas a

papéis pré-estabelecidos é um elemento central na discussão sobre igualdade de gênero e emancipação feminina.

Na entrevista dada via *podcast*, a qual encontra-se publicada com acesso público na plataforma *Spotify*, vale lembrar que Giovanna Godoy Campos de Paula, disse em entrevista que a inspiração para a criação da feira surgiu durante um evento de recepção da calourada, no início do ano letivo de 2019, na época que cursava Serviço Social na UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí). Giovanna Godoy explicou que o evento contou com a participação de algumas artistas da cidade, dentre elas, Luana, que tem a marca Luana Velas; Kemmy Fukita Batista dos Santos, professora de arte, que tem a marca do No Filtro; Zaire que trabalha com a venda de óleos essenciais e a Marcela, que também é artesã e artista na cidade de Paranavaí, neste ponto, denoto a importância do uso dos espaços públicos, no caso foi o ambiente universitário, para que ações como esta continuem a servir de inspiração para outras práticas coletivas. As entrevistadas narram que a organização do evento sempre procurou divulgar a feira desde o início como em redes sociais, principalmente o *Instagram*<sup>25</sup>.

Giovanna Godoy conta na entrevista que buscou interagir com as artistas citadas durante o evento da UNESPAR e procurou entender um pouco mais do trabalho destas e por considerar interessante, propôs a ideia de levar o trabalho daquelas mulheres artistas a outros espaços, afirmando sempre que nunca esteve sozinha à frente da feira, sempre esteve acompanhada por outras mulheres, conforme pudemos ver em fala da entrevista transcrita.

A idealizadora Giovanna, lembra que o evento da UNESPAR se deu em março de 2019 e a primeira feira aconteceu já em abril de 2019, e menciona ainda que o primeiro intuito com o projeto da feira foi expandir o trabalho de empreendedorismo daquelas mulheres autônomas que conheceu e de tantas outras mulheres artistas independentes, presentes na cidade.

Durante a entrevista, Giovanna Godoy Campos de Paula enfatiza que não existia nada parecido com a Feira Empoderaí na cidade antes do projeto, e que acontecia na cidade um evento intitulado “Rolê das Manas”, mas que não tinha o formato de uma feira e que desde o início, a ideia sempre foi deixar evidente o protagonismo das mulheres. Importante notar que desde sua origem a feira já contava com artes de divulgação que eram feitas pelas próprias artistas que compunham a organização da feira, sendo uma delas a Kemmy Fukita Batista dos Santos.

A entrevista de *podcast* traz proximidade das entrevistadas com o público. Kemmy Fukita Batista dos Santos, artista visual, explicou que além do trabalho nos filtros de papel<sup>26</sup>,

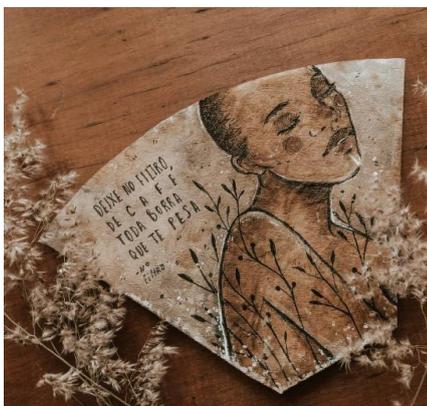
---

<sup>25</sup> O *Instagram* é um aplicativo gratuito de compartilhamento de imagens e vídeos.

<sup>26</sup> Trabalho no filtro de papel usado no processo de coar o pó de café, na arte de Kemmy Fukita, esta reaproveita os filtros de papel usados, bem como a borra do café que serve de pintura. Kemmy possui 10 (dez) mil seguidores no Instagram (@no.filtro), já vendeu sua arte para todo país e para fora dele já fez campanha junto à

participou realizando a fotografia das feiras e salientou que além das vendas do seu trabalho, o foco era a exposição do seu trabalho e tinha retorno de vendas após os eventos. Kemmy destaca que a Feira Empoderaí foi importante na divulgação do seu trabalho para comunidade de Paranaíba/PR, destacando que o público de fora já era consumidor da sua arte, uma vez que Kemmy sempre vendeu os filtros pela internet.

**Figura 06:** Foto de uma das artes produzidas pela artista visual Kemmy Fukita



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* No.filtro

Já a entrevistada Suzelaine Costa da Silva, a qual salientou que gosta de ser chamada de Suzy Costa, narra que participou a partir da segunda edição da feira recitando poesia e expositora.

As entrevistadas também salientam a importância do público masculino no consumo dos produtos da Feira, conforme narrativa de Giovanna em entrevista transcrita, relatam que nas edições da Feira a maior parte das feirantes eram da cidade de Paranaíba/PR, contudo, salientaram que as feiras também recebem mulheres da região, como Nova Esperança/PR e São João do Caiuá/PR, conforme narrou Suzy no início do capítulo.

Perguntadas sobre a feira atuar de forma independente, as entrevistadas salientaram que já fizeram edições com participação de órgãos públicos da área de saúde como o NUMAPE (Núcleo Maria da Penha), que faz atendimento de mulheres vítimas de violência, projeto da UNESPAR, Campus de Paranaíba, além da Fundação Cultural do município. As feirantes mencionaram ainda que a burocracia dos órgãos públicos dificulta por vezes as parcerias, neste sentido, vale lembrar que para realizar qualquer evento em espaço público como praças, é necessária autorização da prefeitura para que o evento ocorra, neste sentido, apesar da praça ser um espaço público, a autorização precisa ser realizada com antecedência ao evento, o que por vezes, não é fácil de se conseguir.

---

marca de café conhecida nacionalmente (Melita) e já participou do São Paulo Coffe Festival, evento patrocinado pela Nescafé.

Sobre os locais que aconteceram as edições da feira, a entrevistada Kemmy Fukita Batista dos Santos recorda que as primeiras edições da feira ocorreram na praça dos Pioneiros e a quarta e quinta edição aconteceram no espaço particular Garagem. Kemmy ainda relatou a crescente no número de participantes da primeira exposição, afirmando que a primeira tinha em torno de 13 (treze) expositoras, já a segunda edição ultrapassou um pouco mais de 30 (trinta) expositoras.

Indagadas sobre patrocínio, as entrevistadas relataram que sempre buscaram patrocínio para a feira, e que a frequência das feiras no início foi trimestral e depois passou a ser semestral e/ou anual, salientando que a feira teve uma pausa na pandemia e que nas feiras semestrais quando marcadas, foram sempre perto de datas como dia das mulheres e outubro rosa e contaram a importância das *Lives* no período de pandemia com temas informativos como violência doméstica e saúde da mulher.

Nesse sentido, sobre as *lives*, destaco os (as) autores (as) Valdecir Antônio Simão, Maria Luisa Furlan Costa, Taissa Vieira Lozano Burci, Dayane Horwat Imbriani de Oliveira e Flávio Rodrigues de Oliveira<sup>27</sup> afirmam que a pandemia foi um marco significativo que impactou a vida das pessoas, especialmente no contexto educacional, e, por isso, torna-se relevante analisar os desafios e oportunidades apresentados nesse cenário.

Destacamos, aqui, como possibilidades a comunicação irrestrita, de organização e mobilização, o fortalecimento da cibercultura. A gamificação aparece como uma estratégia pedagógica interessante para o processo de ensino-aprendizagem. A criação de comunidades de aprendizagem e implementação de soluções locais, diálogos e parcerias entre escolas, comunidades e outras instituições a partir do uso das tecnologias (p. 17, 2023).

Importante salientar que junto com a feira nas duas primeiras edições em 2019, as entrevistadas lembram que o coletivo LGBTQIAPN+ participou ativamente e nas edições seguintes a representante Rose Annie Macfergus do movimento paranaense, esteve presente, com exposição de falas.

As organizadoras frisaram em entrevista que nunca levantaram bandeira política no movimento, pois preferem respeitar as diferenças das participantes, salientando ser um movimento apartidário, no mais, contudo, percebe-se que existe propósito feminista para a feira, no mais, é interessante observar que as entrevistas enfatizaram a importância de ver a construção da pesquisa, pois mostra a importância da feira.

Para complementar, que em todas as edições presenciais das feiras, a organização

---

<sup>27</sup> Artigo publicado na Revista Contemporânea, ano 2023.

cobra uma taxa aproximada entre R\$ 10,00 (dez reais) a R\$ 20,00 (vinte reais) das feirantes ao longo dos anos, a fim de custear os gastos com aluguel de mesas, cadeiras e equipamentos de som.

Importante ressaltar que os nomes que virão a ser informados das participantes das feiras, aparecem conforme divulgados nas redes sociais da Feira Empoderaí, aparecendo por vezes nomes de pessoas físicas ou pessoas jurídicas, depende do nome que a feirante deu no momento da inscrição, no mais, o *Instagram*<sup>28</sup> da Feira Empoderaí é uma ferramenta fundamental como fonte para esta pesquisa, pois a organização do evento não exige documentação das feirantes e, conseqüentemente, não tivemos acesso a nenhum outro tipo de registro escrito sobre dados da feira, a não ser os registros no *Instagram*, para a construção desta pesquisa.

O levantamento de dados acerca da identificação das feirantes, realizado no *Instagram* da Feira Empoderaí, muitas vezes, aparece seja pelo nome artístico da expositora ou pelo nome de seus respectivos negócios. Neste sentido, enquanto pesquisadora e artista, me incluo neste rol de expositoras da feira, pois o nome usado para divulgação foi sempre Priscila Brito, contudo, meu nome completo é Priscila Alves de Brito.

Apesar de não ter acesso a outros tipos de documentação escrita sobre as feirantes, as fotos das que participaram em todas as edições, estão disponíveis desde a primeira edição da Feira Empoderaí na rede social *Instagram*, sendo uma comprovação fática dos fatos aqui narrados, servindo o *Instagram* como um acervo digital.

Por fim, é válido mencionar que quando se promove uma nova edição da feira, a organização do evento abre um período de inscrição, com divulgação na rede social do *Instagram*. As inscrições são feitas usando a ferramenta do *google formulário*, essencial para a organização saber o número de feirantes e ter ideia da dimensão do tamanho da feira, a fim de procurar o lugar mais adequado para realização do evento. No mais, após isto, a organização do evento cria um grupo no aplicativo de mensagens *Whatsapp* colocando todas as feirantes no grupo e utilizando-se dessa ferramenta digital, alinha com as feirantes toda organização de espaço e tiram as dúvidas que podem surgir, inclusive, incentivam criação de vínculo como rede de apoio.

### **3.1.1 Frida Khalo, a homenageada da primeira edição**

Sobre as feiras realizadas, conforme narrado na entrevista do *podcast*, a ideia é

---

<sup>28</sup> <https://www.instagram.com/feiraempoderai/>

homenagear mulheres em cada edição da feira. Na primeira edição, a homenageada foi a artista mexicana Frida Kahlo. O trabalho de Frida Kahlo como artista permaneceu relativamente desconhecido até finais dos anos 1970, quando o seu trabalho foi redescoberto por historiadores (as) de arte e ativistas políticos. No início dos anos 1990, ela tinha-se tornado não só uma figura reconhecida na história da arte, mas também considerada como um ícone para o Movimento Chicano, o movimento feminista e o movimento LGBTQIA+. O trabalho de Kahlo tem sido celebrado internacionalmente como emblemático das tradições nacionais mexicanas.

Historicamente, vale lembrar que Frida em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Mexicano e que foi uma causídica dos direitos das mulheres, tornando-se um símbolo do feminismo em algumas regiões, como no Brasil, por exemplo. Apreende-se que Frida Kahlo era politizada e utilizou-se de seu corpo como ferramenta para resistir, pintando sua realidade com as “cores” da deficiência e do feminismo (OLIVEIRA e FERREIRA, 2023), desde modo, considerando a história de Frida Kahlo, esta foi a primeira homenageada pela Feira Empoderaí.

A primeira edição aconteceu na Praça dos Pioneiros em Paranavaí/PR, localizada no centro da cidade, sendo um espaço aberto. A feira aconteceu no dia 20 de abril de 2019, entre 19h30 às 22h30 horas. A feira contou com a participação de 10 (dez) expositoras, uma banda e uma cantora.

Como uma dificuldade encontrada na pesquisa, vale salientar, que não foi possível precisar o perfil e nem a quantidade de público que compareceu às edições da Feira.

**Figura 07:** Folder da primeira edição da Feira Empoderaí



Fonte: Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

**Figura 08:** Folder com a lista de participantes da primeira edição da Feira Empoderaí



Fonte: Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí

**Figura 09:** Foto das participantes da primeira edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

### **3.1.2 Elis Regina, a homenageada da segunda edição**

A segunda edição da feira aconteceu na Praça dos Pioneiros em Paranaíba/PR, no dia 16/06/2019 (domingo), entre 14:30h e 18:30h, nesta edição a homenageada foi a cantora Elis Regina. A cantora foi uma das maiores cantoras e intérpretes do Brasil. Sua voz e presença política eram sua marca registrada.

Elis Regina foi uma cantora de grande sucesso nas décadas de 1960, 1970 e início dos anos 1980. Vivendo em um período marcado pelo regime militar brasileiro, a artista e cidadã não se furtou a participar dos debates estéticos e políticos de seu tempo. Na década de 1970, especialmente na sua segunda metade, Elis se consagrou como artista engajada e, por isso, seu nome se ligou às lutas pela anistia e pela redemocratização do Brasil. Dona de uma rica trajetória no âmbito da MPB, ela, a exemplo de outros colegas seus, foi vigiada pelos órgãos oficiais do governo militar, assim como sofreu a “patrulha” da esquerda. Nesse contexto, Elis Regina teve uma carreira atravessada pelas relações com a política, tornando-se uma representante da resistência civil à ditadura militar brasileira (LUNARDI, 2014).

Vale frisar que com a apresentação de música local, também foi possível ouvir *cover* da cantora Elis Regina.

**Figura 10:** Folder da segunda edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí

Na segunda edição contou com dezessete expositoras:

- 1) Aline Cristina – artesanatos
- 2) Bárbara Caldeira – Brechó Universo
- 3) Caroline Galvão – Projetos de festas
- 4) Cenira Fábria e Raquel Nascimento – marca Linda de Bonita (artesanato)
- 5) Cristiani Salvino – moda pet e artesanato
- 6) Fátima Izaura – marca Nectar Natural (panificação caseira)
- 7) Gabriela Zari – Artes digitais e ilustrações com tinta acrílica
- 8) Keryeiny Gardin – loja de roupas e fabricação própria
- 9) Larissa Carvalho – estética
- 10) Luzinete – Jóias com materiais recicláveis
- 11) Luana – Velas artesanais
- 12) Marcella e Jheniffer – sex shop
- 13) Priscila Marquis – marca Pacha Mama (produtos cosméticos)
- 14) Priscila Alves de Brito – pintura em tela
- 15) Silvana Bocalon – laços e tiaras
- 16) Suzy Costa - declamação
- 17) Zaira Suk – alquimia aromaterapêutica

**Figura 11:** Foto do evento na segunda edição da Feira Empoderaí



Fonte: Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

### 3.1.3 Marielle Franco, a homenageada da terceira edição

A terceira edição da feira aconteceu na Praça do Pioneiros em Paranaíba/PR no dia 15 de setembro de 2019, com homenagem a Vereadora Marielle Franco. Em março de 2019, Marielle foi postumamente agraciada pelo Congresso Nacional do Brasil com o Diploma Bertha Lutz, concedidos a mulheres que tenham oferecido relevante contribuição na defesa dos direitos da mulher e questões do gênero no Brasil.

O período em que Marielle foi vereadora foi marcado por sua atuação corajosa e vibrante, mas a situação da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil se agravou muito quando comparada com 2016, quando foi eleita. Marielle foi executada, na noite do dia 14 de Março de 2018, com quatro tiros. As investigações até hoje não foram capazes de identificar quem matou ou quem mandou matá-la. Ao que tudo indica, Marielle foi executada como forma de silenciá-la e de parar sua luta, em defesa dos direitos dos moradores de favela, mulheres, negros e negras, LGBTs, ou seja, da classe trabalhadora tão explorada e violentada. Marielle foi homenageada por diversas escolas, universidades, prefeituras, coletivos culturais (ROCHA, 2018).

Nessa edição, a Feira Empoderaí foi noticiada em site com grande circulação na cidade<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://paranavai.portaldacidade.com/noticias/cidade/neste-domingo-15-acontece-a-3a-edicao-da-feira-empoderaei-em-paranavai-3045> . Acesso em 15.01.2024.

**Figura 12:** Folder da terceira edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí

**Figura 13:** Foto da expositora Priscila Alves de Brito na segunda edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Estiveram presentes e expuseram na feira vinte e seis expositoras:

- 1) Francieli Oliveira – gastronomia
- 2) Kelly Mais – gastronomia
- 3) Alessandra e Evelyne – marca Natur.eba
- 4) Maisla Souza – gastronomia
- 5) Talita Carla – gastronomia
- 6) Zenilda Silva – artesanato



Para ver a reportagem, aponte a câmera do celular para o QrCode.

- 7) Artes de Don'Ana – artesanato com crochê
- 8) Raquel Manica – artesanato
- 9) Regina Aparecida – bonecas de pano
- 10) Luzinete – bijuterias
- 11) Simara e Cláudia – artesanato
- 12) Zara Laços – artesanato
- 13) Dilma – artesanato
- 14) Bárbara Caldeira – Brechó Universo
- 15) Bruna Giovanelli – marca Suculovers
- 16) Marli Castilho – artesanato
- 17) Giulia Cordeiro – Tarô
- 18) Marcella e Jheniffer – sex shop
- 19) Zaira Suk – terapia com aromas
- 20) Silvana Sakada – suculentas
- 21) Isabella Verissimo e Gabriela Andrade – arte com ponto cruz
- 22) Nayara Felizardo – artesanato
- 23) Priscila Brito – pinturas em tela
- 24) Nayara Clemente – pinturas em tela
- 25) Geovana Sanches – sex shop
- 26) Kemmy Fukita Batista dos Santos– marca No Filtro

Como experiência pessoal a ser relatada pela pesquisadora dessa dissertação, têm-se que com a exposição na praça foi possível não só vender telas, como também, encomendas futuras saíram posteriormente em razão desse contato do público com a feira, sendo uma das encomendas, realizadas pelo Chefe do Núcleo de Educação da cidade de Paranaíba/PR que ao passar na praça e ver os trabalhos, comprou duas telas. E mais que isso, para além das vendas, a participação no evento fortaleceu laços de amizade, deu visibilidade ao trabalho feminino, inseriu a pesquisadora em ambiente coletivo que lhe trouxe acolhida, além de ser espaço que pode dialogar com o público e trazer contato também de um trabalho artístico de pintura de óleo sobre tela a todos os públicos que passavam na praça, que por vezes não tem contato com esse tipo de trabalho artístico em seu dia a dia, sendo o público variado na praça entre mulheres, jovens, adultos, pessoas idosas e crianças.

Neste sentido, Tatiana Pires dos Santos, afirma que:

Embora não seja possível afirmar que exista a intencionalidade de democratizar o espaço urbano a partir das atuações dos artistas, é notável a consciência dos artistas sobre o espaço que ocupam e sobre a possibilidade de democratizar o acesso à arte, esta sendo inclusive uma das principais motivações por trás das atuações de alguns artistas entrevistados. Alguns artistas mencionam especificamente a “democratização da arte” a “democratização do espaço público” e “democratização da sociedade” (músico celista, 2022, anexo V), o que demonstra a intencionalidade do artista na democratização do espaço público através de sua atuação enquanto artista de rua, este artista é o mesmo que citou a diversidade existente na avenida Paulista como uma das suas principais motivações para escolha do local de apresentação. Além deste artista, também há outro que menciona especificamente a

ocupação da rua como um “movimento de ocupação inclusivo, livre e gratuito” (palhaço malabarista, 2022, anexo IV), neste caso a democratização seria para os próprios artistas, uma vez que o artista menciona a ocupação dos espaços pelos artistas, mas ainda assim, sua fala está relacionada à democratização dos espaços públicos. Apesar da cantora e violonista não mencionar especificamente consciência e intenção em direção à democratização das ruas, ela cita “levar a arte para todos” e ainda “ocupar o espaço que é de todos”, frases diretamente relacionadas ao sentido da democratização, partindo do princípio que o sentido de democratizar é fazer da sociedade um lugar onde todos participam igualmente (FERNANDES, 2022, p. 43).

Deste modo, como pesquisadora e artista, afirmo que a minha participação nas edições da feira entendo também é importante no sentido de democratizar o acesso a arte ao espaço público, isso porque a exposição ocorreu sempre sem a cobrança de entrada na Feira Empoderaí, permitindo o acesso do público à arte sem que tenham que pagar por isso.

**Figura 14:** Foto da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

### **3.1.4 Edição Especial: 21 Dias de ativismo sobre a não violência contra a mulher - quarta edição**

A quarta edição da Feira Empoderaí, feira independente organizada por mulheres e com participação apenas de mulheres como expositoras, aconteceu no local privado chamado Estúdio Garagem em Paranaíba/PR. Apesar de não haver narrativa no *podcast* sobre a mudança de local, a pesquisadora e também expositora no evento, sabe que a mudança de local se deu, em razão da organização não conseguir a liberação pela prefeitura para que o evento pudesse ter ocorrido na Praça dos Pioneiros.

O evento ocorreu no dia 08/12/2020 entre 16:00 h e 21:00 h e marcou o último dia dos 21 (vinte e um) dias de ativismo sobre a não violência contra a mulher, tendo como homenageada a Maria da Penha.

Sobre a história de Maria da Penha Maia Fernandes, trata-se de uma mulher biofarmacêutica cearense que sofreu duas tentativas de assassinato por seu marido. A primeira tentativa de assassinato ocorreu em 1983 da qual Maria foi vítima de um tiro nas costas enquanto dormia. Desta saiu paraplégica. A segunda tentativa aconteceu meses depois quando Antônio Viveros, seu marido, a empurrou da cadeira de rodas e tentou eletrocutá-la no chuveiro. As investigações iniciaram em junho do ano de 1983, porém a denúncia somente foi apresentada ao Ministério Público Estadual em Setembro e o julgamento só ocorreu 8(oito)anos depois. Em 1991 os advogados do réu conseguiram anular o julgamento, porém em 1996 ele foi julgado culpado e condenado a 10 (dez) anos de prisão, mas conseguiu recorrer. Após anos de luta e pressões, a justiça brasileira ainda não havia dado decisão ao caso, nem justificativa pela demora. Com a ajuda de ONGs, Maria da Penha conseguiu enviar o seu caso para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA), que, pela primeira vez, acatou uma denúncia de violência doméstica (MORAES, GOMES e ALVES, 2021).

É importante lembrar que a falta de creches e de políticas adequadas para a conciliação entre a rotina de trabalho e o cuidado com filhos (as) pequenos (as) penaliza as mulheres, muito mais do que os homens, em sociedades nas quais a divisão dos papéis permanece atada a compreensões convencionais do feminino e do masculino.

As mulheres continuam a ter a responsabilidade exclusiva ou principal na criação dos filhos e no trabalho em casa. Além disso, a violência doméstica e sexual se mantém em patamares significativos, a despeito dos avanços na legislação e da maior efetividade na punição aos agressores – mulheres continuam sendo mortas por serem mulheres, em sua maioria por companheiros ou ex-companheiros, chegando a aproximadamente 5 mil mortes por ano no Brasil, considerado o período entre 2001 e 2011. Embora essas dimensões da realidade tenham enorme impacto nas oportunidades dos indivíduos e mesmo na vida que imaginam e buscam para si, sobretudo nas camadas mais pobres da população, não são temas que estejam recebendo a atenção da ampla maioria das abordagens na teoria política. A esfera privada e, sobretudo, o âmbito das relações familiares, afetivas e domésticas, não existem ou não são construídos como variável política relevante para a maior parte das correntes e dos estudos (MIGUEL; BIROLI; 2014, p.11)

No mais, a fim de compor a presente pesquisa e a importância de debate sobre a temática envolvendo violência contra mulher, o Monitor de Femicídios no Brasil detectou 1.706 casos de feminicídios consumados no país durante o ano de 2023. Isso resulta na média

diária de 4,66 feminicídios<sup>30</sup>.

**Figura 15:** Folder da quarta edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Nesse evento, além de participar como expositora, também a pesquisadora doou uma arte para sorteio, sendo uma pintura em tela, no intuito de colaborar na divulgação da feira para que mais mulheres possam vir a participar e homens possam vir conhecer e consumir o trabalho dessas mulheres. A feira exerce um belo trabalho no tocante à disseminação de informações sobre empoderamento feminino e incentiva a independência e autonomia do trabalho realizado pelas mulheres.

A arte doada consistia em uma tela emoldurada, pintada com tinta à óleo, medindo 40 x 60 cm, com o título da obra “Plena”. A intenção de dispor desta tela, foi trazer a imagem de uma mulher negra, livre e empoderada, pois apesar do evento ter como temática a Maria da Penha, o discurso de empoderamento feminino esteve presente durante todo o evento, e empoderar também é uma forma de liberdade.

<sup>30</sup> Informe (livro eletrônico): feminicídios no Brasil 2023 : monitor de feminicídios no Brasil / coordenação Silvana Mariano. Londrina, PR : Ed. dos Autores, 2024.ISBN 978-65.00.95543-9.

**Figura 16:** Tela doada para sorteio na Feira Empoderaf



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da pintora Priscila Brito.

O sorteio da tela ocorreu pela página do *Instagram* da Feira Empoderaf e realização da entrega aconteceu no mesmo dia e local da feira.

Participaram do evento vinte e oito exposições:

- 1) Lespoc – música
- 2) Rúbia Divino – cantora
- 3) Signo do Ódio – banda de Stret Punk
- 4) Rose e Suzelaine Costa da Silva Costa – declamações
- 5) Bruna Giovanelli – marca suclover
- 6) Isabella Veríssimo e Gabriela Andrade – bordado
- 7) Marcella e Jheniffer – sex shop
- 8) Marli Castilho – artesanato
- 9) Silvana Sakada – artesanato
- 10) Vitória Trentino – gastronomia
- 11) Priscila Brito – Pintura em tela
- 12) Luísa Munhoz – ilustrações e artesanato
- 13) Thati Santana – Decoração e papelaria
- 14) Giulia Cordeiro – Tarô
- 15) Dilma – artesanato
- 16) Elza Cubas – gastronomia
- 17) Kemmy Fukita Batista dos Santos – marca No Filtro
- 18) Ana Pola e Marcela Oliveira – exposição

<sup>31</sup> Para acessar o instagram @pinturas.priscilabrito, aponte a câmera do celular para o QrCorde.



- 19) Iraci de Oliveira Moraes – Vestuário
- 20) Ilma - Gastronomia
- 21) Sophia S. Alves – declamação
- 22) Lua e Japa – marca garagem das Kardashians
- 23) Luciana e Petra – raspinha
- 24) Suzelaine Costa da Silva Costa – Sobrancelhas
- 25) Fernanda OLiveira – Ecobag
- 26) Francieli OLiveira – gastronomia
- 27) Talita Carla – gastronomia
- 28) Pam OLiveira – Tarô

Doação de produtos e patrocínio:

- a) Marca Encanto
- b) Suzelaine Costa da Silva Costa – design de sobrancelhas
- c) Naturalize
- d) Velas Luana
- e) Vanessa Ono – estética e beleza
- f) Priscila Brito – pintura em tela

**Figura 17:** Foto da Feira Empoderaí, expositora Priscila Brito



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

### 3.1.5 Magó, a homenageada da quinta edição

A feira ocorreu em 08 de março do ano de 2020 no espaço privado Estúdio Garagem na cidade de Paranavaí/PR, com início do evento às 16 horas. No evento, a mulher homenageada foi a bailarina Magó e teve um ato de repúdio ao feminicídio da bailarina.

Magó foi assassinada no dia 26 e janeiro de 2020 em uma cachoeira de Mandaguari/PR, cidade que fica a 112 Km de Paranavaí/PR. Flávio Campana, foi preso 40

dias depois, acusado de ser o autor do crime de repercussão nacional, mas ainda não tem data para ir a julgamento. Em novembro de 2023 o Tribunal de Justiça do Paraná negou um recurso apresentado pela defesa que pedia que ele não fosse a júri popular. O julgamento do caso ainda não tem data para acontecer<sup>32</sup>.

**Figura 18:** Folder da quinta edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Participaram do evento como patrocinadoras:

- a) Je Suis Douce – gastronomia
- b) Carol Bilthauer
- c) Bruna Piccinin Odontologia
- d) Doutora Bioestética
- e) Fênix Assessoria
- f) Gastro Foods

Participaram dessa edição doze expositoras:

- 1) Silvana – artesanato
- 2) Analia Alicia – vestuário
- 3) Zuca Paula – artista
- 4) Dilma – artesanato
- 5) Dany – gastronomia
- 6) Rayssa Irioda – design sobancelha
- 7) Priscila Souza – artista
- 8) Franciele OLiveira – gastronomia

<sup>32</sup> <https://www.cbnmaringa.com.br/noticia/ato-marca-quatro-anos-do-assassinato-da-bailarina-mago>

- 9) Suzelaine Costa da Silva Costa – design de sobrancelhas e declamação
- 10) Amélias – banda
- 11) Lespoc – banda musical
- 12) Dona Diva – música

**Figura 19:** Foto da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

### 3.1.6 – Das *Lives* sobre violência doméstica contra as mulheres

No ano de 2020, houve o isolamento social em razão da pandemia provocada pela Covid-19, neste período, a Feira Empoderaí abriu espaço no seu *Instagram* para realização de *Lives*<sup>33</sup>, as *Lives* ocorriam em dia e hora previamente programados sobre um determinado assunto do qual uma das mulheres que tenham exposto trabalho na feira, era especialista e a intermediação ficava por conta de uma das mulheres que compunham a organização da feira.

Como a pesquisadora dessa dissertação também trabalha como advogada e umas das linhas de atuação é relacionada aos direitos das mulheres e violência doméstica, esta foi convidada pela organização da Feira Empoderaí para fazer duas *Lives*, a fim de contribuir com conhecimento e informação qualificada às mulheres que estão em situação de vulnerabilidade.

A *live* foi realizada por meio da plataforma *Instagram*, via rede social da Feira Empoderaí e durou por cerca de duas horas, e aconteceu no dia 09/10/2020 com o tema “Bate-papo sobre o direito das mulheres e a Lei Maria da Penha” e a segunda *Live* também feita pela

<sup>33</sup> *Live* em português significa, no contexto digital, “ao vivo”. Na linguagem da Internet, a expressão passou a caracterizar as transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais.

pesquisadora, que atua como advogada, ocorreu em 11 de dezembro de 2020 com a temática “A Lei Maria da Penha sua aplicação prática e temas atuais”<sup>34</sup>.

Vale lembrar que a história da participação de mulheres na vida pública e das relações de gênero na vida privada tem sido a história do desenvolvimento de relações de poder, hierárquicas e discriminatórias, pautadas pela divisão social por sexo, raça e classe, entre tantos outros marcadores transformados, muitas vezes, em estigmas para desqualificar e silenciar. Durante muitos anos de nossa história, questões relacionadas às mulheres foram ignoradas ou tratadas como secundárias nos registros e no debate público, diante de ações masculinas, consideradas épicas e heroicas, mesmo quando relacionadas a movimentos coletivos de resistência (ROVAI; MONTEIRO, 2020).

Os dados mais sistematizados e a devida reflexão sobre a desigualdade de oportunidades na educação e no mercado de trabalho, assim como sobre as múltiplas formas de violência contra as mulheres, ainda são muito recentes no Brasil, frutos de lutas dos movimentos feministas, em constante confronto com grupos conservadores que insistem em restringir suas conquistas. Nos governos Temer (2016-2018) e Bolsonaro (2019-2022), assistimos medidas de extinção de importantes órgãos de fomento e de implementação de políticas públicas para as mulheres, na contramão das pautas feministas. Na educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) teve excluídos os termos gênero e sexualidade, demonstrando o posicionamento reacionário de um discurso político que se apresenta como neutro, mas que pretende calar e evitar debates que questionem as estruturas de dominação de gênero (ROVAI; MONTEIRO, 2020).

No Brasil, os índices levantados pelo Sistema de Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (BRASIL, 2019) apontaram que de janeiro a julho de 2019 o Programa Ligue 80 registrou 46.510 denúncias de violência contra a mulher, entre elas ameaças (1.844), cárcere privado (1.243), feminicídio (36), tentativa de feminicídio (2.688), tráfico de mulheres (16), violência doméstica e familiar (35.769), violência física (1.1050), moral (1.921), obstétrica (116), sexual (1.109) e virtual (180). Quanto às mulheres transexuais, é preciso lembrar, ainda, da enorme violência praticada contra elas, cotidianamente, e enfatizar que as negras são as mais atingidas entre heteros e LGBTQIA+. Segundo o mapeamento realizado, sobre o ano de 2019, pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o índice de violações aos Direitos Humanos de pessoas trans, no Brasil, foi considerado o maior do mundo (MONTEIRO; ROVAI, 2020, p.212).

---

<sup>34</sup> Para assistir a *live*, aponte o celular para o QRCode.

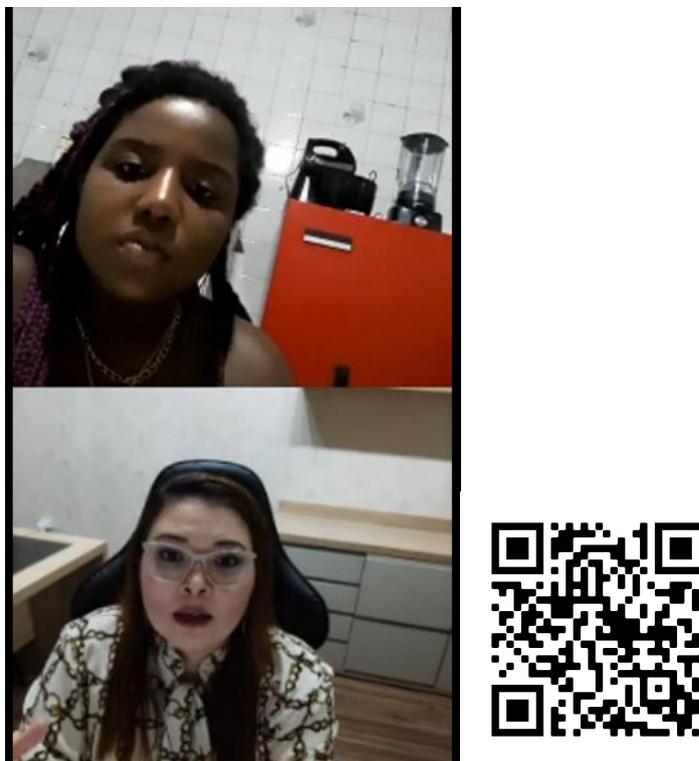


**Figura 20:** Folder da Live



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

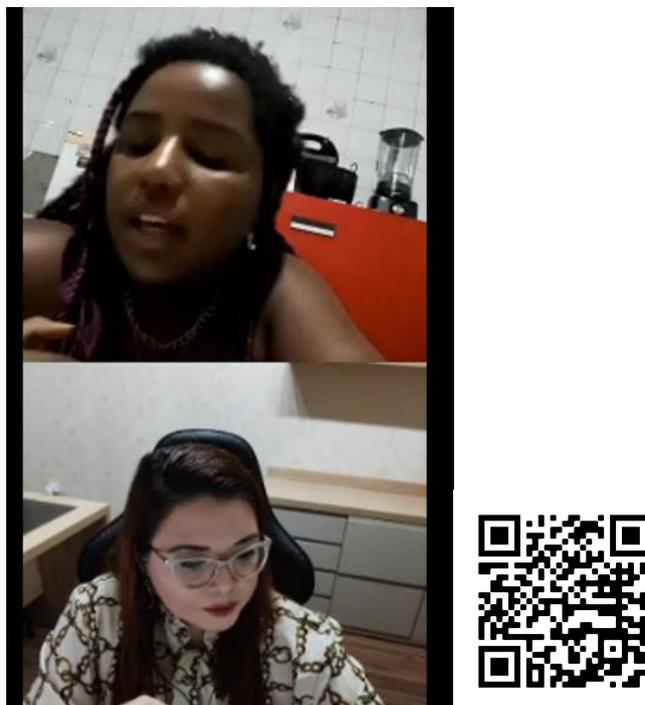
**Figura 21:** Print da Live no *instagram* da feira



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGJGk5KoG-v/>

**Figura 22:** Print da Live no *instagram* da feira



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

**Figura 23:** Folder sobre a Live dentro dos 21 dias de ativismo



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Tiveram diversas *Lives* no ano de 2020 pelo *Instagram* da Feira Empoderaí, sendo que no dia 02/10/2020 foi realizada a *live* de bate-papo sobre gastronomia vegana com Fran<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Aponte para o QrCode abaixo e assista a *live*.

No dia 16/10/2020 sobre recuperação de sobrancelhas e feminismo no dia a dia com Suzelaine Costa da Silva Costa<sup>37</sup>. No dia 23/10/2020 sobre os desafios de começar o próprio negócio com Raysa Sorana<sup>38</sup> e dia 30/10/2020 aconteceu o bate-papo sobre box *braids* e a mulher preta na sociedade<sup>39</sup>.

Em 2021 as *Lives* continuaram. No dia 11/02/2021 às 20h00 houve o bate-papo sobre *design* de sobrancelhas com Cristina Ribeiro<sup>40</sup>. No dia 04/03/2021 às 19h00 *Live* sobre o trabalho da feirante Carol<sup>41</sup> sobre toucas de cetim. A *Live* acontecida em 10/11/2021 às 20h00 sobre ações conjuntas entre coletivos com Rose MacFergus<sup>42</sup>, ativista no movimento LGBTQIAPN+ de Paranavaí/PR. Em 20/11/2021 as feirantes se reuniram na Praça dos Pioneiros em Paranavaí/PR para uma roda de conversa sobre saúde mental das mulheres no período pandêmico.



<sup>37</sup> Para assistir a *live* com Suzy Costa, aponte a câmera do celular para o Qr Code



<sup>38</sup> *Live* com Raysa Sorana, aponte para o QrCode com o celular.



<sup>39</sup> Assista a *live* apontando para o QrCode.



<sup>40</sup> Para assistir o bate-papo, aponte para o QrCode abaixo.



<sup>41</sup> Assista a *live* apontando o celular para o QrCode.



<sup>42</sup> *Live* com Rose MacFergus.



Observa-se que durante todo o período de pandemia entre os anos de 2020 e 2021, a feira sempre esteve ativa nas redes sociais, não apenas com as *Lives*, mas sempre com postagens de empoderamento, alertas, servindo de apoio para muitas mulheres, rede de suporte e inclusive com sorteios realizados via *instagram* de produtos doados pelas feirantes que sempre participaram da feira.

As ações propagadas via redes sociais/internet é um modo de interação com os públicos. Esses dispositivos tecnológicos como aplicativos e redes sociais são ferramentas importantes de diálogo com os públicos, para os públicos. Os usos de tais tecnologias e o êxito com a interação com os públicos dão base também na importância da criação de mídia via *podcast* para divulgação do trabalho das mulheres presentes na Feira Empoderaí.

Assim, reconhecimentos que o gênero *podcast* surge da “transmutação” de outros gêneros digitais, que usa outras tecnologias, emprega novas linguagens, faz uso principalmente da Internet como suporte, possui outros propósitos comunicativos, demanda novas estratégias de produção e disseminação e precisa ser compreendido sistematicamente para sua melhor apropriação (UCHÔA, apud MOREIRA; MATOS, PESSOA, 2024).

### **3.1.7 Homenageada da sexta edição, Elza Soares**

Na sexta edição da feira, a homenageada foi Elza Soares. Elza Soares da Conceição (1930-2022) foi uma cantora e compositora brasileira. Famosa pela voz rouca, foi um dos maiores nomes da música popular brasileira (MPB). Elza recebeu no ano 2000, em Londres, o título de "A Melhor Cantora do Universo" dado pela emissora BBC, a cantora foi um dos maiores nomes da música popular brasileira e faleceu em 2022, no dia 20 de janeiro, aos 91 anos.

As músicas por ela gravadas e interpretadas podem nos auxiliar nas análises das construções das representações do feminino nos séculos XX e XXI, sobretudo, no que se refere à vida das mulheres negras no Brasil. Sua biografia também elucida esse debate, ao observarmos como ela negociou, reagiu às normas sociais, investiu em práticas de resistência e de criação de si, inventando modos de se posicionar como mulher e artista negra na sociedade brasileira (VIDEIRA, 2018). Elza Soares foi uma importante representatividade negra e não poderia deixar de ser homenageada pela Feira Empoderaí no ano do seu falecimento.

A edição aconteceu em 13/03/2022 na Casa da Cultura de Paranavaí/PR entre 15h00 e 20h00. O evento iria se realizar na Praça dos Pioneiros, contudo, em razão das fortes

chuvas, se mudou para a Casa da Cultura.

**Figura 24:** Folder da sexta edição da Feira Empoderaí



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Participaram do evento dezesseis expositoras:

- 1) Bacchus – bijuterias
- 2) Chocolovi – gastronomia
- 3) No filtro – arte visual
- 4) Rayssa Sorana – cabeleireira
- 5) Mari Mar – acessórios com identidade afro
- 6) Paçocas Tia Marli – gastronomia
- 7) Helen Artes – artes visuais
- 8) Pipocas da Elô – gastronomia
- 9) Priscila Brito – Artes Visuais
- 10) Beatriz Wolf Farias – culinária vegana
- 11) Do Terra – óleos essenciais
- 12) Gisele Mioranza – óleos essenciais
- 13) Rê Laços e Mimos – artesanato
- 14) Artmorphia – artes visuais
- 15) Lia Beck – Bolsas Artesanais
- 16) Dolomita Foundation – artesanato

### 3.1.8 Da sétima edição, homenageada Gal Costa

A sétima edição da feira ocorreu em 05/03/2023 no espaço privado Estúdio Garagem, homenageando a cantora Gal Costa, foi formada dentro do movimento Tropicalista e faleceu no final do ano de 2022, em 09 de novembro aos 77 anos.

Poucos intérpretes da música popular brasileira atuaram sistemática e enfaticamente contra o regime militar (1964-1985), através de seus projetos artísticos, como o fizeram Gal Costa e Elis Regina. A partir de motivações e contextos distintos, ambas vincularam fortemente suas imagens à resistência contra a repressão, através de discos, espetáculos e entrevistas que demarcavam um posicionamento político evidente. A atribuição dessa “voz política” feminina, no entanto, não pertenceu a ambas simultaneamente. Enquanto Gal Costa foi considerada porta-bandeira da resistência ao regime em seu período inicial, particularmente nos anos que seguiram o Ato Institucional nº 5, o AI-5, outorgado em dezembro de 1968, Elis tomou as rédeas da oposição política à ditadura no campo musical brasileiro em dezembro de 1975 (CONTENTE, 2017).

**Figura 25:** Folder da sétima edição



**Fonte:** Rede Social – *Instagram* da Feira Empoderaí.

Participaram dessa feira dezoito empresas e feirantes:

- 1) Zaira Suk – plantas
- 2) Luísa Munhoz – arte
- 3) Priscila Brito – Pinturas em tela
- 4) Dayane Paiva – música

- 5) Camile Vitória – poesia
- 6) Grupo de Ritmos – dança
- 7) Suzelaine Costa da Silva Costa – declamação
- 8) Jaq Lima – Dj
- 9) Academia Bem Estar Feminina – patrocínio com sorteio de pacote mensal
- 10) Advocacia Priscila Brito – patrocínio
- 11) Gika - mandala
- 12) Rafaela Brasil – extensão de cílios (patrocínio)
- 13) Doutora Kennedy – patrocínio e sorteio de limpeza de pele
- 14) Ka Lima – perfuração de jóias
- 15) Yasmin Pego – sorteio de trança Nagô
- 16) Rayssa Sorana – Corte de cabelo
- 17) Chocolovi – gastronomia
- 18) Depil – clínica de estética

Por fim, no dia 14 de março de 2023 houve uma *Live* sobre higiene menstrual e uso de coletores, discos e absorventes de pano<sup>43</sup>, sendo a *Live*, o último evento até o momento, a *Live* foi com Thaís Tory da empresa Beleza Crítica.

### **3.2 Da criação do *podcast* PodEmpoderá**

A mídia escolhida para compor a presente pesquisa - o *podcast* - consta em recente trabalho publicado como sendo uma mídia com alto consumo entre ouvintes brasileiros (as) que buscam conteúdo de História.

---

<sup>43</sup> Para assistir a live, aponte a câmera do celular para o QRCode.



**Figura 26:** Tabela de preferência de conteúdo dos ouvintes brasileiros (as) de *podcast***TABELA 1.** Preferência de conteúdo dos ouvintes brasileiros de *podcast*

Dos assuntos abaixo, qual(is) você mais consome por meio de <i>podcast</i> ?		
Resposta	Nº	%
Humor e comédia	12.320	65,0%
Cinema, séries e TV	12.224	64,5%
Cultura Pop	11.891	62,7%
História	9.968	52,6%
Ciências	9.924	52,3%
Tecnologia	9.699	51,2%
Games	8.614	45,4%
Política	7.942	41,9%
Notícias	6.796	35,8%
HQ	5.928	31,3%
Literatura	4.556	24,0%
Línguas e idiomas	4.502	23,7%
Música	4.475	23,6%

Fonte: ABPod – Associação Brasileira de *podcast* (2019)

Fonte: CARDOSO, 2021

**Fonte:** Tabela retirada do artigo de MOREIRA, Raissa Gonçalves de Andrade; MATOS, Denilson Pereira de; PESSOA, Ercilene Azevedo Silva. O *podcast* como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais. *Matraga*, v. 31, n. 61, p. 55-74, jan./abr. 2024.

Na tentativa de descrição do *podcast*, afirma-se que sua configuração em arquivos de áudio e vídeo, disponível em dispositivos com acesso à internet e suas publicações, é feita por *podcasting*, por meio de um sistema que segue um padrão de feed RSS, permitindo que os (as) internautas possam subscrever determinado *post* de seu interesse e acompanhar automaticamente todas as suas recentes atualizações, considerando que os episódios ficam disponíveis sob demanda, ou seja, pode-se ouvir o que quiser, na hora que quiser e aonde quiser, o que facilita o acesso ao conteúdo. Dessa forma, o *podcast* não é apenas um suporte que serve para armazenamento de textos, mas se configura como um gênero, discursivo e digital. Essa classificação muito tem a ver com a sua definição; conforme ilustrado na Figura 26, ele possui uma taxonomia que diz respeito à sua estrutura composicional, como também aos elementos funcionais que contribuem para a sua formação enquanto gênero (MOREIRA, MATOS, PESSOA, 2024).

Para Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Rovai, a História Pública deveria ser vista como uma possibilidade de se ampliar e difundir o conhecimento histórico. Ao abordar o objeto de estudo dessa pesquisa, observou-se que a Feira Empoderaí se promove e se divulga

por meio de mídias sociais como *Instagram* e *Facebook*, todavia, as organizadoras não haviam criado ainda divulgação por meio de *podcast*. Deste modo, durante o desenvolvimento da pesquisa, propusemos uma ação colaborativa entre a pesquisadora e as organizadoras da feira, de criação de um *podcast*, e assim nasceu o *podcast* intitulado PodEmpoderá<sup>44</sup>.

A ideia da arte/logo foi produzida pela própria pesquisadora-artista, e nos inspiramos no nome da Feira – Empoderaí – para de um modo criativo criar o nome do *podcast* PodEmpoderá, sendo que a sílaba tônica no final da palavra Empoderá foneticamente dialoga com a palavra.

Até o momento foi produzido um episódio de apresentação e um episódio de entrevista que compõem o *podcast*, e como já salientamos essa é uma proposta contínua para a divulgação da atuação das mulheres na feira. É importante detalhar a produção do *podcast* desde seu início até torná-lo público. Um trabalho feito com e para o público. Um trabalho realizado na horizontalidade – entre pesquisadora e mulheres feirantes. Uma produção com as mulheres e para o público.

No momento de contato com as entrevistadas repassamos a elas que a produção do *podcast* tinha o propósito de ser disponibilizado para o público e ficaria público, mas não seria ao vivo e não capturaria vídeo, apenas o áudio, o que visivelmente as deixou mais confortáveis, pois como disseram, estavam cansadas após um dia de trabalho e o vídeo as intimidaria, mas estavam contentes em contar sobre o nascimento da Feira Empoderaí.

Importante lembrar que durante a gravação do *podcast* na mídia virtual (*Google Meet*), as entrevistadas se sentiram mais confortáveis em realizar a gravação de suas casas, pois embora em 2023 o mundo estivesse saindo de uma pandemia provocada pela Covid-19, as reuniões virtuais passaram a ser muito frequentes.

As entrevistadas também foram informadas de que a gravação passaria por um tratamento de áudio e edição, e de que o *podcast* gerado a partir das entrevistas se tratava de um produto de pesquisa produzido para a dissertação de mestrado. O propósito é que o *podcast* possa alcançar diferentes públicos por todo país, além de divulgar o trabalho das mulheres da Feira Empoderaí, pois no *podcast* existe *link* para que o(a) ouvinte seja direcionado(a) para as mídias sociais da feira como *Instagram* e *Facebook*, bem como, um meio de divulgação da história pública digital.

Com a possibilidade da tecnologia, foi utilizado o *Google Meet* - um aplicativo para realização de videoconferências - para a reunião virtual com as entrevistadas, uma vez

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://open.Spotify.com/show/4DWJJutb0jzqHaLXGALZMJ?si=15ef240ced884383>

que elas optaram por esse meio digital, pois sabiam utilizar a mídia. Para organizar a gravação do episódio do *Podcast* PodEmpoderá foi criado um grupo no *whatsapp* intitulado “*podcast* da feira” e nele inserimos os contatos das entrevistadas, e por esse canal foi acertado o dia e horário das entrevistas - gravação do *podcast* -, bem como disponibilizado o *link* da reunião virtual ocorrida no dia 21 de julho de 2023 às 20:00 horas. É importante ressaltar que a pesquisadora produziu um roteiro prévio para as entrevistas, e o mesmo foi enviado para as entrevistadas previamente e aprovado por elas.

Fizemos uma orientação prévia às entrevistadas para que durante a gravação usassem fone e permanecessem em ambiente sem ruído. As entrevistas aconteceram sem intercorrências, pois embora as três entrevistadas não tivessem participado de gravação de *podcast* anteriormente, elas já tinham realizado *Lives* durante o período de pandemia no *Instagram* da Feira Empoderaí, o que facilitou o contato com mídias nesse formato.

Para a captura de áudio da gravação das entrevistas utilizamos de um celular (*Motorola OneHyper*) por meio do aplicativo *Parrot*, o qual pode ser baixado via *Play Store* gratuitamente. No mais, o som que saía do computador foi armazenado no celular que estava perto do computador e estava gravando toda a reunião que saía do áudio do *notebook*.

Após a captura de som, o arquivo de áudio MP3 foi descarregado do celular para o computador. No computador, foi utilizado o software *Audacity* para edição do áudio, este pode ser baixado gratuitamente e já supriu a demanda da pesquisadora em outros *podcasts* que havia produzido, roteirizado, editado áudio, capa e nomeado, sendo eles o *podcast Sinceramente com Priscila Brito*<sup>45</sup>, *Aprendendo Direito*<sup>46</sup>, *Mulheres também Fazem História*<sup>47</sup> e *HistoPod*<sup>48</sup>.

---

<sup>45</sup> <https://open.spotify.com/show/3IFnPmR1VSgVnzYs0BetTm?si=e2f1ba5b53e24c83>



<sup>46</sup> <https://open.spotify.com/show/6jwRBANxwjgmUoNmIsHZll>



<sup>47</sup> <https://open.spotify.com/show/6ZgSP2IP1YMkeMyl4ShTgj>



<sup>48</sup> <https://open.spotify.com/episode/0xGcxCJKqeiTnT2EXI9Fjb>

Assim como nos *podcasts* citados, o PodEmpoderá também foi editado no software *Audacity* baixado no *notebook*, equipado com *windows 10*, processador *intel cor i5*. Tendo editado os áudios, limpado ruídos e dado os devidos cortes, houve extração dos áudios que foram armazenados em uma pasta e depois lançados na plataforma *Anchor*.<sup>49</sup> Essa plataforma é gratuita, e após criar uma conta de acesso, facilmente se cria o *podcast* e consequentemente seus episódios. A *Anchor* é uma plataforma que faz parte do *Spotify* e atualmente recebe o nome de *podcasters.Spotify*, e por ela é possível editar os episódios e colocar trilha sonora livre de direitos autorais.

A arte/logo da capa do *podcast* PodEmpoderá foi realizada na plataforma gratuita do *Canva*<sup>50</sup>, um site disponível na internet aonde se pode editar arte de capa em tamanho e formato já certos, livre de direitos autorais, bastando somente a criatividade de quem utiliza a ferramenta.

Após o processo de edição, o *podcast* PodEmpoderá foi disponibilizado ao público por meio da plataforma *Spotify*, e encontra-se no ar, podendo ser acessado de forma gratuita, tanto via computador e celular, bem como por meio de *download* via aplicativo para celular, sendo o mesmo de fácil acesso e compartilhamento.

Dada a facilidade e a gratuidade dos meios de produzir *podcast*, o PodEmpoderá se manterá no ar, para que nas próximas edições da Feira Empoderaí, antes do evento de realização, aconteceram entrevistas em grupo com as mulheres que irão participar ou já participaram da feira, para que elas relatem sobre sua arte de forma mais tranquila e pausada pois, os *podcasts* em mídia de áudio tem a característica de terem um tempo de duração mais longo, diferentemente de outras mídias como *Instagram* ou *TikTok* atualmente tão utilizadas e importantes para divulgação histórica, mas que são versões mais curtas de vídeos. Já os *podcasts* têm esta característica de um formato mais longo, para ouvir e conhecer as histórias ali contadas de forma mais despachada e com possível retorno a elas, já que ficam gravadas.

No primeiro episódio de entrevista com o título “Entrevista com Giovanna Godoy, Kemmy Fukita e Suzy Costa”, foi realizada uma entrevista com as três mulheres que integram a organização da Feira Empoderaí no qual elas relataram a motivação do nome da feira, que seria um trocadilho com o nome da cidade Paranaíba ou para soar como uma frase



<sup>49</sup> <https://www.anchor.fm/dashboard/analytics>

<sup>50</sup> <https://www.canva.com/>

imperativa “empodera aí”. As entrevistadas, como já mencionadas, são: Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva. Elas se identificaram com nome, profissão e formação escolar, e também relatam sobre o início da Feira Empoderaí, inspiração para o projeto, organização interna, público masculino, perfil das participantes da feira, periodicidade, trabalho com entes públicos, patrocínio, organização, *Lives* na pandemia dentre outros assuntos, conforme se vê no tópico 3.1 deste capítulo, que levam as pessoas ouvintes a conhecerem a feira e se sentirem convidadas a participar do evento. O episódio “Entrevista com Giovanna Godoy, Kemmy Fukita e Suzy Costa” do *podcast PodEmpoderá* traz, ainda, as experiências da pesquisadora a qual também participa da Feira Empoderaí desde a segunda edição como expositora de pinturas em tela.

Sobre a temática, em estudo ao texto da Georgiane Garabely Heil Vazquez no livro “Os Estudos de Gênero e seus percursos”<sup>51</sup>, a autora destaca que, após uma onda de ataques e ameaças a docentes e discentes do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia, motivados por estudos vinculados à divisão sexual do trabalho, após os fatos, a autora buscou escrever sobre estudos de gênero para um portal/site de internet em busca de ampla divulgação. Garabely problematiza não exatamente a História Pública como opção teórica ou metodológica, mas como uma forma de divulgação de conhecimento científico, motivada por ataques ao campo de estudos e pesquisas em gênero.

O texto de Vazquez (2020), salienta a importância de uma adaptação com a comunicação e com a linguagem quando se fala para o grande público, sendo preocupação constante nas narrativas apresentadas nos episódios do *podcast PodEmpoderá*.

Segundo Serge Noiret (2015)<sup>52</sup>, a História Pública digital possibilita a constituição de uma espécie de saber comunitário, engajado e em rede, caracterizando a *web* como uma via de disseminação histórica viva e pública, que gera entretenimento, ao contrário do saber limitado às discussões acadêmicas de historiadoras e historiadores. Nesse sentido, o *podcast* é uma mídia intimamente ligada à História Pública e traz esperança porque, ao invés de negativizar a sociedade, a historiadora e o historiador trabalham junto com a sociedade e para a sociedade, mostrando uma série de possibilidades do conhecimento histórico.

A experiência da pesquisadora na produção dos episódios do *podcast PodEmpoderá* trouxe a possibilidade de dialogar com as pessoas, com as mulheres feirantes, numa perspectiva horizontal, de construção de uma autoridade compartilhada, ultrapassando

<sup>51</sup> PRIORI, Claudia; PEREIRA, Márcio José (Orgs). **Os estudos de gênero e seus percursos: Intersecções possíveis com a História Pública**. Ed. Brazil Publishing. 2020. p. 240.

<sup>52</sup> NOIRET, Serge. História Pública digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, maio 2015.

barreiras não só geográficas, mas fortalecendo relações de coletividade entre mulheres que fazem arte.

Ademais, essa experiência em produzir conhecimento histórico com o público e para o público – via *podcast* - atravessa a vida da pesquisadora com produções anteriores, tais como no ano de 2020, em que houve a produção do *podcast* intitulado *Sinceramente com Priscila Brito*, criado com intuito de sanar dúvidas e falar sobre arte, e nele se tem uma entrevista com a artista Ângelo Resende, da cidade de Resende Costa/MG<sup>53</sup>.

A segunda experiência foi a produção do *podcast Aprendendo Direito*, criado com o intuito de ensinar alunos(as) do curso de Direito e Administração da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí, a produzirem *podcast* com conteúdo acadêmico e aprenderem com ele, na época em que a pesquisadora lecionava disciplinas no curso de Direito, e dentre elas a de Direito Digital, aonde ofertou um minicurso sobre edição de *podcast*.

A terceira experiência foi a criação do *podcast* intitulado *Mulheres fazem História*, produzido juntamente com uma mestranda do curso de História Pública como requisito principal para finalizar os créditos de uma disciplina, ministrada pela professora Doutora Claudia Priori. E a quarta experiência foi o *podcast HistoPod*, também produzido para finalizar os créditos da disciplina Projeto Integrador no curso de mestrado em História Pública.

Essas experiências com a história digital e com práticas de história pública, bem como a produção e divulgação de conhecimento histórico, com temas relacionados aos direitos das mulheres, protagonismos feminismos, questões de gênero e sua relação com a arte, sempre estiveram no foco da pesquisadora, o que foi essencial para o desenvolvimento da presente pesquisa e também da produção do *podcast* Pod Empoderá, com o público e para o público.

---

<sup>53</sup> <https://open.spotify.com/episode/7dta95kl3aA4z5KJkzf69R?si=kGkFe5NgTP6D9B1jzjMPfg>



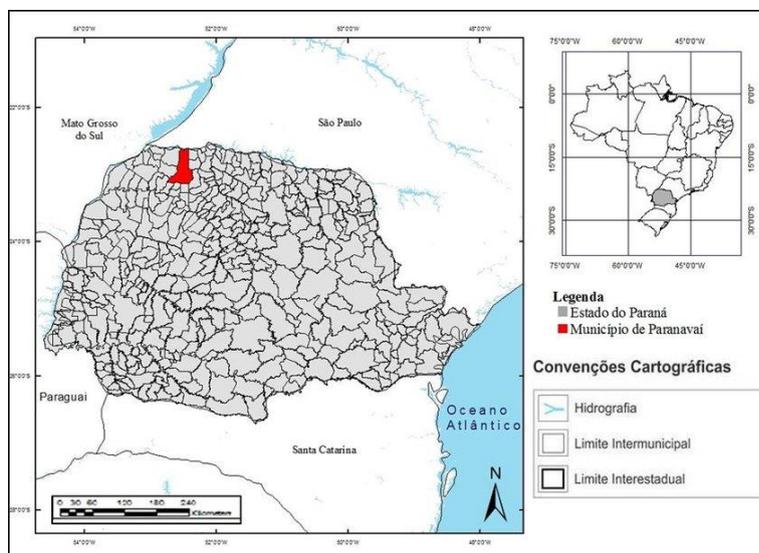
**Figura 27:** Capa criada para o *podcast* PodEmpoderá



**Fonte:** Criação de arte do nome produzidos pela mestrande e artista visual Priscila Alves de Brito, para arte visual de capa do *podcast*, foi usado recurso do site de design conhecido como Canva para a arte [www.canva.com.br](http://www.canva.com.br), todos os direitos da arte e do nome cedidos à Feira Empoderá.

Por fim, considerando que as feiras foram realizadas no município de Paranavaí/PR, a divulgação por meio de *podcast* levará informação para mulheres de todo país, ultrapassando a barreira geográfica.

**Figura 28:** Localização do Município de Paranavaí



**Fonte:** Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-municipio-de-Paranava-i-PR\\_fig1\\_323346618](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-do-municipio-de-Paranava-i-PR_fig1_323346618)

PR fig1 323346618

### 3.3 História Pública e Tecnologia *Podcast*: Uma Análise de Sua Sinergia e Impacto

A sinergia entre a História Pública e a tecnologia *podcast* representa um fenômeno emergente no campo da disseminação do conhecimento histórico. Esta união entre um meio de comunicação tradicionalmente acadêmico e uma forma moderna de mídia digital é um reflexo da evolução contínua dos métodos de ensino e aprendizagem da história. Os *podcasts*, como uma plataforma de mídia, oferecem uma maneira única de contar histórias, combinando elementos de narrativa oral com a conveniência e acessibilidade proporcionadas pela tecnologia digital (DE ARRUDA et al., 2021).

A História Pública, por sua natureza, busca transcender as paredes das instituições acadêmicas para engajar diretamente com o público mais amplo. A inclusão de *podcasts* como uma ferramenta para alcançar esse objetivo representa um avanço significativo. Ao invés de se restringir a textos e imagens, os(as) historiadores(as) podem agora utilizar a mídia sonora para criar uma experiência imersiva e envolvente. Isso não apenas amplia o alcance da História Pública, mas também a torna mais relatável para um público diversificado. Um aspecto distintivo dos *podcasts* é sua habilidade de humanizar a história. Através de relatos orais e entrevistas, a história ganha uma voz, literalmente. Essa abordagem humanizada contrasta com a natureza muitas vezes impessoal da escrita histórica convencional (DE ARRUDA et al., 2021). Os *podcasts* permitem que os(as) ouvintes conectem-se emocionalmente com as narrativas, tornando a história mais tangível e memorável.

Gomes et al., (2021) descreve que os *podcasts* oferecem uma oportunidade única para explorar tópicos históricos menos conhecidos ou marginalizados. Eles fornecem uma plataforma para vozes que tradicionalmente não são ouvidas nos textos históricos padrão. Isso inclui a história de comunidades sub-representadas, experiências individuais e tópicos que podem não encontrar espaço em publicações acadêmicas convencionais devido a restrições de formato ou escopo. No entanto, a integração de *podcasts* na disseminação da História Pública não está isenta de desafios. Um dos principais desafios é manter a precisão histórica e a integridade acadêmica. Ao contrário dos artigos e livros revisados por pares, os *podcasts* podem ser produzidos e distribuídos rapidamente, o que aumenta o risco de erros ou interpretações históricas questionáveis. Portanto, é crucial que os criadores de *podcasts* históricos mantenham um compromisso rigoroso com a pesquisa e a veracidade dos fatos.

Outra questão importante é a acessibilidade e a inclusão. Embora os *podcasts* sejam acessíveis a muitos, ainda existem barreiras para pessoas com deficiências auditivas ou que não têm acesso regular à internet. É fundamental que os produtores de *podcasts* históricos

considerem formas de tornar seu conteúdo mais inclusivo, como oferecer transcrições ou versões escritas de seus programas.

Pinheiro, apud, Alves, Santiago Vigata e Teixeira (2020, p. 59) enfatizam que para alguns casos, citando o cinema e o teatro, “vale dizer que a tradução não é palavra por palavra, ou literal” e que “questões artísticas, (...), multimodais e intersemióticas também precisam ser contempladas para que a pessoa surda possa exercer a fruição estética.” O mesmo pode ser dito em relação à adoção de acessibilidade em Libras para tornar *podcasts* acessíveis e isso pode ser feito a partir das redes de comunicação online/ou de sites ou plataformas de compartilhamento de vídeos. Para tanto, a figura do profissional intérprete ou “acessibilizador” (DÍAZ CINTAS, 2007, p. 46) e o seu grau de imersão no conteúdo produzido são fundamentais.

A análise de exemplos existentes de *podcasts* históricos revela uma diversidade de abordagens e temas. Alguns se concentram em eventos históricos específicos, enquanto outros exploram temas históricos através de narrativas pessoais (Gomes et al., 2021). Esta variedade não apenas reflete a flexibilidade do formato do *podcast*, mas também demonstra como diferentes estilos podem atrair diversos públicos.

Segundo Santos (2019), a popularidade crescente dos *podcasts* também aponta para uma mudança no consumo de mídia. Com a vida moderna se tornando cada vez mais agitada, muitas pessoas preferem formatos que possam ser consumidos enquanto realizam outras atividades. Os *podcasts* se encaixam perfeitamente nesse cenário, oferecendo uma maneira de aprender sobre história de forma conveniente e envolvente. A eficácia dos *podcasts* na educação histórica também abre portas para novas formas de colaboração interdisciplinar. Profissionais da área de história, da educação, da comunicação social, do jornalismo, artistas de áudio e tecnologia, entre outros, podem trabalhar juntos para criar experiências e aprendizados ricos e imersivos. Essa colaboração pode resultar em produtos que são não apenas informativos, mas também artisticamente estimulantes.

A ascensão dos *podcasts* na disseminação da História Pública indica uma democratização do conhecimento. Ao tornar a história mais acessível e envolvente, os *podcasts* têm o potencial de inspirar um interesse mais amplo pela história, incentivando um diálogo contínuo entre o passado e o presente. Esse envolvimento pode não apenas educar, mas também estimular uma apreciação mais profunda da complexidade e diversidade das experiências humanas ao longo do tempo. A integração dos *podcasts* na História Pública representa uma construção significativa tanto na forma como a história é comunicada, quanto na forma como é percebida pelo público. Esta fusão entre a mídia digital e a narrativa

histórica não apenas amplia o alcance da História Pública, assim como enriquece a maneira como compreendemos e interagimos com o nosso passado (DA SILVA et al., 2021). À medida que esta tendência continua a crescer, é provável que vejamos ainda mais inovações e aplicações criativas dos *podcasts* no campo da História Pública.

Portanto, ao considerar o futuro da História Pública e seu relacionamento com a tecnologia emergente, é essencial reconhecer o papel vital dos *podcasts*. Eles não são apenas um meio de comunicação, mas uma ferramenta poderosa para educação, engajamento e preservação da história. Quanto mais exploramos e expandimos suas possibilidades, os *podcasts* têm o potencial de transformar a maneira como acessamos, entendemos e valorizamos a história. A análise da intersecção entre a História Pública e a tecnologia *podcast* revela um campo dinâmico e em constante construção, rico em oportunidades e desafios. Com a atenção adequada à precisão, acessibilidade e inclusão, os *podcasts* podem continuar a desempenhar um papel crucial na democratização do conhecimento histórico e na promoção de uma compreensão mais profunda do nosso passado coletivo e sua relação com o presente.

Para se ter uma ideia da força socioeconômica do *podcasting* no Brasil, o *Spotify*, plataforma multimidiática de *streaming*, líder no consumo de podcasts entre os brasileiros, apontou por intermédio da pesquisa “*Podcasts Stats Soundbites*”, realizada no início de 2019, que o Brasil é o segundo país que mais consome *podcasts* no mundo, com crescimento médio mensal de 21% desde janeiro de 2018. Esses dados foram assunto durante o “*Spotify for Podcasters Summit*”, primeiro evento focado em *podcasting* rea-lizado pela *Spotify* e que ocorreu em novembro de 2019 (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2020).

Por fim, vale relacionar bons exemplos de *podcasts* a serem ouvidos e servirem de norte para futuras publicações, como o Segundas Feministas<sup>54</sup>, que é produzido pelo GT Nacional de Gênero da ANPUH-Nacional. O projeto tem o objetivo de comunicar as pesquisas do GT e debater temas importantes da área com um público mais amplo e não acadêmico. O projeto é do GT Nacional (com a participação dos 14 GTs Regionais), e está sendo organizado e editado atualmente pela coordenadora adjunta Andrea Bandeira (Universidade de Pernambuco), pela profa. Ana Carolina Eiras (UFG) e pelas pós-graduandas Kaoana Sposelsa (UFGD), Maria Clara Oliveira (Unimontes) e pela graduanda Indiará

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/1FNEP5Y4CiPAOVXa2pbfWQ>



Teodoro (UEP).

Portanto, vê-se que o uso da mídia de *podcast* é de amplo acesso ao público brasileiro, no mais, projetos envolvendo o uso do *podcast* na história pública digital já existem, inclusive com narrativas feministas e de empoderamento feminino.

### **3.4 Documentação e Preservação de Memórias por meio de *Podcasts*: Um Olhar para as Mulheres Feirantes**

A documentação e preservação de memórias por meio de *podcasts*, especialmente com foco nas experiências de mulheres feirantes, representam um campo inovador no estudo da história social e cultural. O uso de *podcasts* para capturar as histórias de mulheres oferece uma nova perspectiva sobre a narrativa histórica, uma vez que destaca as vozes frequentemente marginalizadas em registros tradicionais (TEIXEIRA et al., 2022). Esta ferramenta proporciona um meio de explorar as complexidades das experiências de vida dessas mulheres – no caso, as feirantes - enriquecendo assim o entendimento da história comunitária.

Mulheres feirantes, muitas vezes vistas apenas como figuras periféricas na economia e na sociedade, têm histórias ricas e multifacetadas. Os *podcasts* oferecem uma plataforma para que essas histórias sejam contadas, permitindo que as próprias mulheres narrem suas experiências, desafios e sucessos. Essa abordagem na primeira pessoa confere autenticidade e profundidade às narrativas, transcendendo o mero relato factual para revelar o impacto humano e social de suas vidas. O formato do *podcast* é particularmente adequado para capturar as nuances das tradições culturais e histórias orais. Essa forma de narração ressoa com a tradição oral longa e rica de muitas culturas, permitindo uma representação mais fidedigna das experiências das mulheres feirantes. A oralidade traz uma dimensão adicional às histórias, uma que não pode ser plenamente capturada em textos escritos, como o tom de voz, a emoção e a cadência (TEIXEIRA et al., 2022).

Os *podcasts* com enfoque nas mulheres feirantes, desempenham um papel crucial na preservação de memórias e tradições que correm o risco de serem esquecidas. Em muitas comunidades, as feirantes são guardiãs de conhecimentos e práticas culturais. Jaques e Mourão (2020) descrevem que por meio dos *podcasts*, as tradições podem ser documentadas e preservadas para gerações futuras, contribuindo para a continuidade e o entendimento do patrimônio cultural. Esta forma de documentação também desafia as noções convencionais de quem são os (as) protagonistas da história. O enfoque dado às mulheres feirantes na produção dos *podcasts* contribui para redefinir a narrativa histórica, movendo-se além das figuras

tradicionalmente destacadas na história para incluir os grupos que estão nas margens. Esta abordagem descentralizada da história oferece uma visão mais inclusiva e representativa da sociedade, destacando a importância de todas as vozes na construção do passado coletivo.

A utilização de *podcasts* para documentar as histórias das mulheres feirantes também contribui para uma maior compreensão da economia informal e seu papel na sociedade. Frequentemente, estas mulheres operam fora das estruturas econômicas formais, e suas histórias fornecem insights valiosos sobre as dinâmicas da economia local e os modos de vida comunitários. Ao escutar a voz dessas mulheres, os *podcasts* promovem conhecimentos acerca de aspectos da vida cotidiana, do trabalho e de suas trajetórias, que muitas vezes são negligenciados em estudos econômicos e históricos mais tradicionais. Outro aspecto significativo desta abordagem da história oral é a capacidade de capturar as mudanças intergeracionais nas práticas e perspectivas das feirantes. Por meio de entrevistas e narrativas pessoais, os *podcasts* evidenciam como as tradições e os negócios são passados de uma geração para outra, revelando as transformações sociais e culturais ao longo do tempo (NEVES et al., 2019). Este registro dinâmico colabora para uma compreensão mais profunda das formas como as comunidades se adaptam às transformações socioculturais e tecnológicas.

Segundo Oliveira e Meneses (2022) os *podcasts* criam um espaço para discussão e reflexão sobre questões de gênero e poder dentro das comunidades. Tendo como foco as experiências das mulheres feirantes, o *podcast* PodEmpoderá destaca as complexas relações de gênero e o papel das mulheres na esfera pública e privada. Isso não apenas enriquece o diálogo sobre igualdade de gênero, mas também promove uma maior conscientização sobre as contribuições das mulheres na sociedade. A abordagem metodológica na criação desses *podcasts* também é digna de nota. Requer uma combinação de habilidades de pesquisa rigorosa, sensibilidade cultural e competência técnica. O processo de gravação, edição e produção de *podcasts* que documentam as histórias das mulheres feirantes necessita de uma abordagem etnográfica, aonde os (as) produtores (as) se imergem nas comunidades e experiências de suas sujeitas. Isso não só garante autenticidade e respeito pelas histórias contadas, mas também ajuda a construir uma relação de confiança entre narradores(as) e produtores(as). No mais, para a produção da presente pesquisa, faz-se necessário lembrar que a pesquisadora atuou como participante expositora nas edições da Feira Empoderaí, em uma autoridade compartilhada, numa ação colaborativa.

Os *podcasts* também atuam como uma ferramenta de empoderamento. Ao terem suas histórias ouvidas e valorizadas, essas mulheres recebem o reconhecimento que muitas vezes lhes é negado em outras esferas da sociedade. Isso não apenas eleva suas vozes, mas também

serve como um poderoso lembrete da importância de preservar e celebrar a diversidade de experiências humanas. A documentação e preservação de memórias por meio de *podcasts*, com foco nas mulheres feirantes, oferece uma abordagem rica e multifacetada para entender a história comunitária e social. Ao capturar narrativas orais, tradições culturais e experiências vividas, *podcasts* contribuem significativamente para um registro mais inclusivo e diversificado da história.

### **3.5 Interseção de Gênero, Cultura e História nos Podcasts**

A interseção de gênero, cultura e história nos *podcasts* emerge como um campo de estudo fascinante e significativo na era contemporânea. Esta forma de mídia digital, que tem ganhado popularidade crescente, oferece uma plataforma única para explorar e discutir questões de gênero dentro de contextos históricos e culturais específicos. Através do formato de *podcast*, as histórias de mulheres feirantes, por exemplo, não são apenas contadas, mas são analisadas à luz de sua influência e reflexo na cultura e história local ou regional (NUNES et al., 2021).

Os *podcasts*, ao abordar a temática das mulheres feirantes, proporcionam uma oportunidade de examinar como os papéis de gênero são construídos e manifestados em diferentes culturas e períodos históricos. Essas narrativas, muitas vezes ignoradas em registros históricos convencionais, oferecem insights valiosos sobre a vida cotidiana, as estruturas sociais e as relações de poder. Ao focar nessas experiências, os *podcasts* podem desafiar narrativas históricas dominantes e contribuir para uma compreensão mais abrangente da história. Os *podcasts* permitem uma análise profunda de como as identidades de gênero influenciam e são influenciadas por fatores culturais e sociais. As histórias das mulheres feirantes, por exemplo, revelam não apenas suas experiências individuais, mas também como essas experiências são moldadas por normas culturais, expectativas sociais e mudanças históricas. Isso proporciona uma rica tapeçaria de perspectivas que podem ser exploradas de maneira detalhada e nuanceada (NUNES et al., 2021).

Ao utilizar os *podcasts* como ferramenta, os(as) criadores(as) têm a liberdade de empregar formatos narrativos diversos, desde entrevistas e documentários até dramatizações (DE ARRUDA et al., 2021). Isso permite uma representação mais criativa e envolvente das histórias de mulheres feirantes, que podem incluir elementos de sua linguagem, música e tradições locais. Tal abordagem não apenas enriquece o conteúdo, mas também ajuda a capturar aspectos culturais e históricos dessas experiências. O aspecto colaborativo dos *podcasts* também é crucial. Ao envolver as próprias mulheres feirantes na criação de

conteúdo, os *podcasts* podem proporcionar uma plataforma para que elas compartilhem suas histórias em suas próprias palavras (GOMES et al., 2021). Esta abordagem participativa não só garante a autenticidade das narrativas, mas também empodera as mulheres, permitindo-lhes ter um papel ativo na documentação de suas próprias histórias.

A acessibilidade dos *podcasts* é outro fator que amplia seu impacto. Como uma forma de mídia que pode ser consumida de maneira conveniente em vários dispositivos e ambientes, os *podcasts* têm o potencial de alcançar um público diversificado. Isso é particularmente valioso para trazer questões de gênero e histórias de grupos marginalizados para uma audiência mais ampla, promovendo conscientização e compreensão. A natureza interativa dos *podcasts* também promove um diálogo contínuo entre os criadores (as) de conteúdo e o público. Isso permite uma troca de ideias e perspectivas, enriquecendo o entendimento de questões de gênero, cultura e história (Gomes et al., 2021). O feedback e a participação do público podem levar a uma maior profundidade e reflexão nas discussões apresentadas nos episódios.

A flexibilidade do formato do *podcast* permite explorar a interseção de gênero, cultura e história de maneira multidimensional. Os episódios podem variar em duração e estilo, adaptando-se ao conteúdo e ao público. Essa adaptabilidade torna os *podcasts* um meio particularmente eficaz para tratar de temas complexos e multifacetados. Os *podcasts* também têm um papel educacional significativo. Eles podem ser usados como recursos em ambientes acadêmicos e comunitários para ensinar sobre história, cultura e questões de gênero (SANTOS et al., 2019). Ao integrar *podcasts* no currículo ou em programas comunitários, é possível incentivar um aprendizado mais profundo e envolvente sobre esses temas.

Assim, os *podcasts* sobre mulheres feirantes e suas histórias contribuem para o campo mais amplo da história oral e estudos de gênero. Eles oferecem um meio de documentar experiências vividas e perspectivas que, de outra forma, poderiam ser perdidas. Ao fazer isso, eles não apenas preservam um importante aspecto da história cultural e social, mas também enriquecem nosso entendimento coletivo sobre o papel das mulheres na sociedade. A interseção de gênero, cultura e história nos *podcasts* oferece uma abordagem inovadora e impactante para explorar essas áreas. Ao focar em histórias específicas, como as das mulheres feirantes, os *podcasts* revelam camadas complexas de experiências humanas, desafiando percepções tradicionais e ampliando nosso entendimento do passado e do presente. Eles não são apenas uma ferramenta para documentar histórias, mas também um meio de engajar, educar e inspirar audiências diversas, contribuindo assim significativamente para o campo da História Pública e estudos culturais.

### 3.6 Metodologias e Abordagens na Criação de *Podcasts* Históricos

A criação de *podcasts* históricos demandam uma combinação meticulosa de arte e ciência, exigindo uma abordagem metodológica que equilibre a precisão histórica com a narrativa envolvente. No cerne dessa abordagem está a coleta de histórias orais, um processo que requer não apenas habilidades técnicas de gravação, mas também uma sensibilidade aguçada para capturar a essência das narrativas pessoais e comunitárias (SANTOS et al., 2019). Esta coleta é o alicerce sobre o qual o *podcast* histórico é construído, fornecendo o material bruto para uma exploração mais aprofundada do passado.

O processo de curadoria dessas histórias orais envolve a seleção e edição de material para formar uma narrativa coesa que seja tanto informativa quanto atraente. Este processo não é apenas técnico, mas também criativo, exigindo um olho atento para detalhes e uma compreensão profunda da estrutura narrativa (SANTOS et al., 2019). A curadoria eficaz transforma fragmentos de histórias em uma narrativa fluente que cativa o(a) ouvinte.

O desafio de criar narrativas envolventes que sejam também historicamente precisas é um dos aspectos mais cruciais na produção de *podcasts* históricos. Isto requer um equilíbrio delicado entre contar uma história de maneira atraente e manter a fidelidade aos eventos e contextos históricos. Quem narra deve ter habilidade em tecer os elementos da história de uma maneira que seja ao mesmo tempo educativa e interessante para o público. A consideração ética na documentação de histórias pessoais e comunitárias é imperativa. Isso envolve respeitar a privacidade e a dignidade dos indivíduos cujas histórias estão sendo contadas, especialmente quando lidam com temas sensíveis ou traumáticos (DA SILVA et al., 2021). Quem produz *podcasts* devem ser conscientes e cuidadosos ao representar tais histórias, garantindo que sejam tratadas com a devida sensibilidade e respeito.

A habilidade técnica na gravação e edição também desempenha um papel crucial na criação de *podcasts* históricos. A qualidade do áudio, a escolha da música de fundo e os efeitos sonoros são cuidadosamente considerados para complementar e realçar a narrativa. Esses elementos técnicos, quando bem executados, podem imensamente aumentar a imersão e o impacto do conteúdo. A interatividade com o público é outro aspecto importante. *Podcasts* históricos muitas vezes incluem segmentos aonde as pessoas ouvintes podem enviar perguntas ou comentários, criando um diálogo entre o(a) narrador(a) e o público. Esta interatividade não só aumenta o envolvimento da pessoa ouvinte, mas também oferece uma oportunidade para dirimir dúvidas, explorar diferentes perspectivas e aprofundar a compreensão dos temas históricos discutidos (DA SILVA et al., 2021).

Outro elemento importante é a contextualização histórica. Os *podcasts* devem

fornecer às pessoas ouvintes o contexto necessário para entender plenamente as histórias e eventos discutidos. Isso pode envolver a explicação de eventos históricos relevantes, a descrição de normas sociais da época ou a análise das consequências históricas de certas ações (TEIXEIRA et al., 2022). Esta contextualização ajuda a enriquecer a experiência da pessoa ouvinte, proporcionando uma compreensão mais completa dos tópicos abordados.

Farias (2021) descreve que as tecnologias digitais têm desempenhado um papel na transformação do ensino de história, proporcionando novas oportunidades para o aprendizado significativo e a educação histórica. Os avanços no campo educacional destacam-se pelo uso inovador de ferramentas digitais, que não apenas facilitam a disseminação de conhecimento, mas também enriquecem a experiência de aprendizagem dos(as) alunos(as). A integração dessas tecnologias no currículo de história tem permitido uma abordagem mais interativa e envolvente para o ensino. Diferentemente dos métodos tradicionais, que muitas vezes se baseiam em textos e palestras, as ferramentas digitais oferecem uma experiência mais dinâmica e multimídia. Isso ajuda a capturar o interesse de alunas e alunos e a promover um entendimento mais profundo dos eventos históricos.

Um dos aspectos mais transformadores das tecnologias digitais se falarmos em um aspecto de educação histórica é a capacidade de personalizar a aprendizagem. Cada estudante pode explorar aspectos específicos da história que lhes interessa, utilizando recursos digitais para aprofundar seu conhecimento. Isso não apenas aumenta a motivação, mas também promove um aprendizado mais autônomo e dirigido. A mudança no papel do(a) educador(a) é outro aspecto importante dessa transformação. Com a adoção de tecnologias digitais, o professor(a) se torna também facilitador(a) de aprendizagem, pois implica em orientar os(as) alunos(as) na navegação pelas vastas informações disponíveis online e ajudá-los a desenvolver habilidades críticas de análise e pesquisa (FARIAS, 2021).

Os *podcasts*, em particular, emergiram como uma ferramenta poderosa para o ensino de história. Eles oferecem uma maneira única de apresentar informações históricas, combinando narração, música e sons de época para criar uma experiência imersiva. Isso pode tornar o estudo da história mais atraente e memorável para alunas e alunos. A utilização de *podcasts* no ensino de história também permite explorar diferentes perspectivas e narrativas. Ao invés de se concentrar apenas em uma visão unilateral dos eventos históricos, os *podcasts* podem apresentar múltiplas vozes e interpretações, incentivando-os a desenvolver um entendimento mais matizado da história. Os *podcasts* podem ser acessados em qualquer lugar e a qualquer momento, proporcionando uma flexibilidade que é particularmente atraente. Essa conveniência aumenta as chances de alunas e alunos se engajarem com o material fora da sala

de aula, integrando o aprendizado de história em sua vida cotidiana (FARIAS, 2021).

Outro benefício dos *podcasts* é a oportunidade de desenvolver habilidades auditivas e de concentração. Ao ouvir narrativas históricas, os(as) alunos(as) precisam prestar atenção aos detalhes e seguir o fluxo da história, o que pode aprimorar suas habilidades de escuta e compreensão. A utilização de *podcasts* no ensino de história permite ao(à) professor(a) a oportunidade de incorporar tarefas interativas, como discussões em grupo ou projetos baseados em episódios específicos. Isso não só reforça o material aprendido, mas também promove habilidades de colaboração e comunicação entre alunas e alunos (FARIAS, 2021).

As metodologias ativas e inovadoras no ensino, especialmente quando mediadas pelas tecnologias digitais, desempenham função importante na educação moderna. Elas incentivam os(as) alunos(as) a assumirem um papel mais ativo em seu processo de aprendizagem, contrastando com os métodos tradicionais de ensino, que muitas vezes são centrados na figura do(a) professor(a) (FARIAS, 2021).

Os *podcasts*, em particular, emergem como uma ferramenta educacional valiosa nesse contexto. Eles oferecem uma forma flexível e acessível de explorar uma variedade de temas, incluindo aqueles relacionados à história. Ao incorporar *podcasts* nas aulas, as professoras e professores podem proporcionar uma experiência de aprendizado mais rica e diversificada, numa perspectiva de diálogo com os temas contemporâneos: gênero, feminismo, história das mulheres, protagonismos diversos, etc.

Colaborando com tais ideias, Bueno e Neto (2020) descrevem que o uso de *podcasts* no ensino de história tem se mostrado uma ferramenta didática valiosa, especialmente em experiências educativas em escolas de São Paulo. Essa modalidade de ensino aproveita a natureza envolvente e acessível dos *podcasts* para aprimorar a aprendizagem histórica, oferecendo uma nova dimensão ao estudo do passado. A interação com a cultura digital e as tecnologias emergentes amplia significativamente as práticas de ensino e aprendizagem em história, permitindo que alunas e alunos se engajem com o conteúdo de maneira mais dinâmica e interativa.

O papel das mídias, incluindo a internet e as redes sociais, na circulação da história na sociedade é outro aspecto fundamental. Estas plataformas influenciam profundamente a maneira como alunas e alunos compreendem e interagem com a história, transformando a educação histórica em um processo mais participativo e conectado com o mundo contemporâneo. Além disso, a integração de práticas digitais no ensino reflete a realidade das crianças e adolescentes de hoje, que já estão imersos em um ambiente digital em suas vidas cotidianas (BUENO; NETO, 2020). Aproveitar essas práticas no contexto educacional pode

resultar em uma experiência de aprendizado mais relevante e engajadora.

Contudo, a incorporação de tecnologias digitais como os *podcasts* no ensino de história não está isenta de desafios. Os(as) educadores(as) enfrentam a tarefa de integrar essas novas ferramentas em suas práticas pedagógicas, o que exige não apenas habilidades técnicas, mas também uma reavaliação de suas metodologias de ensino (BUENO; NETO, 2020). Este processo envolve o equilíbrio entre o uso efetivo da tecnologia e a manutenção da qualidade educacional, garantindo que os recursos digitais complementem e enriqueçam o ensino de história, em vez de simplesmente substituir as abordagens tradicionais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer um panorama inicial sobre a realização da pesquisa, é importante ressaltar que tem como base a história oral, buscando valorizar o percurso das mulheres feirantes e a memória dessas sujeitas, o qual foi nosso objeto de estudo. Na entrevista cedida para a pesquisa, as idealizadoras da Feira Empoderaí, Giovanna Godoy Campos de Paula, Kemmy Fukita Batista dos Santos e Suzelaine Costa da Silva narraram suas experiências contando sobre a ideia de criação da feira e também os desafios de mantê-la em funcionamento nos dias de hoje. Das entrevistas com as mulheres feirantes – protagonistas desta pesquisa – produzimos o *podcast* PodEmpoderaí para divulgação de conhecimento histórico para o público.

A escolha por evidenciar as narrativas das mulheres que atuam tanto na organização da feira quanto as organizadoras, se alinha com o propósito de diversas pesquisadoras feministas que buscaram redefinir e alargar as “(...) noções tradicionais daquilo que é historicamente importante (...)” (SCOTT, 1995, p. 73). Scott (1995) explica que, desde a década de 1970, feministas, como Natalie Davis, Ann D. Gordon, Mari Jo Buhle e Nancy Shrom Dye, buscavam reescrever uma nova história, na qual a experiência pessoal e política das mulheres importava. Aqui, não tivemos a pretensão de reescrever a história, mas sim de contar histórias que foram relegadas ao silenciamento, a partir do ponto de vista de mulheres envolvidas com a Feira Empoderaí entre os anos de 2019 e 2023.

As mulheres que trabalham nas feiras, geralmente enfrentam desafios e superam obstáculos em suas jornadas no mundo dos negócios (TEIXEIRA; BOMFIM, 2016). A história dessas mulheres é marcada por lutas por direitos trabalhistas e condições dignas de trabalho (BELTRAMINI; CEPellos; PEREIRA, 2022; CARNEIRO, 2020). Como se sabe, em alguns contextos, ocorre situações de exploração e precariedade, tornando-se importantes alvos de políticas públicas e de movimentos de valorização do trabalho feminino. Além das demandas de seus próprios empreendimentos, elas podem se deparar com a falta de infraestrutura, a concorrência e a necessidade de se adaptar a diferentes contextos e clientes (JONATHAN, 2011).

No tocante à Feira Empoderaí ocorrida no município de Paranavaí-PR, ficou notório com a pesquisa que ela funciona como um espaço de empoderamento e visibilidade para as mulheres que têm a oportunidade de mostrar ao público suas produções, habilidades e criatividade, conquistando reconhecimento e valorização por suas contribuições para a economia local e a cultura da região. A participação de mulheres na feira pode representar uma forma de resistência e de reivindicação de seu lugar no mundo do trabalho e na

sociedade, rompendo com estereótipos de gênero e reafirmando sua autonomia econômica e social.

Com esta pesquisa, constatamos que - a partir da memória de mulheres atuantes na Feira Empoderaí de Paranaíba/PR – o trabalho realizado por elas se atrela a todo momento ao uso das tecnologias para seu desenvolvimento, uma vez que o chamamento de mulheres para participação nas edições da feira, a divulgação da programação, a realização de lives durante o período de pandemia, tem sido mediante a rede social *Instagram* da Feira Empoderaí, a qual é uma das principais fontes desta pesquisa para a coleta de dados. A rede social da feira funciona como um repositório de todas as edições que já foram realizadas, contando com fotos do evento e nomes das mulheres que já participaram da feira.

A partir das entrevistas cedidas pelas mulheres, e o diálogo com a História Pública e com a história digital, construímos junto com elas a criação de um *podcast* – PodEmpoderaí - portanto, a base de fundamentação desse trabalho traz velhos e novos desafios da história, enquadrando-se perfeitamente no recorte atual de História Pública que está sendo construída no nosso país.

As mulheres que participam da Feira Empoderaí são trabalhadoras engajadas e protagonistas desse evento independente no município de Paranaíba-PR, e representam uma diversidade de trajetórias, talentos e produtos, contribuindo para a riqueza e a pluralidade da feira. A Feira Empoderaí representa uma oportunidade para elas estabelecerem redes de apoio e solidariedade entre si. Nesse espaço, podem trocar experiências, compartilhar conhecimentos e se fortalecer como coletivo.

Portanto, as mulheres que atuam na Feira Empoderaí são peças-chave para o sucesso e a relevância desse evento independente, que acontece com recursos próprios. Elas protagonizam suas histórias e contribuem para a construção de um espaço diversificado, inclusivo e de empoderamento em Paranaíba, promovendo a valorização e fortalecimento do trabalho feminino na região. Nessa perspectiva, considerando que a sociedade muitas vezes classifica as mulheres como "minorias", essa condição por si só pode torná-las vulneráveis, levando-as, às vezes, a se verem como não protagonistas da história, cuja relevância passa a ser valorizada apenas pelo fato de serem solicitadas e entrevistadas pela pesquisadora e artista – que participa como expositora na feira com elas. Inclusive, no *podcast* pode se ouvir uma das entrevistadas, Giovanna Godoy Campos de Paula verbalizar isso, ao final da entrevista. Nesse sentido, Amado (2006) coloca que a informante se pergunta o que sua vida poderia ter de interessante para uma pesquisadora, enquanto essa última faz elucubrações fascinantes, a

partir dos depoimentos sobre simples gestos do cotidiano ou ações de pouco brilho na história nacional.

Nos estudos sobre história oral, Alessandro Portelli, ressalta que essa é uma abordagem da história que se concentra na coleta e interpretação de depoimentos de pessoas comuns sobre eventos passados. O autor é um defensor da História Pública, que tem como objetivo tornar a história acessível e relevante para um público mais amplo, que vai além do mundo acadêmico, e ele argumenta que a história não é apenas sobre fatos e eventos passados, e também sobre as histórias das pessoas comuns e suas experiências cotidianas.

Vale frisar que a pesquisa se desenvolveu ainda no sentido de saber mais sobre a origem das feiras no Brasil. Calado (2010) demonstra que no país, as feiras chegaram com a colonização portuguesa, baseadas nas feiras europeias. Os povos nativos estavam acostumados à troca, e esse comércio, então, constitui uma inovação. A necessidade de colonização dos espaços conquistados pelos portugueses deu origem às feiras, e os colonizadores buscaram formas de trazer alimentos e utensílios para a população.

As mulheres que trabalham em feiras desempenham um papel significativo e multifacetado nesse ambiente econômico e social. Elas ocupam diversas funções, desde vendedoras e comerciantes de produtos variados até artesãs, agricultoras e prestadoras de serviços. A presença dessas mulheres nas feiras pode ser observada em diversas regiões, tanto em feiras tradicionais de alimentos e produtos locais, como em feiras temáticas e independentes (FERREIRA; LIMA, 2020; FONSECA, 2013).

A pesquisa trata de narrativas de mulheres feirantes que buscam espaço no mercado de trabalho e traz em suas falas várias questões de gênero. A mulher não é uma entidade monolítica destinada ao lar e à procriação, e sim um ser humano complexo e multifacetado. As características que são atribuídas às mulheres são construções sociais, não determinações biológicas ou históricas imutáveis. Assim, é imperativo desafiar a perpetuação desses estereótipos prejudiciais e trabalhar para a construção de uma sociedade aonde a igualdade de gênero seja efetivamente realizada. As mulheres, na sociedade patriarcal, eram privadas do direito à educação e ao trabalho que não fosse estritamente doméstico. As poucas que obtinham autorização para exercer alguma função, deveriam estar sob a tutela do marido ou de um parente masculino. Esse cenário propiciava o abuso de poder e a violência doméstica (LEITE, 2015).

No mais, é preciso salientar que o emprego do termo “uberização” o qual foi citado na pesquisa faz referência direta ao que seria uma nova fase das relações de trabalho, não apenas no Brasil como no mundo. Nessa nova fase, as relações formais de trabalho, ou seja, a CLT

(Consolidação das Leis do Trabalho), passa a ser substituída pelas relações informais de trabalho. As discussões acerca da precarização do trabalho no mundo contemporâneo permitem ao(à) leitor(a) entrar em contato com esse conceito “uberização”, uma vez que, necessariamente as mulheres que participam da feira, são donas do seu próprio negócio, e neste sentido, a palavra negócio não desqualifica as mulheres artistas, já que a arte produzida pelas mulheres na feira, estão expostas também para venda e contribuem na manutenção de suas casas e muitas vezes, na criação dos(as) filhos(as).

Esse processo de uberização, de aumento das relações informais de trabalho, se de um lado possui algum benefício: traz uma fonte de renda, mesmo que incerta, para milhões de famílias que poderiam estar abaixo da linha da pobreza sem essas possibilidades de sustento. De outro lado, os malefícios também são extremamente significativos: a romantização da perda de direitos trabalhistas anteriormente conquistados, a ausência de qualquer segurança por parte das empresas ou pessoas que se qualificam como empregadoras, aumento nas horas trabalhadas, perda da qualidade de vida, diminuição ou falta de acesso a direitos fundamentais como segurança, lazer, alimentação de qualidade e outros (KLEPA et al., 2021).

A ampliação do papel das mulheres nas feiras no Brasil e, especificamente no Paraná, possui, ainda, implicações econômicas de grande envergadura. Com um número cada vez maior de mulheres participando ativamente destes eventos, o potencial de geração de renda e de crescimento econômico se eleva. As feiras fornecem oportunidades para que as mulheres ampliem seus empreendimentos, formem redes de contato e apoio, bem como, acessem novos mercados, contribuindo para a redução da disparidade de gênero no campo econômico.

O crescente protagonismo das mulheres nas feiras no Brasil é um fenômeno positivo que contribui para a equidade de gênero e o desenvolvimento econômico. Entretanto, há um longo caminho a ser percorrido para assegurar a participação plena e igualitária das mulheres nestes espaços. Por meio de educação, políticas públicas, editais de incentivo artístico-cultural, melhores condições trabalhistas, e apoio às políticas inclusivas podemos almejar um futuro no qual as mulheres possam desempenhar um papel ainda mais significativo nas feiras do país.

No mais, considerando o produto advindo com os resultados da presente pesquisa, houve investigação da aplicação de *podcasts* na narrativa histórica, aprofundamos o uso específico dos *podcasts* para documentar e preservar as histórias e contribuições das mulheres feirantes, enfatizando como esses registros podem capturar narrativas orais e tradições culturais, enriquecendo assim o registro da história comunitária e social.

Nas entrevistas concedidas e que se envereda na criação do *podcast*, o qual encontra-se

publicado com acesso público na plataforma *Spotify*, Giovanna Godoy Campos de Paula, uma das idealizadoras da feira, relata que a inspiração para a criação da feira surgiu durante um evento ocorrido na UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí), pois na época ela fazia curso de Serviço Social. O relato demonstra o quão importante é tentar levar iniciativas a todos os lugares, novas histórias e projetos podem surgir em qualquer lugar a partir de boas inspirações. As entrevistadas nessa pesquisa salientaram que a Feira Empoderaí sempre foi independente, contudo, contaram que já fizeram edições com participação de órgãos públicos da área de saúde como o NUMAPE, que faz atendimento de mulheres vítimas de violência, projeto da UNESPAR, campus de Paranavaí, além da Fundação Cultural da Prefeitura de Paranavaí, deixando explícita a importância do evento para a cidade de Paranavaí e região.

Para narrar a vivência do *podcast*, deve-se reportar como estudo, o texto da Georgiane Garabely Heil Vazquez no livro “Os Estudos de Gênero e seus percursos”<sup>55</sup>, no qual a autora destaca que, após uma onda de ataques e ameaças a docentes e discentes do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia, motivados por estudos vinculados à divisão sexual do trabalho, após os fatos, a autora buscou escrever sobre estudos de gênero para um portal/site de internet em busca de ampla divulgação. Garabely problematiza não exatamente a História Pública como opção teórica ou metodológica, mas como uma forma de divulgação de conhecimento científico, motivada por ataques ao campo de estudos e pesquisas em gênero.

Para a construção do *podcast*, a pesquisa também mostrou os caminhos necessários para colocar um *podcast* no ar. Com a possibilidade da tecnologia, foi utilizado o *Google Meet* para a realização da reunião virtual para gravação do *Podcast*, sendo este meio de gravação escolhido pelas entrevistadas as quais sabiam usar a mídia, outrossim, importante lembrar que na finalização da pesquisa, o nome do aplicativo usado para criar o *podcast* conhecida antes como *Anchor*, passa no presente ano a se chamar *Spotify* para *podcasters* (<https://podcasters.spotify.com>).

O *podcast* é uma mídia intimamente ligada à História Pública e traz esperança porque, ao invés de negativizar a sociedade, a historiadora e o historiador trabalham juntos com a sociedade e para a sociedade, mostrando uma série de possibilidades do conhecimento histórico. No mais, o *podcast* trouxe a possibilidade de dialogar com as pessoas, ultrapassando barreiras não só geográficas, mas fortalecendo relações de coletividade entre mulheres que fazem arte.

---

<sup>55</sup> PRIORI, Claudia; PEREIRA, Márcio José (Orgs.). **Os estudos de gênero e seus percursos: Intersecções possíveis com a História Pública**. Ed. Brazil Publishing. 2020. p. 240.

A História Pública, por sua natureza, busca transcender as paredes das instituições acadêmicas para engajar diretamente com o público mais amplo. A inclusão de *podcasts* como uma ferramenta para alcançar esse objetivo representa um avanço significativo. Ao invés de se restringir a textos e imagens, historiadoras e historiadores podem utilizar a mídia sonora para criar uma experiência imersiva e envolvente. Isso não apenas amplia o alcance da História Pública, mas também a torna mais relatável para um público diversificado. Um aspecto distintivo dos *podcasts* é sua habilidade de humanizar a história. Por meio de relatos orais e entrevistas, a história ganha uma voz, diversas vozes, literalmente. Essa abordagem humanizada contrasta com a natureza muitas vezes impessoal da escrita histórica convencional (DE ARRUDA et al., 2021). Os *podcasts* permitem que os(as) ouvintes se conectem emocionalmente com as narrativas, tornando a história mais tangível e memorável.

A ascensão dos *podcasts* na disseminação da História Pública indica uma democratização do conhecimento. Ao tornar a história mais acessível e envolvente, os *podcasts* têm o potencial de inspirar um interesse mais amplo pela história, incentivando um diálogo contínuo entre o passado e o presente. Esse envolvimento pode não apenas educar, mas também estimular uma apreciação mais profunda da complexidade e diversidade das experiências humanas ao longo do tempo. A integração dos *podcasts* na História Pública representa uma construção significativa tanto na forma como a história é comunicada quanto na forma como é percebida pelo público. Esta fusão entre a mídia digital e a narrativa histórica não apenas amplia o alcance da História Pública, mas também enriquece a maneira como compreendemos e interagimos com o nosso passado (DA SILVA et al., 2021). À medida que esta tendência continua a crescer, é provável que vejamos ainda mais inovações e aplicações criativas dos *podcasts* no campo da História Pública.

Os *podcasts* com foco nas mulheres feirantes, desempenham um papel crucial na preservação de memórias e tradições que correm o risco de serem esquecidas. Em muitas comunidades, as feirantes são guardiãs de conhecimentos e práticas culturais. Jaques e Mourão (2020) descrevem que por meio dos *podcasts*, essas tradições podem ser documentadas e preservadas para gerações futuras, contribuindo para a continuidade e o entendimento do patrimônio cultural. Esta forma de documentação também desafia as noções convencionais de quem são os(as) protagonistas da história. Ao trazer as mulheres feirantes como sujeitas, os *podcasts* contribuem para redefinir a narrativa histórica, movendo-se além das figuras tradicionalmente destacadas na história para incluir os grupos que estão nas margens. Esta abordagem descentralizada da história oferece uma visão mais inclusiva e representativa da sociedade, destacando a importância de todas as vozes na construção do

passado coletivo.

A pesquisa foi possível de ser realizada por meio de metodologias presentes na História Pública, sendo importante ressaltar que o presente estudo sobre a Feira Empoderaí, culminou ao final na criação do *podcast* PodEmpoderá, o *podcast* criado e desenvolvido durante a pesquisa, passou a ser um novo elemento para a feira, sendo entregue pela pesquisadora às feirantes, as quais foram instruídas sobre o manejo do uso da tecnologia, aonde nas próximas edições, poderão trazer episódios contando a história narrada das mulheres que irão participar do evento, ou seja, a história de cada participante poderá ser registrada uma a uma em que essas mulheres poderão contar suas histórias de sucesso e desafios.

Portanto, com a pesquisa constata-se que o *podcast* pode ser usado na história pública a fim de obter narrativas acessíveis, uma vez que os *podcasts* oferecem uma plataforma onde historiadores(as) e entusiastas podem compartilhar narrativas históricas de uma maneira acessível e envolvente. Isso permite que o público em geral tenha acesso a histórias que podem não ter sido amplamente divulgadas ou discutidas em outros meios de comunicação.

Os *podcasts* podem ser focados em temas específicos, com entrevistas e conversas que permitem que as pessoas ouvintes aprofundem sua compreensão e apreciação do assunto, além de democratizar o acesso à história, pois são facilmente acessíveis a qualquer pessoa com uma conexão com a internet e um dispositivo de reprodução de áudio. Isso significa que pessoas de todas as origens e níveis de educação podem se envolver com a história de uma forma que se adapte às suas preferências e horários.

Por fim, os *podcasts* que tratam de história pública, muitas vezes incentivam o engajamento com a comunidade, promovendo discussões, eventos e colaborações locais e isso pode fortalecer os laços entre os membros da comunidade e aumentar o interesse e o apoio às iniciativas históricas locais, além de ter a preservação da memória histórica, documentando histórias pessoais, tradições culturais e eventos importantes que podem estar em risco de serem esquecidos ou perdidos ao longo do tempo.

Ao concluir esta pesquisa e a produção do *podcast*, fica nítido que a temática envolvendo mulheres, empoderamento, feiras, gênero e história pública estão interligados de maneiras profundas e significativas. Por meio da análise das narrativas e experiências das mulheres envolvidas na entrevista de *podcast*, pode-se iluminar uma série de questões importantes e desafios enfrentados por elas.

A participação das mulheres em feiras e eventos similares é muito mais do que uma simples presença física. É uma oportunidade para elas se destacarem, compartilhem suas

histórias, promoverem suas iniciativas e contribuam ativamente para suas comunidades e setores profissionais.

Com o *podcast*, pudemos ter uma experiência imersiva e ouvir as mulheres entrevistadas para o presente trabalho, sendo estas, exemplos inspiradores que superam essas barreiras e encontram maneiras de se destacar e se tornam agentes de mudança.

O *podcast* PodEmpoderá desempenha um papel importante ao amplificar essas vozes, compartilhar suas histórias e inspirar outras pessoas a se envolverem na promoção do empoderamento feminino. Ao destacar as experiências e perspectivas das mulheres, espera-se que a pesquisa tenha também contribuído para uma maior conscientização sobre as questões de gênero e empoderamento.

É imperativo que se deve continuar a ouvir e a falar sobre a temática envolvendo história pública, feiras, empoderamento feminino e trabalho de mulheres artistas, apoiando e fortalecendo mulheres em todas as esferas da vida, fornecendo-lhes as ferramentas, recursos e oportunidades necessárias para que possam alcançar seu pleno potencial. Este trabalho também é fundamental para construir um mundo mais inclusivo, diversificado e equitativo para todas as pessoas. Que esta pesquisa e o *podcast* produzido colaborem como um ponto de partida para conversas mais profundas, ações mais significativas e mudanças reais em direção a um futuro melhor e mais igualitário para as mulheres em todas as partes do mundo.

## 5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juniele R. de et al. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ANACLETO, Adilson; COELHO, Andersanda. P.; CURVELO, Eder. B. C. As mulheres empreendedoras e as feiras livres no litoral do paraná. **Revista Faz Ciência**, v. 18, n. 27, p. 118–118, 21 dez. 2016.

ARAÚJO, Alexandre. M.; RIBEIRO, Eduardo. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercializa o nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561, 1 out. 2018.

ASSUN O da Silva, João. D., & Oliveira, Digo. L. de. (2020). ** udio documentário no cenário podcasting: por um rádio independente e de caráter social**. *Radiofonias – Revista De Estudos Em M dia Sonora*, 11(1). Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4328>

BALBINOTTI, Izabele. A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo. **Revista da ESMESC**, v. 25, n. 31, p. 239-264, 2018.

BASTOS, Marcelo Lessa. Violência doméstica e familiar contra a mulher. Lei "Maria da Penha". Alguns comentários. **Jus Navigandi**, Teresina, v. 10, 2006.

BELTRAMINI, Luísa. DE M.; CEPellos, Vanessa. M.; PEREIRA, Jussara. J. Mulheres jovens, “teto de vidro” e estratégias para o enfrentamento das paredes de cristal. **RAE-Revista de Administra o de Empresas**, v. 62, n. 6, 17 out. 2022.

BENAVIDES, Farid Samir. Femicídio e direito penal. **Revista Criminalidad**, v. 57, n. 1, p. 75-90, 2015.

BERALDO, Lilian. **Sebrae: mulheres lideram 10,1 milhões de empreendimentos no Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-03/sebrae-mulheres-lideram-101-milhoes-de-empreendimentos-no-brasil> . Acesso em: 23 jul. 2023.

BEZERRA, Juliana. **Feminismo no Brasil**. São Paulo. Toda matéria. 2018.

BLEIER, Ruth. **Science and Gender: A Critique of Biology and its Theories on Women**. Oxford/New York: Pergamon Press, 1984.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta De (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. São Paulo: Editora FGV, 1986.

BUENO, André; Neto, José Maria (Org.) **Ensino de História: M dias e Tecnologias**. 1a Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constitui o do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras, [S. l.]**, v. 78, n. Chão da feira, p. 16, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 22. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CALADO, Lenita Maria R. **Campo Grande e sua feira livre central: conhecendo a cidade através da feira**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas na Universidade Federal da Grande Dourados. 2010. Disponível em <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/337/1/LenitaMariaRodriguesCalado.pdf> Acesso em 15 de mai. de 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **NEABI - Núcleo de Estudos afrobrasileiros e indígenas**, 14 jun. 2020.

CAUVIN, Thomas. A ascensão da História Pública: uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, v. 11, n. 23, p. 8–28, 13 maio 2019.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência** 2018. Rio de Janeiro, 2018, 93p.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Vol. 1. 22ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

CONARD, Rebecca. The Pragmatic Roots of Public History Education in the United States. **The Public Historian**, Califórnia, v. 37, n. 01, fev. 2015.

CONTENTE, Renato. “**Não se assuste, pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa**”: a construção das personas políticas de Gal Costa e Elis Regina na ditadura militar brasileira. Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56588933/Nao\\_se\\_assuste\\_pessoa\\_-\\_Intercom.pdf?1526555330=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNao\\_se\\_assuste\\_pessoa\\_se\\_eu\\_lhe\\_disser.pdf&Expires=1719787104&Signature=Wl3XDj3FRglNgU9EpsWpcXMw6VWvbLfdI4TlZAnBlfhLgSrHHmwvcLe0sRX7sZBX~4OgHfCx2VgKtFDmhr4xl46mBNRA1KVGlwWufJEY~shsmNjrk3LLxtB4dh37wLfnZJOQImqQGSeLVyk~Tv4eAb6NEyU4oMYxjm0wzqn2Z6YUMLMiU2Qs6AvbZbrndzuprslytXmLd9TquvjWqbcAN8SGtHX1RiVlbcBkXJ8vCUiYAcMHWdJcKAhJ7opFxfiDqynas~oM7gTvSPKr17NdwyCC0YPV4ZJcCMhN5fQU3bJ~CEYQPn0U-EgToEPWNwjYwulfS5glzdmsVXiwoirw\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/56588933/Nao_se_assuste_pessoa_-_Intercom.pdf?1526555330=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNao_se_assuste_pessoa_se_eu_lhe_disser.pdf&Expires=1719787104&Signature=Wl3XDj3FRglNgU9EpsWpcXMw6VWvbLfdI4TlZAnBlfhLgSrHHmwvcLe0sRX7sZBX~4OgHfCx2VgKtFDmhr4xl46mBNRA1KVGlwWufJEY~shsmNjrk3LLxtB4dh37wLfnZJOQImqQGSeLVyk~Tv4eAb6NEyU4oMYxjm0wzqn2Z6YUMLMiU2Qs6AvbZbrndzuprslytXmLd9TquvjWqbcAN8SGtHX1RiVlbcBkXJ8vCUiYAcMHWdJcKAhJ7opFxfiDqynas~oM7gTvSPKr17NdwyCC0YPV4ZJcCMhN5fQU3bJ~CEYQPn0U-EgToEPWNwjYwulfS5glzdmsVXiwoirw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em 01.06.2024.

CORREA, Alzira Josiane; CARNEIRO, Simone Rezende. **O sistema interamericano de proteção dos direitos Humanos e o caso Maria da Penha**. Revista CEPPG, n. 23, 2010.

CORTES, Janaina et al. **A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional**. Anais... XVII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL. Universidade de Cruz alta, 2015.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2005.

COSTA, Caroline Rios. A força da mulher argentina: resistência e luta política nas Madres de Plaza de Mayo e no grupo# NiUnaMenos. **Revista Discente Oficinas de Clio**, v. 4, n. 7, p. 46, 2019.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 23-36, 2004.

CUNHA, Bárbara Madruga da. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. **XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR**, 2014.

DA SILVA, Rafael Ferreira Tardin; GUIMARÃES, William Gil; SARATE, Giovanne. **THAUMACAST: o podcast do cineclube debates**. Mostra do Conhecimento-Campus Bom Jesus do Itabapoana, v. 9, 2021.

DE ARRUDA, Rogério Pereira; DE VARGAS SODRÉ, Elaine Leonara; DA ASSUNÇÃO CARDOSO FILHO, Advaldo. O projeto de extensão “vozes da história” se reinventa com o *podcast* “vozes na pandemia”. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 559-573, 2021.

DE CAMPOS, Carmen Hein. Femicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista. **Sistema Penal & Violência**, v. 7, n. 1, p. 103-115, 2015.

DE SOUZA, Sheila Mendonça. **Dispersão de Homo sapiens e Povoamento dos Continentes**. 2011.

ESSY, Daniela Benevides. **A Lei Maria da Penha e a (in) eficácia do escopo preventivo no combate à violência contra a mulher**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso.

FAGUNDES, Bruno F. L. História Pública brasileira e internacional: seu desenvolvimento no tempo, possíveis consensos e dissensos. **Revista NUPEM**, v. 11, n. 23, p. 29-47, 8 maio 2019.

FARIAS, João Paulo de Oliveira. **O uso de *podcast* para o ensino e aprendizagem de história: produção e difusão com/para alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História — PROFHISTÓRIA) - Universidade Regional do Cariri, 2021.

FEIRA EMPODERAÍ. Rede Social *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/feiraempoderai>

FERNANDES, Tatiana Pires dos Santos. **OS SALTIMBANCOS DE SÃO PAULO: artistas de rua e a democratização da arte nos espaços públicos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em curso de Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

FERREIRA, Keyla Karla F.; LIMA, Josélia. B. Q. Feiras livres: entre mulheres, agroecologia e o vale do Jequitinhonha. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 12 maio 2020.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato&versões**, n. 2, p. 3-16, 2009.

FONSECA, Eduardo P. B. **Os sujeitos sociais e a apropriação do espaço na feira livre de Uberlândia / MG**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

FOSTER, Meg. Another way to enter the past. **History Australia**, v. 13, n. 4, p. 632, 2016.

FOSTER, Meg. Drawing the historian back into history: creativity, writing, and The Art of Time Travel. **Rethinking History**, v. 22, n. 1, p. 137, 2018.

FOSTER, Meg. Online and Plugged In? Public History and Historians in the Digital Age. **Public History Review**, v. 21, p. 1, 2014.

FRANÇA, Cyntia Simioni. Pereira; PAIM, Elison. “Lugares de viver, ensinar, aprender e fazer história pública: entre o colonial que deshumaniza e o decolonial prenhe de possibilidades” In: PEREIRA, Márcio José (Orgs.). **História Pública: entre conceitos, lugares e experiências**. Maringá, PR: Edições Diálogos; Rio de Janeiro, RJ- ProfHistória, 2023.

GABARDO, Maristella; DE LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. Ni una menos: ciência das redes e análise de um coletivo feminista. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 3, 2018.

GARCIA, Dorcelly Isabel Bellanda et al. Inclusão, acesso e permanência no ensino superior: ações em destaque. In: SÉRIO, Andréa; PRIORI, Cláudia. (org.). **Diversidade em fricção: educação em Direitos Humanos em construção na Universidade**. Curitiba: Ed. CBT Brasil Multimídia, 2020. p. 203-228. Disponível em: <https://www.unespar.edu.br/projetos/cedh>. Acesso em: 06 jul. 2022.

GOMES, João Eduardo Costa et al. **NuMemCast: compartilhando memórias**. In: 6º Salão De Pesquisa, Extensão E Ensino Do Ifrs. 2021.

GOMES, Valquiria Rodrigues et al. Homicídio de mulheres vítimas de violência doméstica: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 6, n. 3, 2016.

GONÇALVES, Tamara Amoroso. **Direitos humanos das mulheres e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos**. Editora Saraiva, 2017.

GONZALEZ, Débora de Fina. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, p. 239-243, 2014.

GUEDES, Rebeca Nunes; DA SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti; DA FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 3, p. 625-631, 2009.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, p. 61–73, jun. 2014.

INFORME (livro eletrônico): feminicídios no Brasil 2023: monitor de feminicídios no Brasil / coordenação Silvana Mariano. Londrina, PR : Ed. dos Autores, 2024. ISBN 978-65.00.95543-9.

JAQUES, Felipe. **Podcast e o Ensino de História: análises de duas propostas realizadas no Profhistória e apresentação de uma nova perspectiva**. XIII Encontro Estadual De História-História E Mídia: Narrativas Em Disputa, p. 1-15, 2020.

JOHNSON, Wesley. An American Impression of Public History in Europe. **The Public Historian**, Califórnia, v. 6, ed. 4, p. 87-97, 1984.

JONATHAN, Eva. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, p. 65–85, 2011.

KELLEY, Robert. Public History: Its Origins, Nature, and Prospects. **The Public Historian**, Califórnia, v. 1, ed. 1, p. 16-28, 1978.

LEAL, José Carlos. **A Maldição da Mulher**: de Eva aos dias de hoje. São Paulo: Editora DPL, 2004.

LEITE, Renata M.; NORONHA, Rosangela M. L. A **violência contra a mulher**: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas. 2015. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/view/959>

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. BOD GmbH DE, 2019.

LIMA, Lana Lage da Gama. As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher no Rio de Janeiro: uma análise de suas práticas de administração de conflitos. **Família, Mulher e Violência**. Vitória: PPGHis/UFES, 2007.

LIMA, Larissa Alves de Araújo et al. Marcos e dispositivos legais no combate à violência contra a mulher no Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, n. 11, p. 139-146, 2016.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; GABARDO, Maristella. Ni una menos: a luta pelos direitos das mulheres na Argentina e suas representações no *Facebook*. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, p. 801-824, 2019.

LÔBO, Gutierrez Alves; LÔBO, José Tancredo. Gênero, machismo e violência conjugal: um estudo acerca do perfil societário e cultural dos agressores de violência doméstica e familiar contra as mulheres. **Revista Direito & Dialogicidade**, v. 6, n. 1, p. 45-56, 2015.

LUNARDI, Rafaela. **Elis Regina: entre o canto e a política na década de 1970**. Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte, ISSN-e 2178-3845, ISSN 1516-8603, Vol. 16, Nº. 29, 2014, págs. 187-202. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8305891.pdf>. Acesso em 11.05.2024.

MACHADO, Lia Zanotta. Atender vítimas, criminalizar violência: dilemas das delegacias da mulher. **Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília**, 2002.

MAGALHÃES, A. H. R. et al. Street market saleswomen: strategies for the recognition of health needs. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, p. e20180520, 2020.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, ed. 74, p. 135-154, 2017.

MARQUES, Brenda Moreira. A atuação do movimento Ni Una Menos como rede (feminista) de ativismo transnacional na luta contra a violência de gênero na Argentina (2014-2016). **Fronteira**: revista de iniciação científica em Relações Internacionais, v. 18, n. 35, p. 62-87, 2019.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniê R. DE; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. 1ª edição ed. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2016.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução** - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2014.

MOREIRA, Raissa Gonçalves de Andrade; MATOS, Denilson Pereira de; PESSOA, Ercilene Azevedo Silva. O podcast como gênero discursivo-digital: história, usos e definições atuais. **Matraga**, v. 31, n. 61, p. 55-74, jan./abr. 2024.

MORAES, Alender Max de Souza; ALVES, Juliana Beatriz da Silva e GOMES, Bárbara Porto. **Lei Maria da Penha: Direitos Adquiridos e sua Implantação no Sistema Brasileiro**. REVISTA JURÍDICA DIREITO, SOCIEDADE E JUSTIÇA, 6(8). Recuperado de <https://periodicosonline.uems.br/index.php/RJDSJ/article/view/4118>.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. Anais do. XVI Encontro Regional de História da ANPUH, 2014.

MULHERES empreendedoras da Zona Norte de São Paulo. Museu da Pessoa. Ano. Disponível em [https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/mulheres-empendedoras-zn/?gclid=CjwKCAjw-IWkBhBTEiwA2exyO-Ia2Qxy0vPNmAnMx6\\_yL9yDZOZ0SvV2w\\_nvjnlsJ8N6TQZGCAWHrBoCrSMQAvD\\_BwE#intro-1](https://www2.museudapessoa.org/exposicoes/mulheres-empendedoras-zn/?gclid=CjwKCAjw-IWkBhBTEiwA2exyO-Ia2Qxy0vPNmAnMx6_yL9yDZOZ0SvV2w_nvjnlsJ8N6TQZGCAWHrBoCrSMQAvD_BwE#intro-1). Acesso em: 01 de mai. de 2023.

NEVES, Julia MW et al. **Ensino e Aprendizagem de História através da Construção Colaborativa de Podcasts**. In: Anais do IV Congresso sobre Tecnologias na Educação. SBC, 2019. p. 544-549.

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. A evolução do conceito de família. **Revista Pitágoras**, v. 3, n. 3, 2012.

NUNES, Eliana Duarte; DOS SANTOS, Rita de Cássia Grecco. Ensino de história: o uso do *podcast* para estudantes com deficiência visual. **VERUM: Revista de Iniciação Científica**, v. 1, n. 2, p. 31-47, 2021.

OLIVEIRA, Aleksandra Flávia B. de. **Feira Livre de Bodocó como espaço educativo em relação as africanidades bodocoenses**. Tese de Doutorado. 2016.

OLIVEIRA, Ana Carolina Gondim de A.; COSTA, Mônica Josy Sousa; SOUSA, Eduardo Sérgio Soares. Femicídio e violência de gênero: aspectos sociojurídicos. **TEMA-Revista Eletrônica de Ciências** (ISSN 2175-9553), v. 16, n. 24; 25, 2016.

OLIVEIRA, João Paulo; MENESES, Sônia. Metodologias ativas, ensino de história e o uso da mídia *podcast*: mobilizando saberes para além do espaço escolar. **Revista História Hoje**, v. 11, n. 23, p. 152-179, 2022.

OLIVEIRA, Werley Pereira & FERREIRA, Maria da Luz Alves Ferreira. (2023). **GÊNERO E DEFICIÊNCIA: CORES EM FRIDA KAHLO**. REVISTA FOCO, 16(02), e1136. <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n2-185>.

ONOFRE, Camila. **Cinema horror e história pública: um olhar sobre as representações das mulheres nos filmes Grave (2017) e Orgulho e Preconceito e Zubis (2016)**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, Universidade

Estadual do Paraná (Unespar), Mourão, 2021.

OTTO, Claricia. O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, p. 238-241, 2004.

PEDRO, Joana Maria. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 11, p. 509–512, dez. 2003.

PINHEIRO, Elton Bruno B. Podcast e acessibilidade: apontamentos teóricos e metodológicos. **Revista GEMInIS**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 45–66, 2020. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/570>. Acesso em: 26 mar. 2024.

PODEMPODERÁ. Entrevistadas: Giovanna Godoy, Kemmy Fukita e Suzy Costa. Entrevistadora: Priscila Alves de Brito. 29 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1gcpjZSZHCn2pYR2Nzg12G>. Acesso em 01.02.2024.

PORTELLI, Alessando **História Oral como arte da escola..** São Paulo: Editora Letra e Voz, 2016.

PRIORI, Claudia; PEREIRA, Márcio José (Orgs). **Os estudos de gênero e seus percursos: Intersecções possíveis com a História Pública.** Ed. Brazil Publishing. 2020. p. 240.

PRISCILA BRITO. Pinturas Priscila Brito. Rede Social. Disponível em: <https://www.instagram.com/pinturas.priscilabrito>

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, p. 1-8, 2003.

RAGO, Margareth. A liberdade entre a utopia e a história: Luce Fabbri e o anarquismo na América do Sul. **Cadernos Pagu**, n. 8/9, p. 279–317, 1997.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 89–98, 1998a.

RAGO, Margareth. Modernizar para conservar: relações de gênero em São Paulo nas décadas iniciais do século vinte. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 419–427, 1998b.

RAGO, Margareth. O elogio do sexo da mulher. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 291–297, 2000.

RAGO, Margareth. Prefácio à Emma Goldman. Tráfico de Mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 37, p. 263–271, 2011.

ROCHA, Lia de Mattos. **A vida e as lutas de Marielle Franco.** Revista EM PAUTA da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro \_ 2o Semestre de 2018 - n. 42, v. 16, p. 274 – 280. Disponível em file:///C:/Users/prisc/Downloads/admin\_depext,+18\_HOMENAGEM+DE+VIDA.pdf. Acesso em 15.05.2024.

ROCHA, Patrícia Q.; VARGAS, Maria Augsuta A. M. Redes de mulheres feirantes no Sertão Baiano. **Revista Cerrados**, v. 19, n. 01, p. 249–270, 1 maio, 2021.

ROCHEFORT, Christiane. O mito da frigidez feminina. *In*: DURAN, E. (Org.). *Liberação da Mulher*. Ano Zero (1978). pp. 45-60, Belo Horizonte: Interlivros.

ROVAI, Martha. G. DE O. **História oral e história das mulheres**: Rompendo silenciamentos. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2017.

ROVAI, Martha G. de O; MONTEIRO, Livia. N. História das mulheres e História pública: desafios e potencialidades de um ensino posicionado. *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 14(27), 2020, p. 206–230. <https://doi.org/10.30612/rehr.v14i27.12358>

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. ed. [s.l.] Expressão popular, 2015.

SAFFIOTI, H Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe Social. *In*: OLIVEIRA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. x ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (eds.). **História Pública no Brasil**: Sentidos e itinerários. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 13.

SANTOS, João Manuel. Narrativas do passado e o poder da comunicação: um relato de experiência sobre a produção de *podcasts* e a formação do professor de História. **Em Extensão**, v. 18, n. 3, 2019.

SATO, Leny. **Feira Livre**: organização, trabalho e sociedade. 2006. Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA, Gabriela Correa da. Representação do Passado e História Pública: a História das Mulheres na Internet. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, set./dez. 2016.

SIMÃO, Valdecir Antonio et al. Tecnologias digitais na educação: possibilidades e fragilidades. **Revista Contemporânea**, 2023, 3(9), 14872–14892. <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-076>

SOUZA, Livia S. de. Sobre o feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 18 jan. 2021.

TEIXEIRA, Rivanda M.; BOMFIM, Leia Cristina S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44–64, 10 mar. 2016.

TEIXEIRA, Vinicius Santos; MARCUSSI, Adriana Paula Slongo; GUIMARÃES, William Gil. **Cadeia produtiva**: criação de um *podcast* gastronômico como auxílio no processo de

ensino-aprendizagem. Seminário de Pesquisa, Extensão Inovação e Empreendedorismo do Centro de Estudos Interdisciplinares em Alimentação e Hospitalidade, v. 1, 2022.

THEODORIDIS, Nicolas. **História Pública e Privada. Historicidade, surgimento e atualidade no Brasil.** Disponível em: [https://www.academia.edu/41423262/Hist%C3%B3ria\\_Publica\\_e\\_Privada\\_Historicidade\\_surgimento\\_e\\_atualidade\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/41423262/Hist%C3%B3ria_Publica_e_Privada_Historicidade_surgimento_e_atualidade_no_Brasil) . Acesso em: 22 jul. 2023.

THEODORIDIS, Nicolas. História Pública no Brasil e no Mundo. *In*: 31º Simpósio Nacional de História Pública, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2021, p. xx-yy.

TOMAZ, Mariana A. Projeto de “artesãs empreendedoras”: **trajetórias de mulheres em um programa de inserção produtiva.** Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TREVISAN, Emerson. **A feira livre em Igarassu:** uma análise a partir dos dois circuitos da economia; a convivência do formal e o informal. Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

VIDEIRA, Juliana Cintia. Dissertação de Mestrado em Ensino de História. **Elza Soares na escola: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história.** Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/prisc/Downloads/videira\\_julianacintia\\_mp.pdf](file:///C:/Users/prisc/Downloads/videira_julianacintia_mp.pdf). Acesso em 15.05.2024.